



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

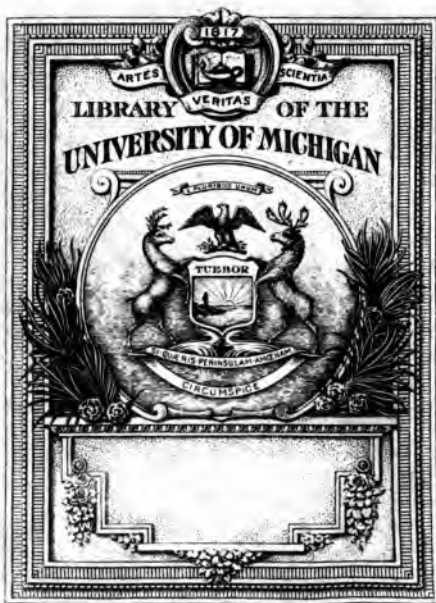
Pedimos que você:

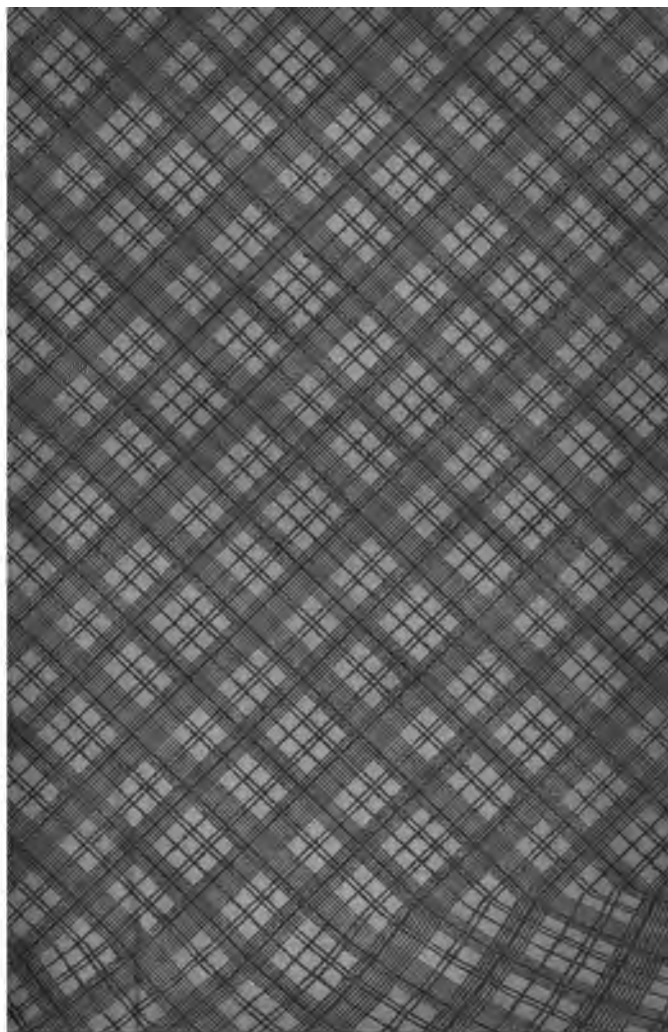
- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>









11/11/11



249
GAMA,

POEMA NARRATIVO,

A U T H O R

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.



**LISBOA ,
NA IMPRESSÃO REGIA.**

1811.

Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.

*Vende-se na Loja de Desiderio Marques Leão no
largo do Calhariz, N.º 12.*

8169.8

M14390

DEPARTMENT OF THE ARMY
HEADQUARTERS
WASHINGTON, D. C. 20315
OFFICE OF THE ADJUTANT GENERAL
ATTENTION: ADJUTANT GENERAL
MAIL ROOM

DISCURSO.

A Acção do Descobrimen-
to da India he grande em Navegação, em Po-
litica, em Commercio, em Geografia,
em Astronomia, e sobre tudo he gran-
de em Historia; e poucos são os aconte-
cimentos, que nos annaes do Mun-
do se apontem tão maravilhosos. Mas
esta acção portentosa, sendo grande
em tudo, he pequena, he minima em
Poezia. De todas as acções Epicas he a
mais esteril. Corrao-se com o entendi-
mento as antigas, e modernas, todas
ellas apparecerão grandes cotejadas com
huma monótona viagem de mar. Sem
me lembrar da Illiada, e Eneida. Lu-
cenaq achou mais vasto campo na Eneida.

salia, Silio Italico na guerra Púnica, Valerio Flaco na expedição dos Argonautas, (porque tudo quanto vião pelas costas da Grecia até ao Phasis era Poezia), Trissino na Italia libertada, Tasso na Jerusalem, Milton no Paraiso ou perdido, ou conquistado, Voltaire na Henriade. Qualquer destas acções, considerada como o centro de hum circulo, pôde o Poeta tirar do centro para a circumferencia as linhas, ou raios que quizer; por exemplo, Torcato Tasso leva seu Heróe ao cerco de Jerusalem, assenta seus arraiaes defronte desta Cidade; eis-aqui o Poeta constituído em relação com toda a Natureza, e fixo no centro de huma circumferencia immensa de acontecimentos, que elle pôde fingir, e crear a seu sabor; todos parecerão verosimeis, todos conservarão relações íntimas com a principal acção. Isto que digo de Tasso, pos-

so dizer de tres Epicos nossos , de grande momento , Gabriel Pereira de Castro , na fundação de Lisboa , pode fingir o que quizer. Vasco Mousinho de Quebedo , pode fazer o mesmo na tomada de Arzila ; e outro tanto Francisco de Sá de Menezes , no sitio de Malacca , e sua conquista. Nada disto pôde succeder no descobrimento da India. Contemplemos a acção historica. Duzentos e tantos homens , repartidos por tres embarcações sahem em Julho de 1497 da barra de Lisboa , engolfão-se no Oceano , vendo-o sempre , e o Ceo , ou horizonte que o limita ; dobrado o cabo , que já tinha dobrado Bartholomeu Dias , e demandando o Norte pela costa da Cafraria , desde hum Ilheo não visto pelo mesmo Dias , atravessão para o Nascente o Oceano , e chegão á Ilha de Anchediva , e aportão em *Calecut*. Depois de verem *Calecut* na cos-

ta do Malabar ; póda haver muita materia para a historia, mas acabou-se a materia para a Poezia. A materia da Eneida finda apenas expira Turno ; a materia da Jerusalem finda, apenas Godfredo adora o sepulcro ; a materia do descobrimento da India finda, e deve acabar apenas Vasco da Gama vê Calecut. Descobrir a India, esta he a acção : o principio he o embarque ; o meio he a viagem ; o fim he a chegada a Calecut. Constituida esta acção nas mãos da Poezia, pede-se-lhe hum Poema Epico, ou Narrativo, que he o mesmo. A Poezia tem só tres funcções ; a primeira, inventar ; a segunda, dispor ; a terceira, annunciar. A' invenção pertence a fabula, á disposição pertence a ordem symetrica, á annunciação pertence o estilo. A fabula deve ser maravilhosa, e verosimil ; a ordem deve ser regular, e natural ; o estilo deve ser su-

blime, e poético. Ora a essência da Epopeia constitue-se por duas trincas cousas, pelo que retarda, e pelo que apressa a conclusão, ou o complemento da acção. Este apressamento, ou este retardamento da conclusão he executado por agentes sobrenaturaes, a que se chama o maravilhoso, ou pelas circumstancias incidentes na marcha da acção na ordem natural, que se chamão episodios. O maravilhoso deve ser tirado do seio da Religião, seguida pelo Heróe, e pelo Poeta; e os episodios naturaes devem conservar intima, e estreita ligação com a acção principal. Tudo isto, a que eu chamo a Poética da razão, se contrecerá melhor com hum exemplo, como he o da Jerusalem. A Religião de Gofredo, e do Tasso, he a Religião Christã; do seio desta he tirado o maravilhoso do que retarda, ou apressa a conclusão d'acção. Temos al-

VIII

li o ministerio dos Anjos, e o dos Demonios, conforme aos infalliveis principios do Christianismo. Deos faz executar sua vontade pelo ministerio dos Anjos: o Demonio se oppõem á santa empreza ou por si, ou pelo ministerio dos magicos, como Ismeno, e Armida. Os episodios, ou incidentes, nascem da natureza da acção, como discordia entre os Capitães; separação de Rainaldo pela morte de Gernando; secca universal que atormenta o exercito; sortidas, escaramuças, ataques, pelejas, ou geraes, ou singulares como a de Clorinda, e Tancredo, ou a de Argante com o mesmo Tancredo; a morte de Gildipe e Odoardo, a de Solimão, a de Emireno, e outros muitos incidentes, que emanão da mesma acção. Appliquemos estes principios, tirados da luz da natureza, que he a regra unica do gosto, á acção da descobrimento da India. Que cousa

póde apressar o complemento desta acção na ordem sobrenatural? Deos, que escolhe este meio para que sua Religião se conheça no Oriente, elle o dirige pelo ministerio dos Anjos, e dos Justos. Que póde retardar o complemento desta acção na mesma ordem sobrenatural? O Demonio, ou o Espirito da Idolatria, que receia ver cahir seu Imperio entre o Gentilismo Oriental. Que episodios podem na ordem natural, apressar, ou retardar o projectado descobrimento, que he o fim da acção? A bonança o adianta, a tempestade o retarda, ou o demora em algum paiz a que os baixes aportem. Nenhuma outra cousa póde succeder a huns navegantes confinados na estreita prizão de hum navio, e que se dirigem a hum porto, objecto unico da viagem. Nada ha mais esteril que a monotonia da navegação de Vasco da Gama, que só busca ver o

Oriente, e ir além do Cabo; em conseguindo isto, acabou-se a acção. Que podia elle encontrar pelo Oceano, quando a sua viagem não era vaga como a de Cook pelo mar pacifico, ou pelo austral? Valerio Flaco conduz os Argonautas não a hum descobrimento, mas a huma conquista. Vasco da Gama, não hia conquistar, hia ver, e descobrir sómente. Tacs são as razões porque o descobrimento da India he huma acção esterilissima em Poesia, falta a matéria, por mais que sobre o engenheiro nada que fora o de Claudiano, que souba fecundar esterilissimos assumptos, e a que á primeira vista parece hum objecto grande, bem analysado não o he em si; por se Forcato Tasso dizer em Boneto que as navegações de Vasco da Gama e de El-Rei não derão da impiedade do mundo, e não conta o elogio de Vasco da Gama, e não conta

tão profundo conhecedor da theoria da sua arte.

A' vista disto parece que ha em mim huma manifesta contradicção, conhecer a esterilidade do assumpto, e tratar este mesmo assumpto depois de existir sobre elle o Poema, a que podemos chamar nacional, e que tamanho estampido tem dado, e dá ainda pelo Universo. Sobre este Poema existe huma decisão de Racine, que define assim as Lusiadas -- Este Poema he a relação de huma viagem, na qual as Divindades do Paganismo representam papéis ridiculos, e absurdos -- Bacco apparece em Moçambique feito Clerigo, e Capellão de huma Ermida do Espirito Santo, na qual os Portuguezes descobrem hum painel em que está pintado o profundo mysterio da descida do Espirito Divino; Bacco com os paramentos Sacerdotes, sustenta o thuribulo no

na mão , e adora o Deus verdadeiro :

O Tioneo , e assim por derradeiro ,

O falso Deus adora o verdadeiro.

Isto he ridiculo , he absurdo , he impio. A Deosa Thetis conta a Vasco da Gama a vida , os milagres , e o martyrio do Apostolo S. Thomé , e esta mesma Deosa Thetis que faz esta longa , e verdadeira relação , diz em termos expressos , ao mesmo Gama , que ella não existe , e que apenas he huma figura de Rhetorica com que se podem enfeitar os versos : isto he louço , e extravagante. O Heróe , além de ser quasi sempre nullo , conserva tão pouca dignidade , que mettido na cadêa pública de Calecut consegue a sua soltura por hum fardo de panno Portuguez ,

Escreve a seu Irmão que lhe mandasse

A fazenda com que se resgatasse.

E, effectivamente este rolo de panno he levado pelos dois Caixeiros, Alvaro, e Diogo. Isto he ignorancia pueril. Vasco da Gama implora o auxilio de JESU-CHRISTO em huma horrivel tempestade, condoe-se a misericordia divina, Venus, e as Ninfas do mar são os seus instrumentos, e Venus em termos claros promette aos ventos boas noites em companhia das Nereidas, se se aplacassem; isto he execrando, e abominavel. Vasco da Gama imbuta ao Rei de Melinde toda a historia de Portugal, sem omittir hum só facto, isto he inverosimil, e absurdo. Offerece ao Catual bordada em huma bandeira da não a mesma historia, isto he, huma miniatura mais irrisoria, que a do escudo de Achilles.

Quodcumque ostendis mihi sic, incredulus odi.

Nas *Lusiadas* a proposição he vaga e o.

maravilhoso absurdo, a ordem episodica; pois tirado o alheio da acção, e o superfluo, o Poema se póde reduzir a huma quarta parte; e o estilo pela maior parte he glacial, e perfeitamente prosaico. -- Eis-aqui o que diz o Traductor de Milton, e o Author do Poema da Religião, e da Graça. Hum Jesuita Portuguez diz o contrario, e affirma --

Vertere, fas; aequare nefas, aequabilis uni

Est sibi; par nemo, nemo secundus erit.

A amarga verdade do primeiro, a hyperbolica asserção, e profecia do segundo, me obrigou a lançar mão deste assumpto, lutando contra sua natural esterilidade, e affrontando o pezo da authoridade, e a impostura dos seculos, e desprezando o ridiculo encolhimento que nos causa a opinião.

Vivo em hum seculo, em que o Imperio da Razão tem dilatado quasi infini-

nitamente seus limites. Na Filosofia, nas Sciencias exactas, no conhecimento da Natureza, temos progredido prodigiosamente. Spinoza, Newton, Buffon, La Place, Locke, dilatárão os confins do entendimento. E porque não ha de igualmente progredir o Imperio da Imaginação? Porque havemos de ficar sempre áquem dos que nos precederão nas obras de puro engenho? A servil imitação, e a estúpida admiração dos Antigos, nos encadeia desgraçadamente. Se eu não transgredir felizmente as vergonhosas ballizas, que a nossa indolençia tem plantado no campo immenso das boas Artes, com a minha mesma quédia realizarei a possibilidade que ha de as passarmos.

Quem si non tenuit, magnis tamen excedit ausis.

*O Editor declara que não reconhece
já por verdadeiro Exemplar algum des-
ta Obra , sem que elle proprio o marque
depois de impresso , com a sua Firma.*



L
A
LUIZ DE CAMÕES,
ODE PINDARICA.

E S T R O F E I.

QUANDO, do Joven Macedonio o Busto,
Vio de louros cercado,
Da livre Roma, o Domador injusto,
E em cem cadeias a seus pés ligado
O já vencido Oriente;
E té á ignota, barbara corrente
Do caudaloso Hydaspe, e turvo Ganges
Irem correndo indomitas falanges;

A N T I S T R O F E I.

Dos torvos olhos lhe escorrega o pranto,
Ao ver, que em tenra idade
Do Grego as armas se exaltarão tanto,
Que a estrada abriu seu nome á eternidade;
Ao ver, que em dura guerra
Se lhe curva, e se prostra humilde a terra;
Que a Fama sua revolta triunfante,
Des de o cume do Gange ao mar d'Atlantida.

E P O D O I.

De inveja generosa,

Se lhe desprende a chamma,

Da louros cubiçosa;

Nome immortal se finge, e eterna fama;

Senhor do livre Imperio,

Julga estreito theatro este hemisferio.

E S T R O F E II.

Valoroso Themistocles se inflamma,

Em nobre amor da gloria,

Quando do Heróe Milciades a fama

Eterna vio no Alcaçar da Memoria;

O ferreo escudo embraca,

Do Persa altivo as hostes despedaçã,

Nada os guerreiros impetos lhe impede,

E do rival sublime o esforço excede.

A N T I S T R O F E III.

A estrada piza trabalhosa, e dura,

A's grandes almas franca,

Nos pátrios muros os troféos pendura,

Que exporua guerra aos barbaros arruina,

Da Grecia vencedora,

N'Asia o Estandarte triumphante avora,

E muito além do Bósforo, e do Oronte,

Cinge de louros immortaes a fronte.

É P O D O II.

A emulação sublime,
 Ignota ao povo rude,
 Em nobre peito imprime
 Com viva luz a imagem da virtude :
 E após o premio, e c'rôa
 Galga a fragosa estrada, aos astros vôa.

E S T R O P E III.

Pieria chamma, q' á minha alma desce,
 Teu canto contemplando,
 Mais, e mais em ardor s'expande, e cresce,
 E vai contigo, ó Cysne, aos Ceos voando,
 Fito os olhos na terra;
 Quanto entre o berço, e túmulo s'encerra
 Do flammejante Sol, louva teu nomé,
 A Inveja o teme, o Tempo o não consome.

A N T I S T R O P E III.

Des de o Indo espumante ao Téjo undoso,
 Teu canto sublinado,
 Junto ao cañto, que exalta o Heróe piedoso,
 Repete o Mundo attónito, assombrado :
 Do Cantor do Tamiza,
 Que vôa além do Pindo, e os astros piza,
 O canto, apar do teu, menos jucundo,
 Se antolha ao povo, que assoberba o Mundo.

E P O D O III.

Quando observa nos ares
 O medonho Gigante,
 Que funebres pezares
 Horrendo agoira ao Luso navegante,
 Menos préza a pintura
 Do soberbo Satan na estancia escura.

E S T R O F E IV.

O solitario Volga, o algente Néva,
 Onde o divino canto
 Do Messias eterno aos Ceos se eleva,
 Cheios t'ouvem cantar d'assombro, e espanto;
 O Danubio suspende
 A larga veia, que as campinas fende,
 E, demorando o feudo ao immenso pégo,
 Para ao nome de Ignez, como o Mondego.

A N T I S T R O F E IV.

O turbulento Sena, envolto em sangue,
 Que suspira, e prantêa
 Os tristes fados do Monarcha exangue,
 E a liberdade em barbara cadêa,
 Em números toantes
 Te conyerte as Canções altisonantes;
 Entre infernal estrépito de guerra
Grande não cessa de mostrar-te á terra.

E P O D O IV.

Do Tempo o braço armado,
 Que envolve em luto escuro
 O nome sublimado,
 Que abriu lisonja em jaspe, e bronze duro,
 He já por ti vencido,
 Tu vòas sobre os seculos erguido.

E S T R O F E V.

Quem me anima a seguir-te? ... Oh Natureza,
 Teu profundo thesouro
 Não s'estanca jámais, e alma riqueza
 De teus dons me promete a palma, o louro
 Com desmedido excesso;
 Mais que em carreira olympica arremessó
 A carroça veloz, que o espaço piza,
 E além me arrojó da fatal baliza.

A N T I S T R O F E V.

Acaso pôde acceza Fartasia,
 Das Musas pelo Imperio,
 Menos que pôde audaz Filosofia,
 Devaçar, conhecer o espaço ethério?
 Foi pelo Ceo radiante
 Seguir cometa excentrico, aberrante;
 Descortinou mais Sóes no ermo profundo,
 Mais dilatando os terminos do Mundo.

E P O D O V.

De Athenas a memoria,
 Da septicole Roma
 A sapiencia, a gloria,
 A razão cultivada a excede, e a dóma.
 Brillhante tocha acceza
 Abre, descobre o seio á Natureza.

E S T R O P E VI.

Mais que Dédalo aos ares se abalança
 O resoluto engenho,
 E os astros quasi na carreira alcança,
 De lá não teme o fúnebre despenho:
 E qual nos turvos mares
 Dá leis no Imperio dos vedados ares;
 E quando o Ceo se enluta, e tóa, e chove,
 Vai o raio arrancar das mãos a Jove.

A N T I S T R O P E VI.

Onde Platão sublime, e de Estagira
 O Genio portentoso
 Não pôde penetrar, vai longe, e gyra
 O timbre illustre do Tamiza undoso:
 E no profundo pégo,
 Da mente humana labyrintho cégo,
 Impervio á Estôa, eis Locke se adianta,
Luminosos sanas nas sombras planta.

E P O D O VI.

A'quem do vôo ousado ,

O' Cysne altisonante ,

No espaço dilatado

Eu não posso ficar , eu corro óvante ;

A divinal Poesia

Inda a mais altos Ceos meus passos guia.



3

4

5

6

7

8

9

10



G A M A.

CANTO PRIMEIRO.

O DOMADOR do tímido Oceano,
 Que, ousado rodeando a Africa ardente,
 Mais do que he dado á força, ao peito humano,
 Abrio as portas do vedado Oriente;
 E o sceptro, a gloria, o nome Lusitano
 Levou do Hydaspe á barbara corrente,
 Se em sorte me foi dada E'pica tuba,
 Em meus versos farei que aos astros suba.

Musa do ethereo Choro, que inflammaste
 A remontada immensa fantasia
 Ao Cantor de Goffredo, e lhe inspiraste
 Sons nunca ouvidos em mortal poesia;
 E além de Esmyrna, e Mantua o levantaste
 De eterno canto em mágica harmonia;
 Pois he mais que Goffredo o illustre Gama,
 Dá, que ignale meu canto o Heróe na fama...

E vós, Senhor, que a Lusitana terra,
 Em quanto longe está Príncipe Augusto,
 Regeis nos trances da sangüinea guerra,
 Que as furias quebra do Oppressor injusto;
 Deixai que o estro, que meu peito encerra,
 No eterno Templo vos levante hum Busto;
 Vós meu canto acolhei, e hum monumento
 Deixai que eu vote ao mérito, ao talento.

Se em vós não víra, em vós não conheçera
 Alta sciencia, espirito profundo,
 E tudo quanto a Natureza dá
 Aos grandes Genios, aos Fanaes do Mundo,
 De Pindaro o furor, de Horacio a esfera,
 E o grão saber de hum Cicero facundo,
 Não consagrara a vosso Nome o canto,
 Que após o patrio Cygne aos Ceos levanto.

Eis se me antolha, que se move a dura
 Pedra, que as cinzas gélidas lhe esconde,
 E sahe da triste antiga sepultura
 A grande sombra; e não sei como, e donde
 Em nova luz a face lhe fulgura,
 E a voz, que ao torvo aspecto corresponde,
 Me faz ouvir altissonante brado,
 E me atalha de arte o vós cunhado.

C A N T O I. 11

Queres com frôxo, com rasteiro accepto
Seguir os tons do bronze bellicoso?
Queres com mal aconselhado intento,
Seguir rival meu impeto fogoso?
Qual Icaro subindo ao Firmamento,
Virás dar nome infausto ao Têjo undoso,
Contra a força dos seculos pelejas,
Se por vencer meus extases forcejas.

He difficil a empreza, he arduo empenho,
Do temerario passo eu me confundo,
Arte divina quer, divino engenho,
Com que, transponha o pélagó profundo;
Posso evitar o funebre despenho,
Se vosso nome me escudar no mundo;
Delle me cerca a luz, me cerca a gloria,
E me abre a estrada ao Templo da Memoria.

Assomou n'Horizonte a luz, e o dia,
Pelos decretos eternaes marcado,
Que novo aspecto ao Mundo outorgaria,
Passo abrindo no mar té alli fechado,
Por onde o Luso Imperio estenderia
D'Aurora ao berço o sceptro levantado,
Sendo d'Oriente lúcido escutada
A Lei que aos homens foi dos Céos mandada.

Na guerra vencedor, na paz ditoso,
 Manoel, as aureas rédeas sustentava,
 Do paternal Imperio glorioso
 Nome, fama, braços mais dilatava;
 A mão do Eterno Todo-Poderoso
 Para tamanha empreza o preparava:
 Hum Deos o alevantou, hum Deos o elege,
 Fôrma seu coração, seus passos rege.

Na ethérea estancia além do Firmamento,
 E delle tão remota, e tão distante,
 Quanto do escuro, do tartáreo assento
 Ou corre, ou fixo brilha o Sol radiante,
 A Eternidade tem por fundamento
 Aureo solio do immenso Dominante;
 Cercado está de nuve' espessa, e escura,
 Mas que não tolhe a luz serena, e pura.

Bem como do purpureo, e claro Oriente
 Rompe do Sol o disco esbrazeado,
 E o matutino raio refulgente
 Vem de sombrias faxas rodeado,
 Que inda assim manda a luz resplandecente,
 De carregadas nuvens embuçado;
 Assim do throno augusto se derrama
 Por entre espesso nevoeiro a chamma.

Os Serafins ao longe as prateadas
Azas voltam ao rosto, ao rosto estendem,
Mal supportando as vivas, e abrazadas
Luzes, que em torno ao solio as sombras fendem:
E mais perto das nuvens conglobadas
Alguns ás vozes do Immortal attendem,
E rápidos, qual fogo, ou quaes os ventos
Voáo, s'escutáo divinaes accentos.

A voz se ouviu, que Rafael chamava,
E vezes tres soou no Empyreo o brado,
Gloria tres vezes ao Senhor clamava,
O excelso Choro Angelico humilhado:
Em distancia infinita o Sol parava,
Ao rebombo da voz como assustado,
E nas profundas solidões do Espaço,
Suspende igneo Cometa o incerto passo.

A voz á terra chega, e suspendêrão
Turvas ondas a furia impetuosa,
Largos rios caudaes retrocedêrão,
D'altos Andes na frente nebulosa
Espantosos volcões subito ardêrão;
E o globo todo á voz imperiosa
Sobre os trémulos eixos balança,
E entrar no chão outra vez recata.

Vôa, diz o Senhor, e ao Luso ínfima
 Que vença, e dome o tímido elemento,
 Que nas azas do Tempo se aproxima,
 Entre seculos mil, fatal momento :
 Que minha lei publique, e a leve ao clima,
 Onde o brilhante Sol tem nascimento,
 Desterre o erro, os Idolos suplante,
 Sobre a ruina sua a Cruz levante.

Que affronte ousado os esquadrões rompentes,
 Que ant'elle as armas deporão medrosos;
 Que d'estranhas nações, barbaras gentes,
 Eu lhe darei thesoiros preciosos :
 Cativos Reis em ríspidas correntes
 Hão de dobrar pescocoos alterosos;
 Dize, que he meu pastor, que a voz me escute,
 E meu Decreto impávido execute.

Disse o Senhor, e já do ethéreo assento
 Desce o Anjo batendo as aureas pennas ;
 Eis rompe o crystallino Firmamento,
 De eterna luz as regiões sérenas :
 Mais ligeiro que o fogo, e mais que o vento,
 Brilhantes azas commovia apenas ;
 Do rosto, e corpo tanta luz rebenta,
 Que junto ao Sol passando, o Sol se augmenta.

Passa milhões de legoas, e, onde t'ôa
 Rompendo o raio a nuvem, se suspende;
 Eis descobre a fátidica Lisboa,
 Que o ar co' a fronte torreada fende;
 De sete montes immortal corôa,
 Que ao Têjo feito hum mar soberba impende,
 E, sustentando hum sceptro soberano,
 Alli se diz Rainha do Oceano.

Já vem proximo á terra inerte, e escura,
 E lhe fluctúa a veste roçagante
 De materia subtil, mais clara, e pura,
 Que a luz refracta em sólido diamante:
 Em roda traz d'angelica cintura,
 E lhe pende hum listão vivo, e brilhante,
 Qual lúcida safira; e louro, e bello
 Desce em anneis finissimo cabello.

Qual ferida do Sol nos Alpes brilha
 Neve, assim brilha o rosto luminoso,
 Qual o raio seoz, que os ares trilha
 Por entre hum Céo nocturno, e nebuloso;
 Tal o rastro que deixa; oh maravilha!
 Que entre as sombras reluz do Têjo undoso,
 E tão suaves millos derrama,
 Que a muito longe os ares embalsama.

De purpura brilhante, e de ouro orladas
 As azas a compasso, e cerra, e estende,
 Iris formosa as côres variadas
 Não tem mais vivas se nos Ceos resplende;
 Nem brilhão mais as ondas prateadas
 Do Téjo, quando a Lua as sombras fende:
 Para no vôo o insólito portento,
 Digno Ministro do celeste assento.

Declive a noite taciturna, e fria,
 Entre os já ráros astros scintillantes,
 As denegridas redeas sacudia
 Aos pálidos Ginetes anhelantes:
 Pouco tardavão do purpureo dia
 Animadores raios coruscantes;
 Hora em que os leves sonhos, que volteão,
 Mais docemente o pensamento enleão.

No auri-eburneo leito repousava
 Inda o Monárcha da diurna lida,
 E aos cuidados dos Reis certa buscava
 Nos frôxos braços de Morfeo guarida;
 Mas vivamente n'alma se amostrava
 A lisonjeira image' appetecida
 Do mar vencido, e descoberto Oriente,
 Onde ergue hum throno a Lusitana gente.

Eis por entre o negrume , e tréva escura
 Rompe hum novo clarão , que vence o dia ,
 E se lhe antólha singular figura ,
 Que dos claros reverberos rompia :
 D'habito estranho , estranha formosura ,
 Qual nunca pinta a humana fantasia ;
 Mostra descer dos Ceos , dos Ceos mandada ,
 E ao Rei trazia insólita embaixada.

Grave Matrona , que sentada vinha
 Na espadua d'Elefante acobertado ,
 (Com passos soberbissimos caminha ,
 Do peso que em si traz como ufanado :)
 Dos hombros de alabastro em ondas tinha
 Pendente hum manto Imperial , faxado
 Que entre verde reluz de prata , e d'ouro :
 Hum sceptro tem na mão , na frente hum louro.

Ao modo Oriental tinha patentes
 O cóllo , o seio virginal ; brilhavão
 Nelle os colares de rubins ardentes ,
 Que labaredas rubidas vibravão ;
 Manilhas de safiras refulgentes ,
 De espaço a espaço , os braços lhe abrochavão ,
 Grossos fios de pérolas lhe enleão
 Os cabellos finissimos , que ondeão

Da camilha de purpura se desce
 Ante o Monarcha attonito, assombrado;
 Dá-lhe o louro, que a frente lhe guarnece,
 Que assim lho manda, e lho decreta o Fado:
 E, encurvando o joelho, lhe offerece
 Aureo cofre de joias atulhado;
 E a çlara, e doce voz hum pouco açando,
 Taes palavras lhe diz com gesto brando:

Asia sou, Grão Monarcha, e fui da terra
 Mestra, e senhora hum tempo; e tão famosa
 Nas doçuras da paz, no horror da guerra,
 E fui mãe da Sciencia, e fai ditosa:
 E dentro em meus confins inda se encerra
 O resto, o nome; a fama gloriosa
 Do Persa, do Chaldeo, do Assyrio Imperio,
 A quem foi termo: o termo do hemisferio.

Ao Templo da immortal sabedoria
 Lancei primeiro a base mais segura,
 E quanta, a Grecia viu, Filosofia
 A luz tirou de mim brilhante, e pura:
 O Eypcio me buscou, de mim sábia
 Escondidos arcanos de Natura;
 E a, que devassa os Ceos, arte, ou sciencia,
 De mim teve o principio, e teve a essencia.

Asia sou finalmente , dos undosos
 Ganges celeste , e Índo retalhada ,
 Que , não tributos , guerra aos espumosos
 Mares levão co'a lynfa prateada :
 Em mim aos Ceos erguêrão alterosos
 Muros , co'a frente excelsa , e torreada ,
 Persépolis , e Tyro , e Babylonia ,
 Que as cinzas tem do Héroe de Macedonia.

Meu poder te offereço , e meus thesouros ,
 Por hum Decreto do Motor divino ;
 Vôa a cingir-te de supérnos louros ,
 Do mar cortando o campo crystalino :
 Vai , e humilha a cerviz d'infestos Mourros ,
 Embraça o forte escudo diamantino ,
 De lá tão longe chama-te a victoria ,
 E a estrada mostra ao Templo da Memoria.

Vê como brilha Alcaçar luminoso
 Entre nuvens n'hum monte alcantilado ;
 Caminho estreito , e íngreme , e fragoso ,
 Franquea o passo ao pórtico sagrado :
 Tem entrada sómente o Héroe famoso ,
 Se virtude , e valor marcha a seu lado ;
 Olha entre poucos como brilha augusta
 Teu, de louros cingido , excelso Bysto.

Olha os Heróes de Grecia, olha os de Roma,
 Como entre luz immensa resplandecem,
 Como de flores immortaes a cóma,
 Da Poesia os Genios, lhes guarnecem:
 Mais pomposo, e subido aquelle assóma
 Entre tantos, que as Musas engrandecem;
 Tem sobre a Esféra posta a mão robusta,
 Volve aos Astros, aos Ceos a fronte augusta.

Conhece o sabio Henrique, illustre filho
 Do grão Libertador da Lusa terra,
 Que proseguindo dos Heróes o trilho,
 Deo paz a Portugal, e á Libya guerra:
 Da Lusitana gloria augmenta o brilho,
 As Ilhas descobrio que o mar encerra;
 Devassando o Atlantico profundo,
 Mostra á Europa assombrada hum novo Mundo.

Não feches os ouvidos aos clamores
 Com que do excelso Templo elle té exhorta,
 As pizadas seguindo a teus Maiores,
 Sem susto os campos de Anfitrite corta:
 A mais nobres triumphos, e a melhores,
 O destino propicio eis te abre a porta;
 Dilata o nome teu pelo hemisferio,
Funda, maior que Roma, hum novo Imperio.

Emmudecendo a enfática Figura,
 Aos olhos do Monarcha se esvaece;
 Julgou que era illusão da noite escura,
 Ou mentiroso sonho lhe parece;
 Eis que de novo luz brilhante, e pura,
 A seus despertos olhos resplandece,
 E vio, não sem temor, do ar abrazado
 Baixar tranquillo o Mensageiro alado.

Pálido treme, a magestosa frente
 Ficou de hum suor gélido banhada,
 Vendo o rosto gentil resplandecente,
 De viva luz a veste circumdada:
 A voz quiz levantar, mas de repente,
 Nas fauces fica a voz presa; ou truncada;
 Em quante em corpo o espirito s'encerra,
 Só póde objectos supportar da terra.

Não temas grande Rei, do assento etherio
 Eu sou, lhe diz o Archanjo, a ti mandado;
 Venho aclarar recondito mysterio,
 Que ha pouco viste em sombras retratado:
 Eu mensageiro sou d'eterno Imperio,
 Eu conductor do povo libertado,
 Quando, já livre das servís cadêas,
 Passava em secco as ondas Erythreas.

Ouve a voz do Senhor : a Indiana gente ;
 D'outros povos , dos teus em vão buscada ,
 Mandarás descobrir ; do mar fremente
 Tu vencerás a perigosa estrada.
 De par em par a porta do Oriente
 Se abrirá para ti , e a levantada
 Pelo teu braço immensa Monarchia ,
 Terá limites onde nasce o dia.

Sem temer dos Arabicos alfanges ;
 A viva resistencia , a força dura ;
 Além das margens do soberbo Ganges ,
 Farás ouvir a lei celeste , e pura ;
 E , rebatendo barbaras falanges ,
 Que ordenar de Mafoma a seita impura ,
 Irás cravar as triumphaes bandeiras
 Do astuto China ás ultimas barreiras.

Sobre o Persa alçarás teu braço ousado ,
 Conhecerá teu sceptro glorioso
 De Ormuz o throno , o Reino avassallado ,
 Nem lá te escapará no seio undoso :
 O Nilo , ao nome teu , como assombrado ,
 No curso parará turvo , e lodoso ;
 E chegarás com braço triumfante
Luda ao cabeça do Sinay fumante.

...ão, do mar de Atlante ao mar Eóo
As armas chegarão do Téjo undoso,
Rivaes do Sol no gyro, e immenso vôo,
As náos irão vencendo o mar furioso:
E quanto illustra o fervido Pyrò
De Lysia o nome cacutará glorioso,
Dando-te, em fim, vencido o mar profundo,
Novo, incognite aos seculos, hum Mundo.

Ouro d'Arabia, ardente especiaria
Terás d'Iilhas, que occulta o mar extenso;
Esse, que em montes Nabatheos se cria,
Verás ante o teu sólio arder, incenso:
O, que primeiro vê no berço o dia,
Japão te ha de ofertar thesouros immenso,
Os vencidos Ethíopes na guerra.
Verás prostrados remordendo a terra.

Então o Archanjo o braço soberano
Aça, e lhe mostra hum globo illuminado:
Oha o paiz, que, pelo immenso plano,
Fo pelos teus té agora em vão buscado:
Ragar a seio ao Indico Oceano
Jámis aos povos Europeos foi dado;
Poiso Ceo para ti taes bens reserva,
Da grande empreza a estrada attento observa.

Teus olhos pela escura Africa estende ,
 Do lado Occidental , que o mar rodêa ,
 Por onde sempre a prumo o Sol accende ,
 Com perpétuo verão , torrada arêa :
 Da serra dos Leões , que as nuvens fende ,
 Té onde espraia o barbaro Gambêa ,
 E por onde se encurva , e estende ao longo ,
 Pestífera Benguela , ardente Congo.

Avante vai correndo as ondas frias ,
 Té onde sobranceiro ao turvo Oceano ,
 S'ergue o Cabo fatal , que , com sombrias
 Tempestades , põe termo a esforço humano :
 De teu predecessor nos aureos dias
 A audacia aqui chegou d'hum Lusitano ,
 E aqui , como indignada , a Natureza
 Toda se oppoz á gente Portugueza.

Desta baliza aterradora passa
 Herôe , que has de mandar , do tormentoso
 Cabo entestando os muros de Mombaça ,
 Ha de achar mar sereno , e bonançoso :
 Co' o Melindano Rei commercio enlaça ,
 E , a despeito do Mouro cavilloso ,
 Largando as vélas por ignotos mares ,
 Ao Reino ha de aportar dos Malabares.

Vez o monte Emaús ? Serena , e fria
 Delle se escôa vivida torrente ;
 Na carreira , que avança , ao meio dia
 Entra no seio do Oceano ingente.
 Da serra d'Alanguer negra , e sombria
 Rompe outro igual , q' busca o claro Oriente ;
 Ambos co' a doce lynfa o mar abrindo ,
 Este se chama o Gange , aquelle o Indo.

Os extensos páizes , que encerrados
 Tu vez entre estas limpidas correntes ,
 Onde ~~se~~ Reinos , e Imperios sublimados
 Estranhos povos tem , e estranhas gentes ;
 Que nem de Roma os monstros esforçados
 Virão jámais ao jugo obedientes ,
 Temem teu sceptro , teu poder respeitão ,
 E submissas do Téjo as leis accetão.

O Ceo te mostra o incognito caminho
 Jámais sabido , nem trilhado d'antes ;
 Mortal não pôde no cavado pinho
 Domar a furia ás ondas espumantes :
 Que só devem sahir do Luso ninho
 Com braço armado mil Heróes prestantes ,
 Que por decreto de eternal concelho
 Façam brilhar a tocha do Evangelho.

E do Globo na parte opposta, aonde
 Te parece que o Sol seus resplendores,
 Atufado no mar, sepulta, e esconde,
 Ver-se-hão tambem teus lenhos nadadores:
 Quem ha que abysmos tão profundos sonde?
 Inda tempo ha de vir... Teus successores,
 Assustados, fugindo á Europa em guerra,
 Reino imménso farão d'immensa terra.

Vôa a cingir-te de brilhante louro,
 Que o Supremo Senhor te patentêa
 A estrada para incognito thesouro,
 Que fecha, e guarda a região Sabêa:
 Mandas teu nome ao seculo vindouro
 Em sagrados padrões vejo Ulissêa,
 E co' os dons do Oriente eu já contemplo
 Erguer-se ás nuvens magestoso hum Templo.

O grande Archanjo seu discurso absolve;
 Qual meteóro ardente, e luminoso,
 Que subito se apaga, e se dissolve,
 Rasgando á noite o manto luctuoso;
 Foge aos olhos do Rei, que attento os volve,
 De hum lado; e d'outro extatico, e gostoso;
 E o resquicia da luz, que inda o tornêa,
 Faz com que á voz do Ceo se humilhe, e creta.

A luz primeira vívida raiava
 Já no accezo Oriente, e a branda Aurora
 De arroxados listóes os Ceos faxava,
 Precursores da tócha animadora:
 O repouso do thálamo deixava
 O pensativo Rei, e humilde exóra
 O Supremo Senhor do ethereo assento,
 Que ás promessas, que fez, dá complemento.

Barões d'alto conselho então convoca,
 (No magestoso throno Elle se assenta)
 E no lugar, que ao titulo lhe tóca,
 Hum após outro em ordem se apresenta:
 Pendente fica da sublime boca
 Toda a assembléa no silencio attenta,
 Meneando com enfasi a cabeça,
 Em voz pausada, e grave o Rei começa.

Quiz a suprema Lei do Omnipotente,
 Que eu fosse ao throno Portuguez chamado;
 Acclamação geral da Lusã gente.
 Quiz pôr em minhas mãos sceptro pesado:
 E vós sabeis que ao lúcido Oriente
 Fôra o passo até agora em vão tentado;
 Mas, em fim, quer o Rei do throno etherio;
 Seu Nome alli plântar, e o novo Imperio.

Para tentar a perigosa empreza
 Vigor do Ceo me fortalece o braço ;
 Que, em fim, não pôde a fragil natureza,
 Sem auxilio dos Ceos, mover hum passo :
 He destinada a gente Portugueza
 A unir dois Mundos em constante laço ,
 E, confiando a vida a hum fragil pinho,
 Abrir da Índia o incognito caminho.

Assim decreta o Ceo, e ao referillo,
 De espanto, e de terror se turva a mente ;
 Eu digno fui de o ver, digno de ouvillo
 Ao Ministro de hum Deos Omnipotente :
 Era dos Ceos a voz, dos Ceos o estillo,
 Que imitar nunca pôde a humana gente ;
 Entre as sombras brilhou da noite escura
 A clara luz d'Angelica figura.

Dignos filhos d'Heróes, que os empolados,
 E, á força dos mortaes, impervios mares
 Tentastes já nos lenhos esquipados,
 Sem temor de perder da vista os lares :
 Se escrito em livros he de eternos Fados,
 Que a Frota Lusa chegue aos Malabares,
 A gloria, que em desejo o peito inflamma,
 Juntai, juntai a voz de hum Deos, que chama

Não pôde já do Luso o invicto peito
Transgredir as balizas do Thebano ?
E não julgou da Europa o campo estreito ,
Não foi grilhões lançar ao vasto Oceano ?
Quem , qual raio na força , e qual no effeito ,
Foi tirar Ceuta ao jugo Mahometano ?
Deixando a Libya attónita , e confusa ,
Quem foi romper os campos de Ampelusa ?

Não dilatámos pela adusta arêa
Da costa Occidental da Africa ardente ,
Além da foz do barbaro Gambêa ,
O nome , e gloria á Lusitana gente ?
Quem nosso esforço heroico encadêa ?
Não nos cede Neptuno o azul tridente ?
Rasgue-se o seio á mádida Anfitrite ,
Não seja o Cabo austral nosso limite.

De huma brilhante luz hum raio assôma ,
Que a meus olhos já mostra a Lusa gloria ,
Que , muito acima dos Heróes de Roma ,
Já nos conduz ao Templo da Memoria.
Tudo vence a constancia , o esforço dóma ,
Ennobreçamos a vindoura Historia ;
O que Cesar não vio , não vio Trajano ,
Veja , consiga , exceda hum Lusitano.

Mais quizera dizer; e hum murmurio
 Se escudou dos Herões no ajuntamento,
 Qual no ameno vergel basto, e sombrio
 Costuma ás vezes produzir o vento:
 Qual entre pedras sussurrante rio
 Vai formando com leve movimento;
 Mas ergue a voz segura o invicto Gama,
 E, acatando o seu Rei, dest'arte exclama.

Senhor, se acaso póde hum peito ousado
 Ir ultimar a empreza gloriosa,
 A despeito do vento, e mar irado,
 Deixai que eu vá cortar a estrada undosa:
 Natureza se opponha, e opponha o Fado,
 Irei transpôr a méta perigosa;
 Assoberbando turbidas procellas,
 Irei vêr outros Ceos, e outras estrellas.

Irei firmar o inclyto estandarte
 Onde primeiro o Sol derrama o dia,
 E correrei com elle á extrema parte,
 Onde chega os' os braços Thetis fria:
 Nem pequeno comigo o Ceo reparte,
 Provado o tenho; esforço, e valentia
 Farei por vos servir, que em paz, e em guerra,
Thúle não seja no Mando última terra.

Se eu for achar medonha sepultura,
 Nos abysmos dos mares procellosos,
 Se opposta aos votos meus for a ventura,
 Sempre inimiga dos Heróes famosos;
 Eu levo a recompensa já segura,
 De si são premio os feitos portentosos;
 Pois fica honrada a humana natureza
 Em querer, em tentar tamanha empresa.

Satisfeito abandono o patrio ninho,
 E entrego a vida a fluctuante lenho;
 Onde he mais arduo o liquido caminho
 Eu porei mór esforço, e mór empenho.
 Quantas vezes do mar, n'hum fragil pinho,
 Soltas tormentas contrastado eu tenho?
 Se he voz do Ceo, se he vosso o mandamento,
 Terei propicio o mar, propicio o vento.

E, se por vos servir não posso tanto,
 Vejo em torno Barões assignalados,
 Que em virtude, e valor me excedem quanto
 Rasteira planta os cedros levantados:
 O medo vencerão, terror, e espanto,
 Que a tantos causão mares não trilhados,
 Trocar desejão vida transitoria
 Por fama eterna, e perennal memoria.

Qual já n'outr'ora Scipião valente
 Ouvio do Povo festivaes clamores,
 Quando a guerra, e grilhões á Libya ardente
 Hia levar nos lenhos nadadores:
 Tal do sublime Rei da Lusa gente
 Escuta o Gama applausos, e louvores;
 E d'ante mão gyrando a eterna fama,
 A alta frente do Heróe de louro enrama.

E similhante ao fluido, e pequeno
 Vapor, que desde a terra aos ares tende,
 Que pelo espaço limpido, e sereno
 Quanto se eleva mais, se engrossa, e estende:
 Tal pelas margens vai do Téjo ameno,
 Maior corpo tomando, e inflamma, e accende
 No amor da gloria a gente Portugueza;
 Toda abençoâ a projectada empreza.

Valerosos mancebos se offerecem
 A guarnecer as faias encurvadas,
 De emblemas, de divisas se guarnecem
 Pomposas vestes, gorras levantadas:
 Na voz, no gesto, alegres apparecem
 Pelas húmidas praias dilatadas;
 Impresso se descobre em cada frente
Hum fausto auspicio do vencido Oriente.

FIM DO PRIMEIRO CANTO.

G A M A.
CANTO SEGUNDO.

DESCE dos Ceos , Caliope , e me ensina
 Quantos forão Heróes , que se atrevêrão
 Ir affrontar a estrada crystalina ,
 Quantos tão ardua empreza accomettêrão :
 Ao som da tuba altisona , e divina ,
 Dize quantos ao vento as vélas dérão ,
 Quantos a Lusa gloria sublimárão
 Na estranha terra , e mar que avassalárão.

Segue o grande Argonauta , que tivera
 Natal no Reino aonde illustre Infante
 A victorias navaes principio déra ,
 Pouco a pouco cortando o mar d'Atlante ;
 Onde , baixando da celeste esfera ,
 A' Europa esconde o disco o Sol brilhante ,
 Paulo navegador sabio , e prudente ,
 Bem digno Irmão do Capitão valente.

D

Com elle vai Pacheco , que ensaiando
 No mar o firme peito á guerra andava ,
 Que sorte dura , e fado miserando ,
 Premio d'altos triumphos , aguardava :
 O intrepido Tristão , que irá levando
 Ferro , e fogo de Libya á costa brava ,
 O Joven , mas intrepido Menezes ,
 Que Ceuta víra vencedor mil vezes.

Veloso o lidador , e o namorado
 Leonardo infeliz , que nunca hum gosto
 Vio do tyranno Amor jámais vingado :
 Descobre a dôr na palidez do rosto
 Grito de affecto mal affortunado ,
 Por triste emblema traz de seu disgosto ,
 Na gorra em aurea lamina esculpido ,
 Quasi submerso o nadador de Abydo.

De grande sizo intrepido Coelho ,
 Profundo entendimento , e braço ousado ,
 De prudencia , e valor lúcido espelho ,
 Em duvidosos trances escutado :
 Nunes inda robusto , e illustre velho ,
 A's turbidas procellas costumado ,
 E Pedro d'Alenquer , d'Urania filho ,
 Que , ao pólo attento , mostra ás náos o trilho.

Tu, mais que todos, digno de alabastros,
 Vences Tifys, Jasões, que conduzirão
 A náó que fora levantada aos Astros,
 Com que de Colchos o caminho abrirão:
 Tu, qu' a Albuquerque, Ataydes, Castros,
 Que o Indo, e Ganges vencedores virão,
 Rompeste a estrada para o etherio assento,
 Eu te salvo do escuro esquecimento.

Se dão nome ás Canções, com ellas suba,
 Nos versos meus, teu nome á eternidade;
 Do tempo a mão, que os marmores derruba,
 Nunca o sepulte em triste obscuridade:
 São dignas só da voz d'épica tuba
 As acções que dão preço á humanidade;
 Se Cook tem lugar no eterno Templo,
 Com mais razão teu busto alli contemplo.

Estes são os Heróes, que os altos fados
 Seguem do Gama á expedição famosa;
 Possantes náos com pannos envergados,
 Assombrão de Rastello a praia undosa:
 Nos tópes galhardetes ondeados
 Dão signal da viagem perigosa;
 Dos nautas a celeuma, e movimento,
 Parece aplaina o mar, e apressa o vento.

Em quanto as altas náos da curva prôa
 Lançado o ferro tem na funda arêa,
 E o cavo bronze os ares não atrôa,
 Mandando abrir a crystalina vêa:
 Em cuidados extática Lisboa
 Parece estar de espanto, e assombro chêa,
 Voando o feito vai de boca em boca,
 A todos enternece, a todos tóca.

Pela encosta dos montes empinados,
 Que ás curvas praias ficão sobranceiros,
 Em chusma mudos vão, como assombrados,
 Os naturaes de Lysia, os estrangeiros:
 Tenros meninos, velhos encurvados,
 Com dubio esforço, intrepidos guerreiros,
 Donzellas cheios d'agoa os olhos bellos,
 Murchas as faces, soltos os cabellos.

Em quanto, ao mar os olhos alongando,
 No feito o povo está como abysmado,
 E os pendões vê nas popas fluctuando,
 E o panno já da antenna desfraldado:
 D'entr'elle hum velho austero, e venerando,
 Dos decadentes annos amestrado,
 Meneando com enfase a cabeça,
 Co' o braço ás náos aponta, e assim começa.

Céga, louca ambição, que em teus altares
Te apraz ver fumegando o sangue humano,
A quem d'extinctas victimas milhares
Não abastão jámais furor insano:
Vai, contente sepulta em turvos mares
O esmalte, a flor do povo Lusitano;
Em quanto a Patria chora, a sede impia,
Vôa, e no sangue dos Heróes sacia.

Eis o parto do amor de infausta gloria,
Do desejo quimerico de hum nome,
Bronzes, estatuas, inscripções, memoria,
Que tudo o tempo voador consome:
Vede, que a têa á vida transitoria
A morte corta, a sêpultura cômee;
Nem já podem ouvir dentro das urñas
Louvor, e applauso as cinzas taciturnas.

O fero coração de hum Tigre Hircano
Tinha dentro do peito empedernido
Mortal, que ousou sulcar o turvo Oceano,
Vasto Reino do vento embravecido:
De triplicado bronze, e d'aço, o insano
Tinha, por certo, o coração cingido,
Que pôde em frageis lenhos fluctuantes
Ver, nos rolos do mar, monstros nadantes.

Horrenda fome de ouro . . . E na garganta
Lhe fica a voz já trémula embargada,
E a viva dôr, que o peito lhe quebranta,
Não lhe consente proferir mais nada :
Nisto, furores todo, a voz levanta
Africano guerreiro, e aperta a espada,
E com pezado tom, que esforço indica,
A mágoa que o devora, assim pública.

Oh deslumbrados Lusos ! Se o desejo
De estender mais o termino, o limite
Do ninho paternal vos rouba ao Téjo,
Pelo Imperio da mádida Anfitrite ;
E se com tanto afan correr vos vejo
D'alta fama ao mortifero convite,
Não tendes perto os muros d'Ampeluzá ?
Toda a Libya de frôxos vos accusa.

Quereis ganhar na guerra a palma, o louro,
Premio que adorna dos Heróes a frente ?
Vede que impune o Cavalleiro Mouro
Campêa, e insulta a Lusitana gente :
Em barbaro poder jaz hum thesouro,
Grão Sepulchro de Christo os ferros sente,
Escrava vil, gemendo, a Palestina
Ao nome, á gloria a estrada vos ensina.

Ide acossar o barbaro Ottomano ,
Senão cabeis no Téjo, ao turvo Oronte
Ide arrancar o jugo de hum Tyranno ,
Cingi dos louros seus a Lusa fronte :
Alli se busque Imperio Soberano ,
O ferro , o fogo , a morte alli se affronte ;
Se huma gloria immortal vos bate á porta ,
Quem a seguir a incerta vos exhorta ?

Carpia a tenra tímida Donzella ,
Co' o rosto em turvas lagrimas banhado ,
Quando vio desfraldada a branca véla ;
Que ha de levar-lhe o amante em vão chorado :
Terno amor já lhe pinta atroz procella ,
Já vê-lo crê nos escarcéos levado ,
E o Téjo, que os suspiros lhe escutava ,
Surdo a seus ais, n'arêa se enrolava.

Na grande empreza o Rei cuidadoso , e attento ,
Em temor , e esperanças repartido ,
Volve a hum lado , a outro lado o pensamento ,
De paternaes cuidados combatido :
Armas , presentes , munições , sustento ,
Tudo era ás náos velívolas trazido ,
Lê no rosto dos nautas o desejo
De dizer terno adeos á Patria , ao Téjo.

De piedade escoltado ao Templo vós,
 Onde troféo depois mais eminente,
 Assombro d'arte, e gloria de Lisboa,
 Levantar deve á Mãi do Omnipotente:
 Onde se escuta ainda, onde ressoa
 Alto pregão do debellado Oriente,
 Orar a hum Deos, que a empreza favoreça,
 Que hum Anjo tutelar do Empyreo dêça.

Em quanto o Eterno Rei dest'arte invóca,
 Dos fortes nautas o esquadrão famoso
 A's ceremonias ultimas convóca,
 Co' horrendo som do bronze estrepitoso:
 Já nos ares rebomba, e fere, e tóca
 Grandes, e o povo humilde, e temeroso;
 A todos foge a côr do frio aspeito,
 E bate incerto o coração no peito.

O Gama á frente da Falange vinha,
 A quem gloria immortal reserva o Fado,
 Na cinta a espada fulminante tinha,
 Nas mãos robustas o bastão dourado:
 E tão seguro, e impávido caminha,
 Com portamento, e gesto socegado,
 Que de exito ditoso hum claro indicio
Nelle mostrar parece o Ceo propicio.

Ao Templo chegão ; divinal mysterio ,
 No altar s'offrece ao Padre Omnipotente ,
 Hostia incruenta , que do assento etherio
 Veio a culpa remir da humana gente ;
 Que entre nós quiz morar com doce imperio ,
 Té que o Mundo consuma o fogo ardente :
 O Rei junto do Altar ao illustre Gama ,
 Co' a bandeira na mão , dest'arte exclama :

Este o Pendão ; e a teu valor se entrega ,
 Com elle a honra , e nome Lusitano :
 Vai , não temas a sorte , e o mar navegá ,
 Té onde espraia o Indico Oceano :
 Affronta o fado , a morte , e as ondas , chega :
 Onde não foi jámais poder Romano ,
 Mostra ao Mundo outro Mundo , e á Lusa gente
 Dá novo Imperio no domado Oriente .

Torça-lhe o invicto Gama : Em quanto o alento
 Da vida me assistir no mar , na terra ,
 Jámais , Senhor , vereis o abatimento
 Deste Estandarte Luso em paz , ou guerra :
 Irei vencer no tímido elemento ,
 Quantos trances fataes Fortuna encerra ,
 E farei que , vencido o mar profundo ,
 Inveja seja Portugal do Mundo .

Disse : e o clamor do povo de Ulissêa
 Ferio , subindo , os astros refulgentes ;
 Caminhão todos , pela ruiva arêa
 Vão derramando lagrimas ferventes :
 Atraz hum velho olhando ao Ceo vozêa ,
 (Voz que quebranta os animos valentes)
 Hum velho Sacerdote a Deos acceito ,
 E circumfusa luz lhê assombra o aspeito.

Patente a todos foi o ardente lume ,
 Quando dos beiços trémulos rompia
 A voz , e o brado do Supremo Nume ,
 • A encanecida frente sacudia :
 Do Olympo olhando ao luminoso cume ,
 Em divinal transporte se diria ,
 Que o transportado espirito voava ,
 E lá dos Ceos , dest'arte a voz sótava.

Que he isto , oh Povo Luso ! A escura gente
 Da morte á sombra horrifica sentada ,
 Vê brilhar hum clarão , vê tocha ardente ,
 Do turvo Occaso para alli levada ?
 Eis rompe , eis sahe do Téjo transparente ,
 Luz que afugenta a noite carregada ;
 Pendente hum Deos na Cruz se crê , se adora
 No Ganges , berço da punicea Aurora.

Anjos velozes em cavados pinhos ,
As brancas azas despregando ao vento ,
Lá vão , lá cortão líquidos caminhos ,
Onde o dia , onde o Sol tem nascimento :
Deixão contentes os paternos ninhos ,
Lá vão levando a luz do etherio assento ;
Eis confusa se abate , e em cinza fria
Lá cahe desfeita a torpe Idolatria !

Oh , que potente Imperio levantado ,
Vê , maior que os que víra , a terra Eóa !
O Indo , o Hydaspe , o Ganges subjugado
Treme , se dicta as leis , e impera Góa !
O féro Arabio , o Persa avassalado ,
Manda d'Ormuz tributos a Lisboa !
Eis cruzão raios de sanguinea guerra ,
Diante delles emmudece a Terra !

Da opulenta Malaca o Imperio ingente ,
Da queimada Ethyopia a adusta praia ,
Dio , immortal brazão que eleva a frente ,
Quebrado escudo ao Sceptro de Cambaia :
Destemido Malaio , o Jáo valente ,
De susto enfia , de pavor desmaia ,
Extremos Chins , Japões , humildes vejo
Ao ferro , aos raios , que lhes manda o Téo !

Nas ribeiras do Ganges, verdejantes
 Brotão, vicejão Palmas, que algum dia
 Hão de pezar nas dexteras triunfantes,
 Que lanção base á nova Monarchia:
 Cahem decepadas frentes arrogantes
 Da raça de Ismael soberba, e implia,
 Vendo os rompentes esquadroes, recúa,
 Como eclipsada, de Bizancio a Lua.

Ide invictos Heróes, que o Ceo vos clama;
 Da eterna dextra eternos instrumentos,
 Dos Ceos escuto a voz, eis brada, eis chama;
 Sinto aplainar-se o mar... calão-se os ventos:
 Soberba, Inveja se remorde, e inflammã,
 Nos sulfureos, Tartareos aposentos;
 Ergue a turba infernal, medonha grita,
 Debalde estragos contra vós medita.

Desfeitas tempestades horrorosas,
 Penedos de naufragios infamados,
 Cégas voragens, Syrtes arenosaa,
 Climas ardentes, Climas congelados:
 Soltos tufões, tormentas espantosas,
 Mares subindo aos Ceos, mares cavados,
 E quanto mal vomita o escuro Inferno
 Vence quem segue a voz, e a Lei do Eterno.

Ide dar nova face á Europa , ao Mundo ,
 A Luso esforço foi dada a victoria
 Do não sulcado mar vasto , e profundo ,
 Por esta estrada caminhais á gloria :
 A nobres peitos o clamor jucundo
 Da Fama he sempre , e posthuma memoria ;
 Ide , que em luz immensa absorto eu vejo ,
 Que já triumphantes retornaes ao Téjo.

Motor Eterno sobre vós vigia ,
 E pela estrada de não vistos mares ,
 Co' a mão potente , e próvida vos guia :
 O Imperio descobri dos Malabares ,
 Chegai ao berço d'onde nasce o dia ;
 Que eu vou sobre os thuricremos altares ,
 Que hum Deos o pede para ser propicio ,
 Offertallo a si mesmo em sacrificio.

Em silencio ficou. Qual transparente:
 Mimoso orvalho , que das nuvens desce ,
 E ao fruto sazonado , á flor nascente
 O aroma augmenta , o cálice humedece :
 Tal o esforço , e valor na Lusa gente ,
 Co' a santa voz fatidica recresce ;
 Já com mais doces lagrimas se avanço ,
 E em ligeiros batéis as náos alcanço.

Soltas as vélas, a potente Armada
 Toda se espelha na corrente fria,
 Serena corre, mansa, e socegada,
 Sereno estava o Ceo, sereno o dia:
 Sôa o trovão, e a nuvem carregada,
 Da explosão da vulcanêa artilheria,
 Toldando hum pouco o ambito dos ares,
 Medonhos échos reproduz nos mares.

Cessa o rebombo, e o nauta do arenoso
 Fundo arranca o tenaz, e ferreo dente,
 Eis subito se encrespa o mar undoso
 Co' a bafagem subtil do claro Oriente:
 Hum brado então se ouviu terno, e mavioso,
 (Quasi que pára a ouvillo a azul corrente;)
 Em quanto o povo se suspende absorto,
 Incha as vélas o vento, e foge o porto.

Pela encurvada praia as mãis errantes,
 Solto o cabelo, os rostos lacerados
 Envião, mas debalde, ás espumantes.
 Ondas inuteis ais, e inuteis brados:
 As velívolas náos, arfando óvantes,
 Se engolfão mais nos mares azulados;
 A vista cança, e busca incerta aonde
 Já n'Horizonte a Armada se lhe esconde.

Quasi na foz do Téjo , onde se erguia
Sobranceiro hum penedo , onde fervendo
Em cachões o mar tímido batia ,
Grossos rôlos de espuma ao ar erguendo :
Huma Donzella está , e a dôr se via
Dentro em seus olhos lagrimas vertendo ,
O corpo immobil , taciturno , e quedo ,
Julgar-se pôde parte do penedo.

Só lhe ondea a madeixa ao vento dada ,
Mais escura que os ébanos lustrosos ,
A luz dos olhos languida , e turvada ,
Quaes eclipsados astros luminosos :
Sem purpura na face , e desmaiada
A viva côr dos labios graciosos ,
E a dôr que a punge penetrante , e activa ,
O alvor da neve no seu cóllo aviva.

Tão bella a Deosa não se viu de Gnido ,
Quando na concha azul sulcava o Egêo ,
Nem foi tão bella co' o Troiano infido ,
Fugindo a nôra do infeliz Atrêo :
Por quem da infausta Troia o muro esguido ,
Entre chammas sacrilegas ardeo ;
Como Ignez , que no peito amor encerra ,
A paz dos homens , e dos homens guerra.

A mágoa a conduzio, o amante chora,
 Surdo a seu pranto, e brados maviosos,
 Debalde os Ceos, a terra, o mar implora,
 Debalde estende os braços melindrosos:
 Póde no amante a image' encantadora
 Da gloria mais, que os laços amorosos;
 Rompe a dôr o silencio alto, e profundo,
 E com taes queixas enternece o Mundo.

Suspende o passo, ó pérfido, e a teu lado
 Ao menos vê que expiro, e acabo amante,
 E que o soluço extremo, o ai magoado,
 Posso em teus lábios exhalar constante:
 E se te apraz do coração rasgado
 Ver tufar, ver correr sangue espumante,
 Amor, Desprezo me sustenta o braço,
 Que a ti da vida o sacrificio eu faço.

Foi hum pérfido, oh Ceos, falso, e perjuro,
 Quem se atreveo primeiro em leve faia
 Abrir do mar o campo mal seguro,
 E perder sem temor da vista a praia!
 Ceos! Vingai minha dôr, no ingrato, e duro,
 O raio justiceiro estalle, e caia...
 Mas viva, e veja amante fugitiva
Deixar seus braços; ... desprezado viva.

A voz se treca em ais , e hum pouco a frente
Inclina para o mar muda , e suspenza ;
De hum lado falla amor saudoso , ardente ,
E d'outro lado escuta a voz da offensa :
Esta lhe diz que morra , e de repente ,
Vive , lhe diz d'amor a chamma intensa ,
Entre doce affeição , vingança , e ira ,
Treme , ulula , enregela , arde , e delira.

Dido exclamára assim : Que temo oh sorte ?
Recusa o coração , recusa o braço !
He digno de morrer quem teme a morte ,
Rompa outra vez Amor da vida o laços :
Em negra sombra , em extase , em transporte
Já dos olhos lhe foge o lume escaço ,
Hum novo sacrificio , hum novo estrago
Veja o Téjo , de Amor , qual vio Carthago.

Disse , e lançou-se ao mar : como assustadas ,
Súbito as negras ondas recuárão ,
E ao longe em rolos tumidos formadas ,
Ao funesto espectaculo parárão :
Té parece que ás lapas recurvadas
Feios monstros do mar se retirárão ;
Inda sorte melhor , mais branda estrella ,
Teve Arião , que a misera Donzella.

Digna foi de perdão, se o rigoroso
 Fado soubesse resentir piedade;
 Sôa ao longe no mar hum lastimoso
 Pranto, qual se escutou na antiga idade
 Nas ermas praias de Leucate undoso,
 Do Lesbico Alaúde inda saudade
 Naquellas penhas dura, inda confusa
 Quasi s'ouve carpir de Sapho a musa.

Amor, Numen cruel, que em teus altares
 Gostas de ver fumando o sangue ondeante,
 Farta huma vez de pranto em turvos mares
 Essa que sentes sêde devorante
 De estragos, mortes, sem razões, pezares;
 E o triste nome da infeliz amante,
 Que nò abysmo do mar sepulchro teve,
 Junto ao nome de Sapho, e Hero escrete.

Junto ao daquela, que do infido Enéas
 Vio ir cortando a frota o mar salgado;
 Que inda das altas torres, das amêas,
 Chamou por elle com saudoso brado:
 Que, indignada da affronta, ás fundas vênas
 Rasgou com duro ferro alli deixado;
 Quando da mágoa, e da traição vencida
 Aos Manes de Sicheo tributa a vida.

FIM DO SEGUNDO CANTO.

 G A M A .

 CANTO TERCEIRO.

EM tanto as náos cortando o salso argento,
 Do Atlantico mar co'a aguda prôa,
 Sereno, e claro o Ceo, fagueiro o vento,
 Incertas vão buscando a terra Eôa:
 Nem d'alta gávea o marinheiro attento,
 Vêr já podia os montes de Lisboa;
 Tanto s'engolfão já pelo Oceano,
 Que ávante paixão métas do Thebano.

Vigilante Alemquer eo' o leme duro
 Aos arfantes baixeis a estrada abria,
 E nos ermes do mar certo, e seguro,
 Os conhecidos rumes escolhia:
 Quando desdobra a noite o manto escuro,
 A vista aos astros fulgidos volvia,
 Ora vencendo a furia ao bravo Eólo,
 Ora medindo a altura ao fixo pélo.

Os campos de Anfitrite a Armada corta,
 E a tudo o Gama attento, e providente,
 Ao valor, á constancia os seus exhorta,
 Mostrando da virtude o premio ingente:
 Mas a Infernal Soberba mal supporta
 A victoria, os troféos da Lusa gente,
 E d'antemão na aceza fantasia,
 Do proprio Imperio, e throno estragos via.

Sobre hum volcão de enxofre esbrazado,
 Que aos ares densos lança horrênda chamma,
 O Archanjo da Soberba está sentado,
 E até n'horror do Inferno horror derrama:
 O rosto horrendo tem cicatrizado
 Inda dos gelpes da trêsulca flamma,
 Dos olhos onde ferve orgulho, e ira,
 Mortes, crimes, catástrofes respira.

A primigenia luz, serena, e pura,
 Que lhe ornára n'Olympto hum tempo a frente,
 Existe, mas qual he turvada, e escura,
 Do claro Sol a face refulgente,
 Quando Cynthia, interposta á terra dura,
 Aos olhos nos encobre o disco ardente.
 D'Hydras tecido hum sceptro a mão sustenta,
 E a vista gyra seva, e truculenta.

Raios; fumo exhalando; a voz levanta;
 Que tremer faz ab' infernaes cavernas,
 Monstros, Furias, e Górgonas espanta;
 E fazem pausa as penas sempiternas:
 He possivel que tenhas força tanta,
 Ser Immortal, que o Mundo, e os Ceos governas,
 (Blasfema, horrenda voz) que inda desejes
 Mandar no abysmo, que meu Reino invejes?

Depois que quiz . . . não sei se a lei do Fado
 (Minha fraqueza não) q' eu não pudesse
 Subir do Olympto ao throno levantado,
 Que além dos astros fulgidos me erguesse;
 Nem tanto escravo, tanto avassallado
 Eu pude ser, que as métas não rompesse:
 Da noite eterna, o Cháos vadeasse,
 E minha injúria atroz no Eden vingasse!

Depois o Imperio meu entre as ardentes
 Chammas firmei da pálida morada,
 Nem das trisulcas settas estridentes
 Tive no Inferno que temer mais nada:
 A meu potente sceptro obedientes
 Eu tive os Anjos, turba rebellada,
 Com elles pôde meu valor supérno
 O Imperio dilatar do escuro Inferno.

No Chãos lancei ponte, e ousado, e forte,
 O primeiro mortal fiz desgraçado,
 He filha minha a inexoravel Morte,
 E deo-lhe o Mundo o Déspota Peccado:
 Mudou-se meu destino, e infausta sorte;
 Quanto aclara na terra o Sol doirado,
 Altares me levanta, e queima incenso,
 He meu dominio, meu imperio immenso.

De hum eterno rival desprézo a gloria,
 Eu Monarcha de hum Mundo independente,
 Não fiz a guerra sem obter victoria:
 Quem, resiste a meu braço omnipotente?
 De todo se apagou triste memoria
 Do throno, que perdi no Ceo luzente,
 Compenso a perda da celesta guerra
 Com meu Imperio universal na terra.

Mas que estrago fatal, ruina impia,
 Soffreo tão grande Imperio, e tão glorioso!
 Derrama o sangue o Filho de Maria,
 E os Ceos franquea o sangue poderoso:
 Meu throno vacillou, mas existia,
 Inda intacto no Indo, e Gange undoso;
 E derriballo estólido pertende,
 O Lusitano audaz, que os mares fende?

Indolente o contemplo entre este fogo ?

A grandes passos a ruina avança ,
 Confuso hei de existir sem desafogo.
 Contra o Ente immortal , que os raios lança ?
 Soberba eu não serei , se o braço logo
 Eu não armar na asperrima vingança ,
 Eu mesmo os monstros metterei no fundo ,
 E a desprezar-me não se atreva o Mundo.

Disse , e com tuba orrissona chamava .

Dos Genios máos a turba , que o seguira ;
 Obedecendo as sombras já cortava ,
 Em torno d'elle blasfemando gyra :
 Na testa da falange a fronte alçava ,
 A Blasfemia , a Vingança , a Inveja , a Ira ;
 Vem o Genio das turbidas procellas ,
 Que o vento solta , e o mar levã ás estrellas.

Ide ; brada a Soberba , e o mar salgado
 Com força revolvei do escuro fundo ,
 E nas azas do vento amotinado
 Trazei a sombra , o luto , o horror ao Mundo :
 E os nadantes baixeis do Luso ousado
 Fazei descer ao pélago profundo ;
 Caia dos eixos seus quebrada a Terra ,
 E vencedores retornai da guerra .

Mas que digo, infeliz ! Tãmanha empresa !
 He digna só de meu potente braço ,
 Eu devo só da gente Portugueza
 Suspende , e vedar o indigno passo :
 Regei no entanto o Imperio da tristeza ,
 Vou lançar-me do Inferno ao etherio espaço ,
 E cahindo do Sol nos turvos ares ,
 Será minha a tormenta , e meus os mares.

Já do sulfureo pélagos se alçava
 O horrendo monstro co' a Vingança ao lado ,
 Entre os ferventes turbilhões deixava
 Vazio o throno do Tartareo Estado :
 Qual turbido Cometta o ar rasgava
 Circumfuso no Inferno , e chega ousado
 Do escuro abysmo ao portico espantoso ,
 Força as guardas fataes , rompe furioso.

Já dos Mundos o immenso espaço talha ,
 E offusca Soes , e Soes no Firmamento ,
 Co'a sômbra espessa , que voando espalha
 Dos Orbes pára eterno movimento :
 Suspende o vôo horrendo onde se qualha ,
 N'athmosfera o granizo , e sopra o vento ,
 E co'as immensas azas , que equilibra ,
 Quasi huma noite fórma , e os raios vibra.

Cortava a lédá Armada os vitreos mares ,
 Tufando o panno favoravel vento ,
 Nuvens não pouzão nos serenos ares ,
 Descobie a vista todo o Firmamento :
 Hião defronte dos adustos lares ;
 Onde o Jalofo pasta o gordo armento ,
 E folga a gente alegre , e não cuidôsa
 Da tempestade proxima espantosa.

Brama o Soberbo Espirito affrontado ,
 Vendo a undivaga Armada que veleja ,
 E ao já terrivel coração ralado ,
 Dá novas furias peçonhenta Inveja :
 Subito as nuvens chama , e vento irado ,
 E acodem promptos á fatal peleja ,
 Grossos vapores pelo espaço estende,
 No bojo a chamma electrica lhe accende.

Quasi ao termo final chegava o dia ,
 Dos mares no Horizonte o Sol doirado
 Meio disco ardentissimo escondia ,
 Meio se mostra de vapor cercado :
 Já pelo campo líquido se ouvia
 Do frio Nota o silvo arrebatado ,
 E os Delfins , que em cardume o mar talhavão ,
 Signal aos Nautas da tormenta davão.

Subito foge o Ceo, e os bravos ventos
 Dos quatro pontos soprão do Horizonte
 Refega horrenda de tufões violentos,
 Em cada vaga levantava hum monte:
 Turba, confunde, altera os elementos,
 Soberbo o Rei do pálido Acheronte,
 E augmentando da noite o negro manto,
 Dá mór furia á tormenta, e mór espanto.

Voa entre as nuvens tétricas bramindo,
 E, as denegridas azas estridentes
 Todas no espaço dilatado abrindo,
 Toma a luz toda aos astros refulgentes:
 Vão-se os rôlos das nuvens dividindo
 Quando as rasgavão raios reluzentes,
 E no espantoso horror negro, e profundo,
 Mostra-se á luz do raio, e foge o Mundo.

São medonhos urros, e abundantes
 Se desatão chuveiros horrorosos,
 Sobre as azas dos ventos sibilantes,
 Vem dar mais força aos mares procellosos:
 Ao ruido das vagas espumantes
 Berros se união dos trovões ruidosos,
 E co' o tremor universal, que cresce,
 Cahir do Mundo a máquina parece.

Qual entre o denso fumo enovelado ,
 Que das entranhas horridas vomita
 O Vesuvio , hum penhasco esbrazeado ,
 Subindo ao ar , do ar se precipita :
 Tal o Soberbo Déspota indignado ,
 Entre nuvens , e fogo o corpo agita ,
 Ora sóbe , ora desce , ora alto vòa ,
 Co' a voz , que chama os furacões , atróa.

Quebra-se o rouco mar na costa brava ,
 Tudo he susto harroroso , he tudo espanto ,
 A noite negra , e feia redobrava
 A triste escuridão do espesso manto :
 Dos Nautas todos longe se escutava
 D'huma não , n'outra não sentido pranto ,
 E mais , e mais recresce , e mais se augmenta ,
 Quando na prôa o mar em flor rebenta.

Vaga sem rumo a combatida Armada ,
 Cede á força das ondas furiosas ,
 E vezes mil já quasi sossobrada ,
 Desce do mar ás furnas arenosas :
 Sóbe a grita da gente consternada
 A's não vistas estrellas luminosas ,
 O perito Alemquer pálido treme ,
 Volve os olhos d'agulha , e larga o leme :

Géla o pavor aos fortes marinheiros ,
 Os braços pela enxarcia suspendidos ,
 E sem cessar os tímidos chuveiros
 Mais bastos cahem dos ventos impellidos :
 Aboiáo já nas ondas os madeiros ,
 Das encurvadas popas divididos ,
 Muito se alija ao mar , mas sem descanso ,
 Jogáo as náos com fervido balanço .

Eis se encapella o mar com furia tanta ,
 Que o convés d'hum baixel fica alagado ,
 E tanto o pezo d'agoa a náos supplanta ,
 Que sobre as ondas volta de costado :
 O imperterrito Gama ao Ceo levanta
 Postas as mãos seguro , e não turvado ,
 O sempiterno Dominante exóra ,
 E dest'arte dos Ceos o auxilio implora :

Supremo Deos , que as húmidas aréas
 Por limites ao mar constituiste ,
 Que as procellosas ondas Erythreas
 Com braço Omnipotente dividiste ;
 E , suspendendo a hum lado as ondas fêas ,
 A teu povo , ó Senhor , caminho abriste ;
 Tu que mandas soltar , prender os ventos ,
 Tu que sustens do Globo os fundamentos :

Pódes tu consentir que os bravos mares
 Sorvão as náos que vão levar teu nome?
 Que a brava furia, o impeto dos ares,
 Dos Lusitanos teus o esforço dome?
 Que tão distantes dos paternos lares,
 Cedendo ao duro mal, que nós consome,
 E que buscando do Evangelho a gloria,
 Aqui se acabe a vida-transitoria?

Que hão de dizer os bárbaros, e a gente
 Que teu Nome immortal, tua Lei despreza?
 Que para nos dar morte em mar fervente,
 Nos mandaste seguir tamanha empreza?
 Que não he teu o Imperio florescente,
 Que a Affonso déste, e a gente Portugueza?
 Só por teu Nome, e gloria Soberana,
 Vem quebrar da tormenta a furia insana.

Inda acabado de pedir não tinha
 O invicto Capitão, do etherio assento
 Potente Archanjo tutelar já vinha,
 Foge delle a tormenta, e foge o vento;
 Que de pavor seus impetos sustinha;
 Prestes se espelha o tímido elemento,
 Muda-se em leve espuma a hortenda vaga,
 Sulfureo raio súbito se apaga.

Espavorido o Déspota fugia ,
 Todo raiva , e furor , do refulgente
 Anjo da luz que as sombras dividia ,
 Que lançava os grillhões ao mar fremente :
 Duvidoso clarão do alegre dia
 Já penetrava as portas do Oriente ,
 E , fugindo de todo a atroz procella ,
 Surge a manhã nos Ceos serena , e bella .

Dos limpos ares se desterra Eólo ,
 No matutino coche flammejava ,
 Já fóra no Horizonte , o claro Apóllo ,
 A noite foge toda , e se occultava
 O astro que mostra ao Nauta immobil pólo ;
 Da gavia hum marinheiro então bradava :
 Se a meus olhos não meante hum vão desejo ,
 Terr'alta pela prôa ao longe eu vejo .

Rompe em festivos bradões de alegria
 A chusma , e corre ao bordo alvoraçada ,
 Já de perto escutava , e perto via ,
 Quebrar-se o mar na praia recurvada ;
 E sobranceira alpestre serrania ,
 De virgem mato , e de arvores cercada ,
 E do declive de mais baixo oiteiro
 Vir serpeando limpido ribeiro .

Vistosos bandos de pintadas aves,
 Dos homens sem receio, os ares fendem,
 E com cantigas naturais, suaves,
 Os quebrantados animos suspendem:
 Lança Alemquer ao fundo os prumos graves,
 E ao Sol as vélas húmidas se estendem,
 Fronteiros ancorando á curva praia,
 Manda o Gama que a gente em terra saia.

A marinhagem léda abraça a arêa,
 Cançada de lutar com o mar fervente,
 Co' os Capitães da Armada então redêa,
 O Gama as curvas praias diligente:
 Nem vestigios na terra que passêa,
 Nem pégadas achou d'humana gente,
 Tenta os caminhos ingremes do monte,
 Onde derrama a vista no Horizonte.

Por baixo de copados arvoredos
 Permanente verdura, inquire a estrada
 D'huns em outros inhospites penedos,
 Galga, e já tóca a cima alcantilada
 Oh mysterio profundo, akas segredos!
 Sombra nunca dos seculos assada!
 No mais alto da inculta penedia
 Estranha Estatua Colossal stergida

Tinha hum. cocar na barbara cabeça, e o véu
 De plumagens não vistas rodeado,
 Breve saio, que a cinta lhe adereça,
 He de plumas iguaes tecido, e ornado;
 Hum arco, com que as settas arremeça,
 Lhe pende co' o carcaz do esquerdo lado;
 Todo o mais corpo he nú, e a côr escura;
 He gigantesca, e válida a estatura.

Co' o dextro braço alçado aponta aonde se
 Nos parece que o Sol. claro, e formoso,
 O disco arceso, e refulgente esconde,
 Ou se atufa do mar no seio undoso:
 O immobil gésto ao termo corresponde
 A que apontava o braço musculoso,
 Mas alongando os olhos pelos ares,
 O Gama não vê mais q' os Ceos, e os mares.

Extático, assombrado o Gama attende
 Ao levantado pedestal; gravadas
 Estranhas letras vio, que mal entende,
 Já des annos, dos seculos gastadas;
 (Que o tempo as pedras cóme, os bronzes fende)
 Mas do sabio Martins interpretadas,
 Entre o confuso labyrintho cégo,
 Os caracteres conheceo do Grego.

Viráo seculos, diz, e em tardos annos,
 Em que se corte o mar para o Occidente,
 (Que nada he arduo a intrepidos humanos)
 Ficará descuberta a terra ingente ;
 A Europa contará dois Oceanos :
 Tal ventura se guarda á Lusa gente ,
 Que terá por limite ao vasto Imperio
 Novo, não visto, incognito Hemisferio.

De hum pólo a outro corre, e em levantado
 Throno alli reina joven Natureza,
 E seus thesouros tem depositado
 Alli com mór fartura, e mór belleza:
 De incultos povos, e nações pizado,
 Sem leis, sem culto em barbara fereza;
 Mortal, o alto segredo o Ceo te attesta,
 E a figura dos Incolas he esta.

Celeste inspiração, sustem meu canto,
 Sustem-me a debil voz, que titubêa.
 Como em extase estranho, em novo encanto,
 Fica suspensa a gente de Ulissêa,
 E a frôxa lyra remontar-se a tanto
 Co' as mal toantes cordas arrecêa,
 Mudo eu tambem, co' a maravilha estranha,
 Desço com todos da fatal montanha.

Ah! que de hum sonho, d'hum lethargo ac
 Aceza em luz a ardente fantasia,
 Vôo aos passados seculos, recordo
 O que Athenas a hum sabio outr'ora ouvia.
 Com seus sublimes extases concordo,
 He esta a terra que Timeo dizia,
 Que, devassando o mar com longo gyro,
 Pizou primeiro o habitador de Tyro.

Quizera a Lusa gente, e invicto Gama
 Ir co' as náos demandar fadada terra,
 E dilatar da Patria a gloria, a fama,
 Ou nos trances da paz, ou nos da guerra:
 Outro Nauta feliz á empreza chama
 Motor eterno, que o segredo encerra;
 Irá, não tarda, pelo mar profundo
 Dar a Lysia hum Imperio, á Europa hum Ml.

Refaz em tanto a força a gente lassa
 Pelos gramineos vales derramada,
 E sem trabalho pelos bosques caça,
 Que he de animaes a terra povoada;
 Em saborosos peixes nunca escaça
 Tambem se mostra a praia dilatada;
 Alguns do bosque denso os troncos trazem,
 De leve antenna, ou mastro se refazem.

O Gama apenas vio , que já soprava
 Hum vento Occidental , que a verdejante
 Superficie dos marés encrespava ,
 Prestes já vendo a Armada fluctuante ,
 Que d'agua pura , e fructos se abastava ,
 Manda virar pezado cabrestante ;
 Range , e do fundo o retorcido dente
 Se arranca , e fica subito pendente.

Largão da içada antenna o leve panno ,
 Vão as náos aprocadas no Oriente ,
 E os mal seguros campos do Oceano
 Mais intrepida corta a Lusa gente :
 Passa os ares ao Olympo Soberano
 Da nautica celeuma o grito ingente ,
 Fogem , como entre nuvens duvidosos ,
 Do Nauta á vista os montes pedregosos.

O pródigo Piloto ao Firmamento
 Lança a vista , e contempla o Sol doirado ;
 Mede-lhe a altura o nautico instrumento ,
 De Luso engenho parte sublinhado ,
 Que nos ermos do instavel elemento
 Leva o baixel no rumo desejado ;
 Nem Magalhães sem elle em mar profundo
 Fora os limites estender de Mundo.

Vê que o clima ardentissimo , e fervente
Debaixo do Equador cortando andava ,
Por onde á noite , e ao dia o Sol luzente
D'horas igual porção sempre marcava :
Clima onde a branca pelle á humana gente
(Segredo profundissimo !) negava
Zona dos Lusos vista , e descoberta ,
Que a antiga Europa imaginou deserta.

Que novo mal , que nova desventura
Rompe do escuro Inferno embravecida !
Quantos no mar encontram sepultura ,
E tão longe da patria em vão querida !
Da pallida morada a morte escura
Sahe de cruel contágio seguida ,
No enfermo corpo o sangue se corrompe ,
Subito o debil fio a Parca rompe.

Refrigerante assopro em vão se espera ,
Em podre calma o mar jaz socegado ,
Triste inacção que os Nautas desespera
Mais que o negro tufão medonho , e irado :
Quantos desejão tempestade fera !
Quantos o Ceo de nuvens abafado !
E antes varar na costa , e brava arêa ,
Q' ás mãos morrex da fome horrenda , e fea!

Já lhes fallece o parco mantimento,
 He grossa a lynfa, e turva, e corrompida;
 A tanto mal, e insólito tormento,
 Cede entre angustias miseravel vida.
 O Nauta attenuado, e macilento,
 Entre horrores da fome embravecida,
 Negro instante maldiz, ardendo em ira,
 Em que do Téjo paternal sahira.

Quanto he mais nobre, mais honrada a sorte,
 Brada afflicto, do intrepido Soldado,
 Que entra em peleja valeroso, e forte,
 E combate no campo o Mouro ousado!
 Se nos muros d'Arzila encontra a morte,
 Cinge eternos laureis, dos seus chorado;
 Caduco sangue impávido deframa,
 E a vida, que perdeo, ganha na fama.

Que gloria temos de tão louca empreza?
 Que monumentos, que padroes, que bustos?
 Não vence arrojio humano a Natureza,
 Contra a nossa ousadia os Ceos são justos.
 Não póde contrastar mortal fraqueza
 Fomes, naufragios, mortandades, sustos;
 Eis tirado a Neptuno o azul tridente!
 Eis o sonhado Imperio do Oriente!

Seguro acode o Gama : O' Lusitanos ,
 De forte gente ó prole generosa ,
 Que importão fomes , tempestades , danços ,
 E a mesma morte tétrica , e horrorosa ?
 Olhai que he dada aos miseros humanos ,
 Da culpa herança , vida trabalhosa ,
 E a eterna palma , em bellica refréga ,
 Só quando vence , ao vencedor se entrega .

Os Scipiões , os Cesares famosos ,
 Que tanto o Lacio antigo exalta , e canta ,
 Subirão por caminhos escabrosos
 Onde o Templo da Gloria se levanta :
 Seremos nós cobardes , e medrosos ,
 Que cedamos ao mal que nos supplanta ?
 Se contra nós conjura o negro Inferno ,
 Por nós peleja , e vence hum Deos eterno .

Medonha Bojador temos dobrado ,
 Méta irrisoria já do antigo Mundo ;
 Póde temer hum peito denodado
 O que resta sulcar do mar profundo ?
 He dura a guerra ao intrepido Soldado ,
 Mas o louro lhe foi sempre jucundo :
 Morremos pela Patria , oh feliz sorte !
 O Luso pela Patria , afronta a morte .

Como ao surgir do Sol claro, e brilhante
 O mar que a noite tinha encapelado,
 Depondo a furia o vento sibilante,
 Na praia escôa, manso, e socegado:
 Tal dos Lusos o peito vacillante,
 Do grão pezo dos males soçobrado,
 Co' a voz tranquillo do potente Gama,
 De novo esforço, e de valor se inflamma.

A voz do Varão forte o Eterno a ouve,
 E o suspiro de hum peito enternecido
 O claro Ceo penetra, o Ceo commove;
 Sôa o mar de repente entumecido:
 Eis se ennegrece o Ceo, subito chove,
 E muge o vento hum pouco embravecido,
 E, logo as brancas véas desfaldando,
 Vão por entre-escarteos as náos arfando.

As mãos já descarnadas encovando
 O já contente Nauta, da agua fria,
 Que se estava das nuvens desatando,
 Co' o joelho dobrado, alegre enchia:
 A longos sorvos vai refrigerando
 As entranhas, que a febre lhe accendia;
 E já menos cruel, meaos intensa,
 No corpo affroua a pallida doença.

D'Oeste o fresco vento , que assoprava ,
Para a costa da Libya a Armada lança ,
Sempre attento Alemquer aos Ceos olhava ,
E a latitude austral já certo alcança :
Mais raros pelo Ceo globos notava ,
Vai mareando em pôpa , e não descança
Em quanto , experto assim , trabalha , e luta ,
Quebrar-se o mar na costa ao longe escuta .

Terra , exclama hum Gageiro , á nossa prôa ,
Pelas rochas o mar despedaçado
Distinctamente nos ouvidos sôa.
Manda pairar o Mestre alvoroçado ,
No ar o bando sólito revôa
Das aquaticas aves , levantado
Hum cabo observão já , verdes Palmeiras
Cobrem-lhe a cima , e as ingremes ladeiras .

Aos pés das altas serras se descobre
Seguro ancoradouro , angra espaçosa ,
Que as trabalhadas náos abriga , e cobre
Do solto vento á furia procellosa :
E , já desfeita a nevoa , que lhe encobre
A longa terra , tórrida , arenosa ,
Vem correr para a praia , em copia ingente ,
Negra , buçal , mas conhecida gente .

CANTO III. 73

O solto, e leve panno as náos ferravão ;
Subito vem da terra em páos cavados
Os habitantes nós, e as náos cercavão ,
Co' a nova vista alegres, e pasmados ;
Nenhum vestido os miseros trajavão ;
Os cabellos felpudos, e enroscados ;
De aspecto bruto, barbara fereza ;
Que os fez da côr da noite a Natureza.

FIM DO TERCEIRO CANTO.

 G A M A .

 C A N T O Q U A R T O

A PENAS cahe da prôa o ferreo dente ,
 Lançar batéis ao mar subito mânda
 O forte conductor da Lusa gente ,
 O cabrestante em torno estalla , e anda :
 De marinheiros esquadrao valente
 Fernão Velloso intrepido commanda ,
 E , apenas salta na fervente arêa ,
A negra chusma attónita o rodêa .

Vão sem pavor os fortes marinheiros
 Por acenos fallando ás brutas gentes ,
 O alto cabeça galgão d'huns oiteiros ,
 Donde burbulhão limpidas correntes :
 Gordas vacas , lanigeros cordeiros
 Virão pastar nas veigas florescentes ,
 E os negros pegureiros , que as guardavão ,
Sem graça os roucos anafins tocavão .

Alegre a turba inculta a voz erguia,
 Agreste voz desconhecida aos Lusos,
 Humanos na figura, e parecia
 Que pouco distem de animaes obtusos:
 Eis dentre muitos subito rompia
 Hum, cujo aspecto deixa os mais confusos
 Bradando em Portuguez do mato vinha,
 E para os nautas ledo se encaminha.

Attónito, assombrado, na cabeça
 Se lhe errica o cabello, e a voz pegada:
 O assombro mudo a faz, faz que pareça
 Fria estatua de marmore formada;
 Em fim, desafrontado, assim começa
 Oh gente Lusitana, oh gente amada,
 Que hoje o Ceo me enviou, s'isto que vejo
 Não m'o pinta hum fantastico desejo

Que Destino, que Sorte, em Providencia
 Vos trouxe aqui de terras tão distantes,
 Pelos trances cruez, pela inelomencia
 Do mar soberbo, e ventos inconstantes:
 Depois de tão comprida, e dura ausencia,
 De tanto mal, de angustias deverantes,
 Em meus braços aperto a gente amiga,
 Que tem comurum comigo a Patria antiga

Do sobresalto mais desassombrado,
Não sem lagrimas conta, que algum dia
Cortou com Lopo Infante o mar salgado
Quando a baliza austral dobrar quera :
Por engano o deixou na terra o Fado,
Que tranquillo co' os barbaros vivia,
Que a terra tinha Rei, que era habitada
De nação mui feroz, e á guerra dada.

Do Congo o Reino alli se dilatava,
Em armas, e em riquezas poderoso,
Que ao Norte em férteis campos se estremava
Com Arzingo, e Loango; que o arenoso
Reino d'Angola ao Sul inda ficava,
Que acima corre o Senegal undoso,
Onza, Lembombo, Brancar, e Lelunda,
Do Vambre a lynfa procellosa, e funda.

Que he vastissima a terra, e povoada
Toda de minas de metaes brilhantes,
Que pelos bosques seus campêa a Abada,
E corpulentos, dóceis Elefantes,
Onça feroz, carnivora, indomada,
Zebras gentiz de pelles variantes,
Magnanimos Leões, que o mato estrugem,
Quando com fome nas cavernas rugem.

Que altas copadas arvores sombrias
 Crescem, d'hum verde sempiterno ornadas,
 Que das ribeiras pelas margens frias
 Dão grata sombra ás gentes abrazadas:
 Que a prumo sempre o Sol rescalda os dias,
 Que erão as noites mais refrigeradas,
 Que os negros são frugais, mas opulentos
 Em lavoura, e lanigeros armentos.

Que perto o Senegal vai serpeando,
 Depois que immensa terra inunda, e lava,
 Que em larga foz as ondas enrolando
 O crystallino feudo ao mar pagava;
 Que, hum pouco as margens húmidas curvando,
 Em angra funda ás náos o abrigo dava,
 Que lá podião certo refazellas
 De rijo leme, ou mastro, ou largas vélas.

Mais quizera dizer; porém tocados
 De justo assombro os nautas valerosos,
 Com tão estranho encontro alvoroçados,
 Os ligeiros batéis buscão cuidadosos:
 Armão-se, vogão remos alutados,
 E a bordo vão dos lenhos alterosos,
 Já pelas cordas rápidos subião,
Ledos comsigo o Portuguez trazião.

Como se observa em Corte populosa ,
 Se peregrino errante se offerece ,
 Correndo para o ver turba curiosa ,
 De longo , e espesso circulo o garante :
 Que Patria tenha indaga cubiçosa ,
 Que costumes , que rito , ou leis professe ;
 Dest'arte a chusma nautica se ajunta ,
 E em torno delle sem cessar pergunta .

Attento escuta o valeroso Gama
 Quanto assombrado o Luso lhe dizia ,
 Por ver prodigios taes se accende , e inflama
 Em desejos a forte companhia :
 Apenas surge o Sol , e a luz derrama ,
 E no acceso Horizonte assoma o dia ,
 Do algozo fundo o ferro alçar já manda ,
 E a larga foz do Senegal demanda .

Fervia ao longe o crystallino argento
 Com branca espuma em rôlo desusado ,
 Do fundo rio o turvo movimento
 Faz suspender a furia ao mar pezado :
 Tanto corre medonho , e tão violento ,
 Desd'alta fonte em serras apertado ,
 Que pela veia rápida , e espumante ,
 Vão com trabalho as mãos arfando avante .

Paira Alemquer, e espera o ésto enchenté,
 Com que possa aproar na barra undosa,
 O entumecido mar do rio ingente
 Suspende hum pouco a furia procellosa;
 De hum lado, e d'outro o vasto continente
 Mostra aos olhos a scena delectosa
 De eternos bosques, cuja espessa rama
 A magestosa sombra, e horror derrama.

Do lado austral do rio se amostrava,
 Dos ventos defendida, huma enceada,
 Que abrigo aos lenhos combatidos dava
 Contra a furia do Sul medonha, e irada:
 A altura aqui do pelago sondava
 Alemquer, e deo fundo a forte Armada,
 Cahem as pezadas ancoras da prôa,
 Do golpe a agua rasgada espuma, e sôa.

A turba em terra salta; ao destemido
 Fortissimo esquadrão da Lusa gente
 He guia o Portuguez: n'hum monte ergui
 Eis descobrem Pyramide eminente:
 Objecto estranho! Hum grito enternepido
 Erguem todos, e sóbe ao Coo lusente,
 Chegando a ver no pedestal gravadas
 Do Luso Imperio as Quinas consagradas.

Todos na terra barbara prostrados ,
 Doces , ferventes lagrimas vertião ,
 Quando arvorada a Cruz nos apartados
 Incultos areaes da Libya vião ;
 Inda em bronzes , do tempo não gastados ,
 As Lusitanas inscripções se lião ,
 N'uma dellas o tempo se declára
 Em que Diogo Cão no rio entrára.

O Conductor lhe diz , que hum pouco ao Norte
 Entre verdes palmares se encontrava
 Do Monarcha d'Encógi a augusta Corte ,
 Que as Leis a Reinos tributarios dava :
 Em riquezas , em gente , em armas forte ,
 Era o terror da Libya inculta , e brava.
 Desejo em todos fervido se atêa ,
 De ver o Rei da gente escura , e fêa.

O monstro , que olhos cem , cem bocas conta ,
 Que os pés na terra esconde , e co' a cabeça
 Em nuvens sempre envolta os Ceos affronta ,
 Que objectos mil confunde , atraza , e apressa ,
 Que mais que o vento corre , e se remonta ,
 Já na Cidade barbara começa
 A publicar a força , e valentia
 Da gente que ao Monarcha o Gama envia.

Veloso , e Leonardo , os extremados
Entre toda a valente companhia ,
Vão de ricos presentes carregados ,
A que o negro buçal dá mór valia :
Vão marchando os intrepidos soldados ,
E o desterrado Luso os passos guia ,
E do estranho paiz , que hião trilhando ,
Vai elle a usança barbara explicando .

Pelos gramineos vales verdejantes
Diversos animaes pastando vião ,
Entre Palmas robustos Elefantes
Como animados montes se movião :
O rio assombrão arvores gigantes ,
Que de frutos , e flores se cobrião ,
E as aves , que revoão no arvedo ,
De rude canto são , de aspecto lédo .

Os carniceiros Tigres mosqueados
Passão , todos horror , no alpestre monte ,
E fogem delles tímidos veados ,
Buscando as aguas da serena fonte :
Avestruzes ligeiros , e emplumados ,
Só recatão do imigo a estulta fronte ,
A Hyena farta em sangue , a voz humana
Imita quando sente a fome insana .

Agrestes negros vem , que andão buscando
 O mel pelos rochedos saboroso ,
 Outros em leves barcas mariscando
 Nas verdes margens vão do rio undoso :
 Entre os vergeis alguns andão caçando ,
 Com leve setta , ou laço insidioso ;
 Hum quadro aos olhos mostra a gente escura ,
 Qual se mostrára a Natureza pura.

Eis de longe entre grossas estacadas
 Erguer-se a alta Cidade divisavão ,
 Ramos espessos d'arvores copadas
 Do solar raio adusto a resguardavão :
 Sobranceiras a tudo , e levantadas ,
 Mas toscas , galarias se mostravão ,
 Soberba habitação do Rei potente ,
 Chamada Ambáca pela inculta gente.

Do ligneo muro attónitos sahião ,
 E quasi nus , os rudes habitantes ,
 Vendo brilhar as armas que trazião
 De ferro , e de aço os Lusos navegantes :
 Pelas copadas arvores subião ,
 Por ver os géstos nunca vistos d'antes ;
 Chegão dest'arte a hum campo , onde sentado
Estava o Rei n'hum throno acobertado.

Do hombro a equina cauda lhe pèndia ,
 Que entr'elles he brazão de potestade ,
 E rubro chamalote lhe cingia
 Da escura fronte a torva magestade :
 Do cinto aos pés a veste lhe descia ,
 Nua de todo a sup'rior metade
 Do negro corpo está : d'espaco a espaco ,
 Aureo annel lhe abroxava o esquerdo braço .

He de sereno aspecto , e magestoso ,
 (Que o regio brio , e garbo , a côr não tolhe ,)
 Com mesurado termo , e com repouso ,
 Junto ao throno benigno os dois acolhe :
 E do misto concurso numeroso
 Os Souvas , que são Principes , escolhe ,
 Com estes ouve a insólita embaixada ,
 Que foi do Lusó interprete explicada .

Vês dentro em teu Imperio , o Rei potente ,
 O Lusitano Capitão , mandado
 A descobrir os Climas do Oriente
 Por mar té agora incognito , indomado :
 Novo , estranho não he da Lusa gente
 Dentro em teu Reino o nome celebrado ;
 Inda he do Senegal o Téjo amigo ,
 Das leis se lembra , e do commercio antigo .

De teu poder a gloriosa fama
 Chega da Europa aos Climas mais distantes ,
 Teu poder conhecendo o invicto Gama ,
 Soccorro busca aos lassos navegantes ,
 A quem o amor da gloria o peito inflamma ;
 Contra o furor dos mares espumantes ,
 Té que a Armada se entrêgue á equorea vêa ,
 O hospicio pede da benigna arêa.

E as producções da Europa alli mandava ,
 Finos brocados , sedas preciosas ,
 Marchetado pavez , e eburnea aljava ,
 Prenhe de agudas settas pressurosas :
 E , quaes no Téjo o artifice forjava ,
 Duras espadas , chuças sanguinosas ,
 Testemunho d'amor , digno presente ,
 Que hum grande Rei manda a hum Rei potente.

Mostra-se alegre o Principe Africano ,
 Escutando o que o interprete dizia ,
 E cheio de prazer , de gloria ufano ,
 Com branda voz dest'arte respondia :
 Ha muito que meu Reino ao Lusitano
 Sei que amizade , paz , commercio unia ,
 Que pôde affeito o Capitão valente
Dar tranquillo repouso ás náos , e á gente.

Disse, e quiz ver a fluctuante Armada,
 Quiz abraçar o Capitão valente;
 Já na eburnea cadeira levantada
 Aos hombros o conduz a escrava gente:
 Coberta vem de povo a larga estrada,
 Clamando após o Rei lédo, e contente,
 E já na velocissima almadia
 Vogando o remo a chusma o mar varria.

Apenas das náos altas se avistárão
 Os estreitos baixeis que o Rei trazião,
 Súbito as éneas bocas fuzilárão,
 E os trovões pelos montes retinião:
 Das mãos os remos trépidos largárão
 Os negros, que o bramido ao longe ouvião,
 E, posto que o sinal da paz conhece,
 Sincera a natureza inda estremece.

Recebe o illustre Gama o Rei gostoso
 De ver soberbas náos, e a gente armada,
 Manda-lhe pôr o Chefe generoso
 A meza de manjares abastada:
 Corre nos vitreos cópos o espumoso
 Licor, que exalça a margem dilatada
 Do turvo Douro, que ávidos recebem,
 Não cuidadosos do effeito alegres bebem.

Em paz c' o Rei tranquillo á terra vinhão
 Os Lusos navegantes socegados,
 Entre os negros attónitos caminhão,
 Vendo os Lusos de ferro, e d' aço armados:
 Morada em doce paz, e asilo tinhão,
 E frescos mantimentos não comprados,
 Que amor fraterno, que hospital virtude
 Mais pura existe em natureza rúde.

Sabem que o vasto Reino he tributario
 De hum grande Rei, que os montes habitava,
 Donde rompendo o Zaire immenso, e vario,
 A' carreira veloz principio dava:
 Que o Principe de Encógi he feudatario
 Do Rei que a alta Ethyopia avassalava,
 Que delle a regia investidura vinha,
 Que delle o sceptro, e pôtestade tinha.

Que hum Souva áquelle Imperio o povo envia,
 Que lhe confirme o Principe acclamado,
 Que nunca o rosto do Monarcha via
 Em cortinas de purpura fechado:
 Que huma Cruz de metal dalli trazia,
 Signal de hum culto que dos Ceos foi dado,
 Que Imperio, e Sacerdocio em laço estreito,
Unido estava em unico sujeito.

Ser este o Reino os Lusos conhecerão
 Da famosa Candáce em outra idade ,
 Que ella , e subditos seus credito dêrão
 Aos santos dogmas de immortal verdade ;
 Que alli tiverão nome , e florecêrão
 Sanctos Heroes , brazões da Christandade ,
 E que era o Reino em fim que já buscado
 Fôra do Covilhan , do Paiva ousado.

Em quanto o Gama excelso , e a gente forte
 Este segredo ouvio na terra amena ,
 Aos Lusos offerece a mão da morte
 Triste , qual he costume , infauata scena :
 Cortar em terra flor a iniqua sorte
 Hum joven filho do Monarca ordena ,
 E já da curva foice o gume impio
 Da existencia mortal lhe talha o fio.

A' justa dôr cedia o peito invicto ,
 Não soffre o coração mágoa tamanha ;
 No doloroso pranto o povo afflicto
 Com ais , com luto o Principe acompanha :
 Pavoroso clamor , medonho grito
 Se escuta rebombar na terra estranha
 Quando o caçaver frio aos hombros trazem ,
 Quando as exequias ultimas lhe fazem.

N'hum dilatado campo se alevanta
 De troncos d'altos cedros pyra ingente ,
 Máquina digna de grandeza tanta ,
 (Que idéa tem da pompa a escura gente :)
 Lanção por cima da cheirosa planta
 Hum balsamo suave, e recendente ;
 C' huma tocha nas mãos chorando gyra
 Hum velho em torno da funérea pyra.

Não sem mágoa, e piedade os Lusos vião
 Desusado espectaculo tristonho ;
 Destemperados anafins tangião,
 Echo espantoso, funebre, e medonho ;
 E no triste aparato descobrião
 Que a morte he crua pena, a vida he sonho :
 O Sacerdote entôa horrendo canto,
 Responde o Povo com magoado pranto.

Já sobre a infausta máquina pousava
 O mudo, e frio corpo: eis de Donzellas
 Com passos lentos esquadraõ marchava,
 Virgens de negra côr, mas Virgens bellas :
 O crespo, e negro pello se enfeitava
 De brancas odoríferas capellas,
 Tristes victimas são da morte impía,
 Que taes a usança barbara pedia.

Superstição mandava injusta, e dura,
 Que ao sacro ferro victimas cahissem
 Donzellas seis d' estranha formosura,
 Que lá n'hum Reino eterno o Rei servissem;
 Que sobre a regia, triste sepultura
 A cinzas funeraes se reduzissem:
 E, a scena tal de barbara fereza,
 Tapa os olhos de afflicta a Natureza.

Volvia a frente para o opposto lado
 O velho, que arvorava o facho ardente,
 Hia a pôr fogo ao tumulo elevado,
 Onde estendido estava o corpo algente:
 Eis rompe a turba com mavioso brado
 Hum mancebo, que assusta a inculta gente,
 Busca as Donzellas com trementes passos,
 E para a mais formosa estende os braços.

Entre as miseras victimas estava
 Mais triste, e mais gentil: no afflicto rosto
 Noite, mas noite bella, se amostrava;
 Dôr penetrante, lagrimas, desgosto,
 Saudade, amor no gesto declarava,
 Vendo vizinha a morte, e o Fado opposto,
 Que os laços de Hymeneo, e a chamma pura
 Em cinza lhe converte, em sepultura.

O mancebo infeliz Fortuna accusa
 Cega, inconstante, caprichosa, e dura;
 Maldiz a lei, que do poder abusa,
 Que grata aos Ceos declara a morte escura,
 Que nem sangue, nem lagrimas recusa;
 E abraçado co' a amada formosura,
 Chora, brada, suspira, ulula, e grita;
 Os Ceos á compaixão, e a Terra excita.

Não póde o Luso peito consternado
 Soffrer mais tempo a scena lastimosa;
 Nem póde ouvir do amante desgraçado
 Solta em queixume amargo a voz mávida;
 Nem ver o gesto triste, o ar magoado
 Da miseranda victima formosa:
 Não foi, Jerusalem, não foi mais triste
 A scena que em Sofronia, e Olindo viste.

Veloso então bradava: O' Rei sublime,
 Se respeitas a Lusa potestade,
 Do fanatismo atroz furias reprime;
 Da lei que insulta a triste humanidade
 As miserandas victimas exime,
 Que não apraz ao Ceo brutal crueldade;
 Em todas Natureza o golpe impede,
 Mas a existência desta Annos a pede.

Ouve os gritos de Amor... Já murmurava
 Toda a falange Lusitana armada,
 E já nas mãos robustas lampejava
 (Movimento uniforme) a horrenda espada:
 E já Veloso invicto ao lado estava
 Da misera Donzella a amor votada;
 O Rei, que teme a gente illustre, e forte,
 As leis suspende barbaras da morte.

O Sacerdote a sulfurosa téda
 Chega ao feretro triste, eis ondeante
 Subito estala viva labaréda,
 Sobem torres de fumo ao Céo brilhante;
 De átro vapor hum grupo aos olhos véda
 Do claro Sol o disco scintilante,
 Desfaz-se o corpo em cinza, e negra terra,
 Que dentro em toscos marmores s' encerra.

Da triste scena barbara tocados
 Os Lusos dalli vão com mágoa, e espanto,
 E, da Donzella misera lembrados,
 Dos olhos rompe involuntario pranto:
 Foi-lhe propicio Amor, mudou seus fados.
 Mas dos negros a turba immensa em tanto
 Libações sobre a lápida fazia,
 E com ternura ingenua, e dor carpia.

O Gama entanto providente ordena
 Do porto amigo a proxima partida ,
 E já das producções da terra amena
 Era a undivaga armada abastecida :
 Manda prover de véla , e grossa antena ,
 Que alguma foi do temporal rompida ,
 E d'aguà clara , e fructos abundantes
 Doce soccorro aos duros navegantes.

Bem como no calmoso , ardente estio
 Correm formigas providas , lembradas
 Das duras privações do inverno frio ,
 Co' as fecundas sementes carregadas ;
 Vai marchando o esquadrão negro , e sombrio
 Pelos sulcos , e veigas dilatadas :
 Taes os nautas robustos caminhavão
 Co' as producções da terra , e as náos buscavão.

Em quanto pelos bosques espargidos
 Na proxima partida andão cuidadosos ,
 E de animaes na caça repartidos
 Pelos estranhos montes pedregosos ;
 Mancebos dois ao desterrado unidos
 Em quanto vágão nos vergeis umbrosos
 Scena vão descobrir d'orror profundo ,
Qual nunca yirão seculos no Mundo.

De hum penhasco reconcavo truncados
 Ouvem sahir gemidos , que os Hircanos
 Tigres deixárão de pezar cortados ,
 Que farião Leões mansos , e humanos :
 Chegão junto á caverna , e já turvados ,
 Mas sem pavor , os fortes Lusitanos ;
 A Natureza cede , e de repente
 Frio suor lhe inunda o peito , e a frente.

Lançados virão sobre a terra dura
 Feridos corpos , sangue espadanando ,
 Tres victimas da morte injusta , e dura ,
 Miserandos trofeos d' amor infando :
 Hum delles respirava inda a luz pura ,
 Luz que hia a morte em sombras transformando ;
 Quasi exhalando os ultimos gemidos ,
 Dest' arte exclama aos Lusos compungidos :

Venturosos mortaes , se em vossa terra
 Do deshumano amor se chora , e sente
 A tormentosa paz , a horrenda guerra ,
 A barbara cadêa , a chamma ardente ;
 Vinde , observai o que esta gruta encerra ,
 Scena que inda não víra humana gente ,
 Caso funesto , atroz , nunca pensado ,
 Vingança , sem razão , do injusto Fado.

Essa extincta , infeliz , e inda banhada
 No sangue que espadana o aberto peito,
 Foi minha , oh justos Ceos ! foi minha amada ,
 Amor nos hia unir com laço estreito :
 Esse infeliz trofeo da morte irada
 Sentio d' amor por ella igual effeito ;
 Amor aos dois a dêo , e aos dois a tira ,
 Quando a mesma paixão por ella inspira.

Se a pura mão de esposo a Unhamba eu dava ,
 Unhamba , oh doce nome ! Amor ordena
 Que o meu rival , que Unhamba idolatrava ,
 Sintia d' huma repulsa a horrenda pena :
 Se Unhamba esposa a meu rival se dava ,
 Ao mesmo golpe o Fado me condemna.
 Eis oppomos ao Fado , e iniqua Sorte
 De todos tres a voluntaria morte.

Amor , Amor o quiz , e agudo ferro
 De hum golpe a todos despojou da vida ;
 Se foi erro a paixão , se amor foi erro ,
 Esta he de amor a pena merecida :
 Mas ah ! que é luz extrema os olhos cerro ,
 Luz importuna , luz aborrecida.
 Unhamba , acabo amante , amante expiro ,
 Inda hes minha , inda he teu final suspiro ,

Contra ti , contra nós Amor seu braço
 Quiz armar vingativo , e hum golpe duro
 Cortou de vidas tres o estreito laço ,
 E todas lança no sepulchro escuro :
 A morte pôde mais , eis abre o passo
 A's eternas mansões de hum Ceo mais puro ;
 Dos despojos mortaes alli despidos ,
 Seremos , não rivaes , contigo unidos .

Mais quizera dizer , funereo manto
 Da morte , que em seu rosto s' estendia ,
 Nos froxos olhos lhe coalhava o pranto ,
 E a voz lhe quebra na garganta fria :
 Inda de amor o incendio o abraza tanto ,
 Que no extremo soluço o braço erguia
 Para o corpo da amada , e em sangue tinto ,
 Em sangue , em sombra envolto o abraça extinto :

Qual costuma ficar mudo , assombrado
 Mortal , que em noite funebre , horrorosa
 Vio subito cahir do Ceo rasgado
 Do etherio lume a setta sulfureosa ;
 Que a esta , áquella parte inda turvado
 Volve , e revolve a vista duvidosa :
 Taes ficão os barões que a scena vêem ,
 E o brado extremo do infeliz ouvem .

Como a par d' hum rochedo outro rochedo ,
 Mudos , quedos estão no alpestre monte
 Hum Luso , e outro Luso , immobil , quedo ,
 Extatico se olhava fronte a fronte :
 Em seu rosto se pinta assombro ; e medo ,
 E antes que o Sol se afunde no horizonte ,
 E se desdobre o véo que o Mundo enluta ,
 Fogem da vista da espantosa gruta.

Não vio por certo a fabulosa Athenas
 Ao levantar do Tragico Sipario
 Mais tristes , cruas , lastimosas scenas ,
 Mais féros golpes do Destino vário :
 Nem vio Minturno mais atrozes penas ,
 Nem mais sangue , e mais lagrimas em Mário ;
 Da triste Electra a sorte he menos fêa ,
 Menos funesto Atreo , menos Medêa.

Em tanto o forte Gama em dom recebe
 Do amigo Rei contente , e generoso
 Hum carcaz , em que hervada setta embebe ,
 Todo d' ouro , e marfim claro , e lustroso .
 Para a jornada incerta se apercebe
 Já vendo o mar quieto , e bonançoso ;
 No tope da mezena ondêa erguida
Senha , que intima aos nautas a partida.

Mal os negros podião (da amizade
 Tal he a força occulta, e sympathia!)
 Dissimular a mágoa, a saudade
 Ao vêr que a Lusa armada o mar fendia:
 Triste voltava o Rei para a Cidade,
 E triste o povo aos bosques se volvia.
 Levão ferros do fundo, e largão panno,
 Rebomba ao longe o bronze de Vulcano.

Já rompia o clarão pelo Oriente
 Da matutina Aurora desvelada,
 De acezas rosas ennastrando a frente
 Abria ao Sol a luminosa estrada:
 Contente, alegre a Lusitana gente
 Marçea em popa a fluctuante armada,
 Talhando a aguda proa os vitreos mares,
 Rompe a celeuma os transparentes ares.

Co' as infunadas vélas vão cortando
 Os Neptuninos campos dilatados,
 Confusos no Horisonte eis vão ficando
 Os cabeços dos montes empinados:
 As náos pela alta popa vão deixando
 Rastos de branca espuma assignalados,
 Bradáo os negros agoirando á armada
 No mar incerto prospera jornada.

FIM DO QUARTO CANTO.

G A M A.

CANTO QUINTO.

A Soberba entre as chammas crepitantes
 Da pavorosa, lugubre caverna,
 No peito contra os Lusos navegantes
 Odios eternos nutre, e inveja eterna:
 Teme, arreceia os raios fulgurantes,
 Que vibra a mão que a Terra, e Ceos governa;
 Em quanto hum novo estrago premedita,
 Sólta do borrendo peito a voz afflicta:

Que importa haver perdido hum só combate?
 Foi capricho do Fado, ou lei mais forte;
 Nunca hum revez meus impetos rebate,
 De balde contra mim se empenha a Sorte,
 Tudo debaixo de meus pés se abate;
 E se eu não pude dar ao Luso a morte
 Com força descoberta, astute engano,
 Por senda occulta, buscarei no destino.

Darei mar, darei ventos benéficos
 A's atrevidas náos: cego enganado
 Farei que o Gama corra b' pego unido
 Com rumo sempre incerto, e Céu nublado:
 Hum Paiz fingirei farto, abudoso,
 Que mostre hum grande Imperio, hum rico Estado,
 Qual denodada Lusitana gente
 Busca nos climas do vedado Oriente.

Nelle os hei de acabar... Sejam chantados
 A tanta empreza Espiritos ditosos,
 Que se forão do Céu precipitados,
 Só mudarão seus thronos poderosos:
 Vivem de audácia, de raueor armados
 Contra os fúteis Destinos invejosos.
 Disse, e a conselho subito os convocou;
 Ferrea tuba apellando á horrenda boca.

Quaes transmarinas aves apressadas,
 Que, deixadas no estio a Libys ardente,
 Vem demandar as terras temperadas,
 Que mais oblique adára e Sol lazente;
 D'Abys, e Calpe as praias encurvadas
 Cobrem negras legiões de furta gente:
 Junto ao curral infernal taes se amedronta
 Malfazejos espiritos, que vobes.

Sobre o sulfureo solio afogueado,
 Que em torno cêrca, e lambe eterna chama;
 O revoltoso Dêspota sentado
 Luto maior no Inferno, e horror derrama:
 Roido de si mesmo, e atormentado
 Os seus ministros á vingança chama,
 A horrenda voz levanta, o abyssmo a escuta
 C' o tremendo rebombo o abyssmo nuta.

Anjos, e socios meus, quiz o Destino
 Que o mensageiro do Motor eterno,
 Dos Ceos descendo ao campo crystalino,
 Vedasse os passos ao Senhor de inferno,
 Quando indignado, ao Luso, desatino,
 Hia a pôr termo, e termo sempiterno;
 E mallogrando a audasiosa empreza,
 Vingar-me a mim, vingar a Natureza.

Quiz esconder no fundo do Oceano
 Envolta na tormenta a indigna armada,
 De balde o bravo Sul, e o Norte inasano
 Tinha do globo a máquina abalada:
 Anjo da luz desceo do Emypyreo, e ufano
 Desfez n'hum sopro a tempestade irada,
 Veio o raio, que vibra a dextra eterna,
 Eu retirei-me á palida caverna.

A descoberta força em fim perdemos
 Contra os mortaes, que insultão nosso Império,
 Como fracos aos Ceos nunca cedemos,
 Foi destino o revéz, não vituperio:
 Inda esforço, e valer, e as armas temos,
 E todo he nosso o Indico Hemisferio;
 Busquemos promptos melhorar de sorté,
 Dêmos ao Luso audaz no engano a morte.

O Genio da blasfemia atroz gigante,
 O mais feroz dos monstros rebellados,
 Que contra os Ceos sacrilego, arrogante
 Levanta desde o Inferno horrendos brados,
 Erguendo a voz medonha, e retumbante,
 Que o tormento aggravou dos condemnados,
 Para o throno do Déspota se avança,
 E para ouvillo o Bárathro descança.

Se do Chãos os terminos passamos
 Té onde brilhão Sóes, se em pavoroso
 Aborrecido Inferno o Eden trocamos,
 Sem temer da vingança o raio iroso;
 Se erguemos tanto, e tanto dilatamos
 No terreo globo o Imperio glorioso;
 Será possível que meu forte braço
 Contra hum átomo empregue occulto laço?

Guerra ao Ceo... Eu irei no escuro fundo,
 Impias náos sepultar do immenso Oceano;
 A terra, o vento, o mar, e raia, o Mundo,
 Tudo irei conjurar no estrego, e danço:
 Ha de sorvar o pélago profundo
 O atrevimento, e nome Lusitano;
 Cobarde engano hum Serafim despreza,
 He só digna de mim, se he ardua a empresa:

Retumbou pelo carcere horroroso
 Da horrenda voz confuso murmurio,
 Contento aplaude o povo revoltoso
 A blasfemia, e furor do monstro impio:
 Grito, que excede o estrondo pavoroso,
 Que em estadupas fórma Egyptia ria,
 Ou qual dos Alpes se prodeuz no cume
 Trovão, que segue o sulfureo lume.

Não, grande Archanje, o Déspota disse,
 Não he braço mortal, mesquinha gente
 Quem contra nós accende a guerra impia;
 Meu braço então (no Inferno, omnipotente)
 Para atalhar seus passos bastaria,
 Ficára intacto o Imperio de Oriente:
 Não se oppõe contra nós o esforço humano;
 Rival he nome o Eterno Soberano.

Talvez vença hum ardil, se afroxa o braço;
 Talvez empeça a empreza começada
 Não vista força, mas occulto laço.
 Corra sem rumo a fluctuante armada
 De mar desconhecido immenso espaço;
 Ilha surge entre as ondas ignorada,
 Vós a ireis habitar, e a Lusitana
 Armada ha de julgar que he Taprobana.

Morte nella ha de achar... Eis turbe immensa
 Já vai sahindo da masmorra escura,
 Rompe as portas do abysmo, e sem detença
 No conhecido globo o mar procura:
 Tal vai da noite tenebrosa, e densa
 Das tristes aves a caterva impura
 Caliginosa sombra atravessando,
 Entre spectros, e tumulos voando.

Quasi no cabo austral da immensa terra,
 Que cerca do Oriente outro Oceano,
 Onde os gigantes vio, tormenta, e guerra,
 Todo o globo rodeando, hum Lusitano,
 Que insoffrido da Patria se desterra,
 Por dar mais nome, e gloria ao Reino japonês;
 Jaz entre muitas, pedregosa, e inculta
 Ilha entre as ondas tumidas occulta.

O Genio da Soberba, ao damnó attento,
 Corre o ceruleo campo dilatado;
 E move a seu sabor fagueiro o vento,
 E aparta as náos do rumo desejado:
 Aos olhos furta o vasto Firmamento
 De turbidos vapores abafado;
 E tanto aperta o nevoeiro escuro,
 Que nunca o rompe o Sol brilhante, e puro.

O Piloto declina, e perde o rumo,
 Ao capricho do mar fluctua a armada;
 Se lança ao pego o carregado prumo,
 Não toca o fundo a linha dilatada:
 Tudo se envolve em denegrido fumo,
 E todo o tempo he noite carregada;
 Em tanto horror o Nauta póde apenas
 Mal bracear as sólidas antenas.

De balde o Sol co' os rapidos Ethontes
 Quer romper, dissipar nevoa sombria,
 Nos abafados, turvos Horizontes
 Nunca de todo se descobre o dia:
 Mas já dos mares, levantado em montes,
 Ao longe o bagalhão bramir se ouvia,
 Qual costuma quebrar-se em costa brava,
 Urros medonhos recuando dava.

Cedendo á furia d'espantoso ventô,
 Errava em mar não visto a forte armada,
 Té que em fim se amostrou no etherio assento
 Do ardente Sol a face não turvada :
 Ergue Alemquer o nautico instrumento,
 Que péza no Sol, que marca ás náos a estrada ;
 De balde inquire, e cança, e desfalece,
 Ignora a altura, os mares desconhece.

Em quanto incerto observa, immenso bando
 No ar d'aves aquaticas revôa,
 Fiéis mastins alegres farejando
 A terra estão na recurvada prôa :
 Balsamico vapor suave, e brando
 Sobre as azas dos Zefyros revôa,
 Ao bordo corre alvoraçada a gente,
 Crê que respira os ares do Oriente.

Começão de surgir montes umbrosos,
 Que pelas nuvens vão mettendo a fronte,
 E pouco a pouco vales deleitosos
 Cobertos de verdor pelo Horizonte :
 Hião subindo os brutos pressurosos
 Da carrêça, que mal regêo Faetonte,
 Quando de todo a terra dilatada
 Se mostrou perto a fluctuante armada.

Entusiasmo, ó tu, que sustentado
 Tens de meus versos magica harmonia,
 Ao calor, que á minh' alma tem baixado,
 Dá novo alento, novas forças cria:
 Contigo eu pintar posso o refalsado
 Ardil, que todo o Inferno ao Luso urdia;
 Tu só me representa, e me descreve
 A terra onde a Soberba as náos deteve.

Qual nos momentos da innocencia pura
 Anglico Homero pinta o Eden viçoso,
 Antes que o par mesquinho a mão perjura
 Lançasse audaz ao pomo venenoso;
 Bosques fragrantés de etereal verdura,
 Rios onde s' espelha o Sol radioso:
 Tal aos Lusos a terra se apresenta,
 Onde o Genio do mal grão mal lhe intenta.

Batia o froxo mar na branda arêa,
 Froxo batia, e manso se escoava,
 De hum largo rio a crystalina vêa
 Tranquillo, e doce porto ás náos mostrava;
 Sombrio bosque impervio á luz Febêa
 De hum lado, e d' outro as margens lhe assombava,
 Onde as aves com melicôz accentos
 Prendem nas folhas os ligeiros ventos.

Purpureos saudosos Horisontes
 Risonho quadro aos olhos offerecem,
 Em cordilheiras de fragosos montes
 Co' a grande altura as vistas deafalecem:
 De toda a parte crystalinas fontes
 Dilatadas campinas humedecem ;
 Em bandos pastão animaes estranhos,
 Quaes entre nós pacificos rebanhos.

Verde throno de eterna Primavera
 Os verdes campos são , e extensos prados ;
 Do Sol o vivo ardor , que reverbéra
 Dos transparentes ares dilatados ,
 Co' os humidos vapores se modéra ,
 Que exhalão sempre os montes levantados :
 Tal a incognita terra se amostrava
 A' frota , que do rio a barra entrava.

Entre densos umbriferos Palmares,
 Que ao longo das ribeiras verdejavão,
 Soberbas torres , magestosos lares
 Os fatigadas nautas divisavão ;
 Que dos longiquos pardos Malabares
 A opulencia , a riqueza arremedavão ;
 Que a soberba , que intenta immenso danno ;
 Co' as rouças da verdade enfeitá e engano.

Sabio Alemquer na carta diligente
 O Paiz onde aporta em vão buscava,
 Do recatado lucido Oriente
 Nos grãos que conta nem vestigio achava:
 Os olhos ergue ao Ceo claro, e luzente;
 Ao mar, á terra os olhos alongava,
 Comsigo mesmo incerto, e mudo, e absorto
 Manda dar fundo no tranquillo porto:

Lança a pezada sonda ás aguas frias
 Do prateado rio caudaloso;
 De ligeiros paráos, e de almadias
 Subito acode hum bando numeroso:
 Trazem as carnes baças, e sombrias
 Cobertas d'algodão mole, e lustroso
 Os incolas da terra, e vozeando
 Vem de voga arrancada as náos buscando:

A tudo attenta o valoroso Gama
 Da capitanea popa alevantada,
 Com sinaes de amizade a turba chama,
 Que pára junto ás náos como assombrada:
 Logo Fernão Martins lhe brada, e clama,
 Com voz que foi dos monstros escutada,
 Pela Arabiga lingua, e que deseja
 Saber que gente aquella, ou terra seja:

Hum delles que nas vestes parecia,
 E no alfange que traz pendente ao lado,
 Ou filho ser da barbara Turquia,
 Ou já nos Reinos Tingitanos nado;
 Mostrando ter de vivida alegria
 O fementido coração banhado:
 Estais, lhe diz, no Indico Hemisferio,
 Do Samorim não longe existe o Imperio.

He esta, he esta a grande Tabrobana,
 Clima feliz, e terra dilatada,
 De quantas cinge o mar he soberana,
 De thesouros, de aromas abastada:
 Primeira habitação da estirpe humana,
 E d' armigera Europa em vão buscada;
 Aqui se elevão Reinos florescentes
 De estranhos povos, e diversas gentes.

E logo lhe accrescenta, que podis
 Seguir do rio a placida corrente,
 Onde hum pouco c' os seus descansaria
 Do trabalho do mar, da lida ingente:
 Que o Regedor da terra lhe daria
 Agazalho devido a estranha gente;
 Que, se o potente Malabar buscava,
 Não muito longe do Indostão se achava.

Qual solitario triste encarcerado,
 Que entre ferros consome a longa idade,
 Que de alegria subita banhado
 Fica, se escuta a voz da liberdade;
 Que se não farta extático, enlevado,
 De vir gozar dos Céos a claridade:
 Tal fica a navegante companhia
 Quando a voz refalsada ao monstro ouvia.

Dobra humilde o joelho, as mãos levanta
 A' fonte da ventura ethereo assento,
 Hymnos entôa á Potestade Santa,
 Que tem do Mundo o eterno regimento:
 Que por trabalhos, por fadiga tanta
 A seu fim conduzio tão nobre intento,
 Mas pouco dista (miseranda sorte!)
 O engano mortal do estrago, e morte!

Falla em Troya Sião, e o muro erguido,
 Barreira ao Grego astuto em tantos annos,
 Foi dos Teucros incautos demolido,
 Abrindo a porta ao fogo, á morte, aos danos:
 Tanto podem de hum perfido, e fingido
 Os vis stratagemas, vis enganos!
 Mas de hum Deus vingador potente braço
 Os Lusos tirará de perigosos braços.

Entante os nautas, marcando as vélas,
 Do largo rio a margem prosequião,
 Fere a celeuma nautica as estrellas,
 De hum lado, e d' outro os echos respondião:
 E quanto avançô mais, tanto mais bellas
 As cultivadas voigas parecião,
 E o ar, por onde a vista alegre gyra,
 Todo vapor balsamico respira.

Pouco mais pelas ondas se adiantão,
 Eis vem na encosta de frondoso monte
 Paços, que as aureas cupulas levantão
 Ao ar soberbas no rubro Horizonte:
 Voltando o cabrestante alegres cantão.
 Os nautas fundear manda defronte
 O invicto Gama, em mostras de alegria
 Toda dispara a horreada artilheria.

Ferua na praia a turba alvoroçada,
 De travez olha a força Lusitana,
 As armas, as barões, a forte armada,
 Que hum frasco pór do mar é furia insana:
 Arde de raiva a chusma condonada,
 E a gloria inveja da progenie humana;
 Lança-lhe a boca espumas, os olhos fogo,
 Já na ruina encontra o desafogo.

Medonha entre elles corre, e voa a fama,
 Da forte armada a preza lhe annuncia,
 E para visitar o illustre Gama,
 De Naire em fórma o Engano se atavia:
 D' odio no peito lhe refere a chamma,
 Quando entre alegre aplauso á não subia,
 E ante o prudente Capitão já posto,
 Assim lhe falla com fingido rosto.

A dextra mão chegando humilde ao peito,
 Humilde para a terra inclina a frente,
 Grandes sinaes, e mostras de respeito,
 Vulgar usança ao povo do Oriente:
 E compondo modesto o grave aspeito,
 Com voz suave, harmonica, eloquente:
 A vossos pés, lhe diz, Senhor, me manda
 Grande Monarca, que em Ceilão commanda.

Saber que gente sois; se paz, ou guerra;
 Se commercio, se candida amizade
 Tão ardua empreza; e desusada encerra,
 Ou se a furia d' horrenda tempestade
 Vos arrojou do mar na estranha terra,
 Buscando abrigo á fraca humanidade;
 Que dar soccorro aos desgraçados sabe,
 Porque a virtude no seu peito cabe.

Que se commercio buscão, que alli vinhão .
 As náos tambem d' Arabia , e Persia ardente ;
 Que áquelle porto todás se encaminhão
 As Produccões do lucido Oriente :
 De Safiras , Robins , Diamantes tinhão
 Dos aromas , das sedas copia ingente ;
 Que affoito , e sem receio á terra desça ,
 E com seus olhos tudo reconheça.

Hum pouco o forte Gama perturbado
 Do cauto embaixador co' as vozes fica,
 E ao grande aspeito, ao gesto mesurado
 A vista penetrante , e interna aplica :
 No conto de huma lança recostado ,
 Ao falso Naire intrepido replica :
 Aqui me manda o Rei da Lusa terra
 Trazer a paz , e não temer a guerra.

Deixando a foz do Téjo armipotente,
 Cortando o mar Atlantico indomado,
 Quasi ao cabo fatal da Libya ardente
 Tinha co' as náos velivolas chegado :
 De estranhos povos , de não vista gente
 O costume , a policia , as leis notado
 Ora de infames Syrtes escapando ,
 Ora indomitos ventos contrastando.

Não longe de entestar c' o tormentoso
 Cabo, que acena ao Austro ignota terra,
 De nevoa espessa, véo caliginoso
 Da vista os Ceos nos leva, os Ceos encerra:
 A capricho, e sabor do vento iroso
 Do conhecido rumo a armada aberra,
 Até que vimos n'hum sereno dia
 Que o pezado negrume o Sol rompia.

E quando c' os ignipedes Ethontes
 Chegava ao meio da carreira ledó,
 Começamos de vêr nós horizontes
 (Extincto já de todo o susto, o medo)
 As agras serranias, e altos montes
 Cobertos de sombrifero arvoredo,
 De mór prazer o peito nos enchêrão
 Os nadantes baixéis, que a nós vierão.

De hum grande Rei do ultimo Occidente,
 Manoel, que tem de Lysia o sceptro herdado,
 Ao Regedor de Malabar potente
 Dos mares a despeito, eu sou mandado:
 Em paz segura, em laço permanente
 Vou assignar firmissimo tratado,
 Trocando as produções, jóias, riquizas,
 Que ao Indo, e Tejo dá a Natureza.

E pois do Indo, ou do Hydaspe o Soberano
 Aqui não tem seu magestoso assento,
 Cortando os frios campos d'Oceano,
 As vélas largarei de novo ao vento:
 Só Piloto nos dai longe de engano,
 Que pelo indócil tumido elemento,
 Se aos errantes favor se não recusa,
 A' desejada terra as náos conduza.

Qual fica o Lobo insomne, e carniceiro,
 Que em roda da pacifica manada
 Envolto em véo de espesso nevoeiro,
 Andou gyrando em noite carregada;
 Que presentido do fiel rafeiro,
 Foge, e abandona a empreza começada:
 Tal fica o monstro, que os enganos tece,
 Quando o golpe intentado lhe falece.

Dentro em seu coração raivoso brama
 De inveja eterna, e de rancor ralado,
 Fogo dos olhos lividos derrama,
 Fica-lhe o rosto palido, e turvado.
 Dissimula o pezar, e ao forte Gama
 Torna c' hum tom de voz triste, e pezado:
 Sabio, e d'astro Piloto vos daremos,
 Valer a afflictos em Ceilão sabemos.

Mas quanto o Rei da terra estranharia,
 Se partida tão rapida soubesse!
 Que certo em alliança ingenua, e pia,
 Visitar o grão Prncipe viesse;
 Que á trabalhada gente em longa via
 Refrigerio, e descanso hum pouco dêsse,
 Té que o vento, e monção na vitrea estrada
 Abrisse o passo á fluctuante armada.

Ah! quanto pôde o coração presago
 Em successos por vir! Jámais s'engana,
 Occulto grito lhe descobre o estrago,
 E o fundo golpe da fortuna insana!
 Da offerta se arrecêa, e ingenuo affago
 O Capitão da gente Lusitana;
 Mas logo o peito intrepido despreza
 Vãos receios da fragil natureza.

Estes grossos canhões, pendente ao lado
 Esta temída lamina fulgente,
 Podem temer acaso, (exclama ousado
 O Lusitano Heroe) despida gente?
 Imbelle povo, inerte, e desarmado,
 Se o estampido escutar do raio ardente,
 Qual de Açor foge a pomba espavorida,
Irá nos montes procurar guarida.

Vendo depois que o Naire desgostoso
 Das prudentes razões se despedia ,
 Manda á terra Menezes ; cauteloso
 Fernão Martins de interprete servia ;
 Descem da grande não , e do espumoso
 Campo a planice liquida varria
 De ricas sedas o Escaler toldado ,
 De escolhidos remeiros equipado.

Toca n' arêa co' a ferrada prôa
 O baixel conduzindo os fortes Lusos ,
 Cerrada multidão já se apinhôa
 Em roda delles de incolas confusos :
 Clamor universal de aplauso sôa ,
 Echo estranho nos montes circumfusos ,
 E ao doce som de festivaes clamores
 Se unia o som de barbaros tambores.

Quatro membrudos negros sustentavão
 Dourado palanquim nos hombros duros ,
 Onde os Lusos Heroes se recostavão ,
 Na fé dos falsos hospedes seguros ;
 E já com passos rapidos entravão
 Da illusoria Cidade os altos muros ;
 Concorre em chusma amontoado o povo ,
 Que finge ver objecto estranho , e novo.

Ao Paço juntos são onde habitava
 O Chefe horrendo da mentida gente,
 Edifício tristonho que elevava
 Nos livres ares espantosa frente:
 De barbaras columnas se adornava
 Faxada de bazaltico luzente
 Entre o fausto, e grandeza, que se admira,
 Medonho horror da habitação respira.

Por marmoreos degrãos a huma espaçosa
 Sala os Lusos intrepidos subião,
 Venerando ancião em magestosa
 Aurea cadeira recostado wião:
 De féros pagens turba numerosa,
 Cerrado corpo, os lados lhe cobrião,
 De negro charmalote se guarnece,
 C'roa real na frente resplandece.

Com grave passo o Luso se adianta
 Para os degrãos do Solio, onde sentado
 Era o fingido Rei, que se alevanta,
 E nos braços recebe o nauta ousado:
 Entre poder, e magestade tanta,
 O Luso a voz erguia, e não turbado;
 Em silencio o congresso immenso fica
 Quando elle as causas da jornada explica.

FIM DO QUINTO CANTO.

G A M A.
C A N T O S E X T O.

EM QUANTO falla o Luso, eis lá no etherio
 Dos Soes acima Elysio luminoso,
 O mais nobre brazão do Luso Imperio
 Ora ante o Solio Todo poderoso:
 O justo, o docto Henrique, que o Hemisferio
 Opposto ousou buscar no pego undoso,
 E junto á fonte do poder eterno
 Se oppôz ás furias do soberbo Inferno.

Como víra em Sião passada idade,
 Quando o brutal Nicanor mãos impías
 Levantou contra a gloria, e magestade
 Do santo Templo do Ancião dos dias;
 Que ante o Solio da eterna Potestade
 A voz queixosa erguera Jeremias,
 E recebeu da mão do Omnipotente
 Armas que entrega ao Machabeo valente:

Tal fervoroso Henrique vendo agora
Que a escolha, a flor do povo Lusitano
Nas mãos da infernal chusma enganadora
Hia os golpes sentir de immenso damno;
E que a undivaga armada vencedora
Quasi de todo o tumido Oceano,
Tão perto já dos climas que buscava,
Tanto afan, tantas lidas mallograva.

Vendo urdidas tão perfidas ciladas
Na terra infausta aos Lusos divertidos,
Vendo as tartareas chammas ateadas
Nas mãos dos monstros na perfidia unidos;
E para as náos tranquillias, descuidadas,
Irem voando os fachos accendidos
Em quanto a escura noite o manto estende,
E o somno os olhos fatigados prende:

Vendo quasi no abysmo sepultado
O mór brazão do Lusitano peito,
Nobre arrojo, por elle começado,
Quasi ligeira exhalacão desfeito;
E para sempre incognito, ignorado
Da força humana o mais sublime feito;
Dest' arte ancioso implora o immenso Nume
Habitador de inaccessible Lume.

Se a vossa augusta Lei , e augusto Nome
 Vai , Senhor , ser levado ao claro Oriente ,
 Deixareis que a Soberba insulte , e dome
 Santo zêlo , e valor da Lusa gente ?
 Mandai , Senhor , mandai que a armada tome
 Certo rumo outra vez do mar fervente ,
 Que a grande empreza acabe , e á Patria torne ,
 Que de hum louro Sagrado a frente exorne .

Tudo consegue a súpplca do justo ,
 Contra infernal poder prodigios obra ,
 Chega do Eterno ao throno excelso , augusto ,
 E a justiça á piedade inclina , e dobra :
 Quando o golpe he maior , mais forte o susto ,
 Que humano coração punge , e soçobra ,
 Faz dos Ceos que opportuno auxilio desça ,
 Ventura torne , o mal desapareça .

Manda o Immortal a Henrique , que do assento
 Da gloria venha a soccorrer a arnhada ,
 Desce nas azas rapidas do vento ,
 Já deixa atraz a abóbada azulada ;
 Os astros deixa , e o Sol , n'hum só momento
 A terra vio das furias habitada ,
 Entre esplendores de que vem cercado
 Sentio de mágoa o coração tocado .

Surgia então do funebre regaço
Do sombrio Occidente a noite fria,
Pela vasta extensão do azul espaço
De estrellas recamado o manto abria:
Cançados olhos em fagueiro laço
De hum doce somno próvida prendia,
Tristes cuidados dos mortaes atalha,
Sobre seus golpes balsamos espalha.

Quando da eburnea porta do Oriente,
(Que he dado abrir-se toda antes que a Aurora
Tire do róseo berço o Sol nascente,
E mostre ao Mundo a luz animadora)
Doce sonho sahio, mais diligente
Divide o ar que a setta voadora;
Do illastre General que repousava
Rizonho, alegre n' alma se mostrava.

Nunca se apresentou fôrma tão bella
Ao vigilante pensamento humano,
Como entre sombras se mostrava aquella
Brilhante luz ao Chefe Soberano:
Qual doce, viva, luminosa estrella
Quasi ao romper da Aurora, ao Lusitano
Assim se mostra, e brilha, e compareça
Ditoso Henrique, que do Olympo desce.

Luminosa a seus olhos se apresenta
 A imagem de hum Barão robusto, e forte,
 E se lhe antolha, que nas mãos sustenta
 Mágica pedra, que procura o Norte:
 Inda o rosto do espirito se alenta,
 Em quem não tem poder, e imperio a morte,
 No regio aspecto, e augusto portamento
 De bem fazer fulgura inda o talento.

Abre os olhos o Gama, e parecia
 Que inda em sombras a idéa delirava,
 A' grande image' os braços estendia,
 Mas ella d'entre os braços lhe escapava,
 E qual ligeira exbalação fugia,
 E qual fulgor de novo se ateava;
 Té que huma voz harmonica levanta,
 E o Luso Heroe em extasis encanta.

Ah valoroso nauta, e quanto, e quanto
 Entre desgraças vives descuidado!
 Todo o Imperio da sombra, e eterno espanto
 Tens em teu damno, e males conjurado;
 Aos teus, e a ti com lisongeiro encanto
 Occulto engano os olhos tem vendado,
 E a vil Soberba indomita deseja
 Q' a honrosa empreza mallograda veja.

Quem és tu que me bradas, lhe dizia
 O conductor da Lusitana gente;
 E's acaso d'aceza fantasia
 Mentida imagem, que me illude a mente?
 Donde essa fôrma mais que o claro dia
 Tens mais vistosa do que o Sol luzente?
 Henrique sou, lhe diz a imagem pura,
 Socega o peito, o coração segura.

Filho sou do alto Heroe, que o Luso Imperio
 Tirou das mãos de usurpador Hispano,
 E que salvou de eterno vituperio
 N'huma só lide o nome Lusitano:
 Agora, habitador do assento etherio,
 Livre estou das prizões do corpo humano;
 Vivo intentei no fluctuante pinho
 Abrir do mar o incognito caminho.

Eu dos thesouros immortaes seguro,
 De huma luz fulgentissima cercado,
 Vejo (hum Deos o permite) o que he futuro,
 O que he presente agora, o que he passado:
 E dos justos no Imperio eterno, e puro,
 De imarcessiveis louros coroadado,
 Inda assim mesmo fruidor da gloria,
 Não perco o Reino, e a Patria da memoria.

Constante vigiei sobre seus passos
 Quando ao redor das Africanas praias,
 Do mar varrendo os liquidos espaços,
 Ousou passar os Tropicos nas faias:
 Do medo, e do pavor cortando os laços
 Hum pouco além das tormentosas raias
 Passou; porém temendo o mar fervente,
 Cortar não pôde as ondas d' Oriente.

Agora que de todo, ó Lusitano,
 Hias ganhar tão inclyta coroa,
 E lançando os grilhões ao turvo Oceano,
 Hias juntar a Europa á terra Eóa;
 Do sempiterno assento soberano
 Lancei a vista aos muros de Lisboa,
 E ao providente Author da Natureza
 Pedi soccorro na intentada empreza.

Conheci que o Dragão, que na sombria
 Prizão do Inferno condenado habita,
 Do certo rumo, e esteira te desvia,
 E contra ti catastrofes medita;
 E reduzir as náos a cinza fria
 Tenta co' a turba perfida, e maldita:
 Foge da terra infesta, e avara praia
 Antes que o raio vingatiyo caia.

Não he este o paiz , e o clima Indiano
 Que vens buscando n' ondeante pinho ,
 Com fadiga cruel , trabalho insano ,
 E tão distante do paterno ninho :
 Eu venho destruir perfido engano ,
 Venho mostrar-te o liquido caminho ,
 Que o Ceo benigno , e pródigo pejeja
 Por quem da Patria a gloria , e o bem deseja.

Eis subitaneo raptó se apodéra
 Do transportado espirito do Gama ,
 Vôa n' hum ponto á crystalina esfera
 Assima donde o Sol sua luz derrama :
 Em seus terrenos olhos reverbera
 Luminoso clarão de etherea chamma ,
 Com que pôde de hum golpe , e com clareza
 Descortinar a inteira Natureza.

Henrique então lhe brada : Oh Gama invicto !
 Vê qual divisas a mesquinha terra
 Dentro do vasto immensural districto ,
 Que eterno vacuo no seu seio encerra
 Globo, ou theatro mísero , e proscripto ,
 Onde reina Ambição , campêa a Guerra.
 Ah! que apenas se mostra hum ponto escuro
 Fluctuando no espaço immenso , e parelho ao mar.

Vê nessa pequenez como enganado
 Ande o mortal, que nesta vida espera
 Em tão estreito campo o premio honrado,
 Que vem das mãos do que nos Ceos impéra:
 Mas desçamos do circulo apartado,
 E ao centro vamos da solar esfêra,
 Onde de perto a terra, e os mares vejas,
 E alli te mostre a estrada que desejas.

Corta espaçosas orbitas, e vòa
 Qual a setta veloz que os ares fênde,
 Onde a neve se coalha, e chove, e tóa,
 O transportado espirito suspende:
 E desde o turvo Occaso á tocha Eða
 D' outra força sustido a vista estefide,
 E o conductor celeste lhe demarca
 Quanto o Oceano fluctuando abarca.

A líquida extensão, que desde o undoso
 Téjo, Henrique lhe diz, se comprehende
 Té onde em rêsco berço o Sol formoso
 Primeirê raio matutino accende
 Ao ponto donde expira, e pressuroso
 Na rotante carroça ao mar descende;
 Há de romper com gloria as Lusos quillias,
 Hum nome eterno impondo ao mar, e ás libelias.

Nome , que o tempo guardará gravado
 Na memoria dos posteros tardía ,
 E que sirva de rumo ao que em cavado
 Lenho os campos arar de Thetis fria :
 O Bretão , que he por vir , que rodeado
 O Globo vezes tres tiver hum dia ,
 Não verá no pacífico Oceano
 Clima , que antes não visse hum Lusitano.

Essa inculta , feroz , barbara terra ,
 Que serve agora ás Furias de morada ,
 Onde a si mesma o raio , aos Ceos a guerra
 Accende a vil Soberba rebellada ;
 A sombra do futuro hum dia encerra ,
 Em que de hum Luso audaz seja tocada ,
 Que êmulo vá do Sol , que em náos triunfantes
 O estreito passe , nunca visto d' antes.

A injúria ousado o faz , e elle primeiro
 Deixando a Patria ingrata em porto Hesperio ,
 Ha de armar lenho undivago , e ligeiro ,
 Que todo absolva o gyro do Hemisferio :
 Mais que hum Ligure audaz , e aventureiro
 O termo estenderá do Hispano Imperio ,
 E em não , que obtenha o nome de Victoria ,
 De hum nome illustre deixará memoria.

Pelo estreito entrará por elle achado ,
 Memoravel padrão do arrojo humano ,
 Té que chegue a entestar c' o dilatado
 De humanos olhos nunca visto Oceano :
 Mas em barbara terra o espera o Fado ,
 Victima infausta do furor insano ,
 E, dos que elle colhêo viçosos louros ,
 Cingir-se-ha nauta em seculos vindouros.

Observa agora o vasto Continente
 Da maior parte incognita do Mundo ,
 De pólo a pólo impervio á humana gente
 A cêrca, e lava em torno o mar profundo :
 O que a vencer o lucido Oriente
 Deve os passos seguir-te, e Heroe segundo,
 Aqui terra ha de achar, que inda algum dia
 O assento seja á Lusa Monarchia.

Scena triste, e fatal... Mas outras gentes
 Cortando o frio mar com larga véla,
 Aqui terão dominios florescentes,
 Bases (raios talvez) da Europa bella:
 Aqui trarão aos povos innocentes
 Dos vicios todos turbida procella,
 De metaes o appetite horrendo, e cego
 A' Natureza rqubará socego.

Do pacifico Imperio despojados,
 (Ai triste dôr!) cadeias arrastrando
 Ingenuos Reis, Monarchas desgraçados
 Ao carro da Ambição lá vão rodando:
 Ao fanatismo vil sacrificados
 São por braço sacrilego, e nefando;
 Nem farta, nem abasta o Imperio exangue
 Tão ferozes mortaes ou d'ouro, ou sangue.

Volve os olhos da scena desgraçada,
 Que tem de dor teu coração partido,
 E vê do molle campo a azul estrada,
 Onde o monstro infernal te traz perdido:
 Observa ao Austro, a fronte alcantilada
 Do cabo sobranceiro ao mar temido,
 Onde assustado o portentoso Dias
 Mais contrastar não pode as ondas frias.

A ti só, dado foi passar avante,
 E o sublime pendão das Lusas Guinas;
 Contra o dos mares impeto arrogante
 Irás varrendo as ondas crystalinas:
 Dos tufões vencedor serás triunfante
 Contra as ciladas perfidas, malignas,
 Da Soberba infernal, que muda, e absorta
 Vê do Oriente domado aberta a porta.

Eu sou do eterno Imperio a ti mandado
 Certo guia entre as ondas tormentosas,
 E a mostrar-te o caminho que trilhado
 Inda não foi de prôas alterosas:
 Venho as furias prender do vento irado,
 E que parciais, que Syrtes arenosas
 Devas fugir, mostrar-te até que abrigo
 Aches da Libya ardente em Reino antigo.

Dobrado o cabo aos mares éminente,
 Cabo infamado, horrendo, e tormentoso
 Do buçal Hotentote, inculta gente
 Irás ao clima fervido arenoso;
 E costeando ao Norté a Libya ardente,
 Sem dar ás náos velivolas repouso,
 As brancas vélas marcéando em cheio,
 D'humá Bahia surgirás no seio.

De novo o mar cortando irás diante
 A terra descobrir, que o nome santo
 Gozará do Natal do Eterno Infante,
 Que quiz vestir da carne o fragil manto.
 Olha hum rio correr claro espumante,
 Que vem trazer ao mar tributo tanto,
 Dá-lhe o nome dos Reis, que ethero lume
 Trouxe ao Presépio do humanado Nume.

Olha o cabo das rapidas torrentes,
Que atraz fazem tornar soberbas quilhas,
Acharás depois d'elle estranlias gentes,
Terra em monstros fecunda, e maravilhas:
Depois, sulcando as ondas transparentes,
Verás daqui, d' além, dispersas Ilhas,
Deixa que ao lado esquerdo além te fique
A pantanosa, e triste Moçambique.

Foge da terra ingrata, ó forte Gama,
Que á gente incauta, á peregrinã armada
Aqui negra traição se intenta, e trama,
Que a digna empresa deixe mallograda:
Evita a chusma que professa, e ama
Do torpe Mafamede a lei malvada,
Não deixarás impune a gente imiga,
Com ferro, e fogo os barbaros castiga.

Dirige ao Norte luminoso a prôa,
E vai sondando hum mar aparcelado,
E prestes deixa a aurifera Quilóa,
Onde domina o Mouro refalsado:
Attende para o mar que espuma, e sôa
Sobre o recife urrando de affrontado,
Deixa o porto espaçoso, e avante passa
Da criminosa, e pérvida Mombaça.

Já mais seguro agora, olha os copados
 Fragrantes bosques, campos deleitosos,
 Que eterna Primavera matizados
 Tem, quaes do Téjo os campos espaçosos:
 Olha entr' elles erguer-se aos Ceos dourados.
 Soberbos corucheos, tectos pomposos,
 Os muros, bastiões, e altas amêas.
 De estranhos povos, e de gentes chêas.

Tu Melinde aqui vês. Da Lusa gente
 Admirando o valor, e alta ventura,
 Tratado firme, e sempre permanente
 De amizade, e commercio alegre jura:
 Daqui buscando as terras do Oriente
 A forte armada partirá segura
 Por mar limpo, e tranquillo até que enteste
 Co' os Malabares, cujo Imperio he este.

Olha o Paiz immenso, que chamado
 Indostão foi dos Incolas ditosos,
 Que do Norte, e do Sul fica encerrado
 Entre os dois grandes rios caudalosos,
 Indo soberbo, e Ganges dilatado,
 Té nos passados seculos famosos;
 Mas nem ao Indo se avançou Trajano,
 Nem ao Ganges de Pela o moço insano.

Aquelle murmurando os campos fende
Do opulento Delly, e os afamados
Dominios do Mogol, e lava, e prende
Com seu gyro Lahor, e aos levantados
Muros d'alta Cambaia o curso estende,
Té que se perde em mares empolados,
Mas do Oceano a linfa escura, e fria
Bate o lado que aponta ao Meiodia.

Da parte oriental, se acaso abranges
Tanta extensão co'a vista perturbada
(Sagrado aos povos barbaros) do Ganges
O vai cercando a vèa prateada:
De rudes gentes, rigidas falanges
Se crê do Ceo a origem derivada,
Da parte que se estende ao polo frio
O fecha o monte d' Alanguer sombrio.

Cortando pelo meio eis vem correndo
A montanha de Gate pedregosa,
Pelas aereas nuvens escondendo
A frente altiva, e horrída, e nimbosa:
Do dorso alcantilado eis vem rompendo
De muitos rios a torrente undosa
Muitos povos regando, e muitas gentes
Em usos, leis, costumes diferentes.

O Malabar astuto , e refalsado
 Do lado occidental habita , e mora ;
 Do paganismo em sombras sepultado
 Simulacros gentilicos adora :
 Do Arabico Impostor ao jugo atado ,
 Aqui pratica o Mouro a lei traidora ,
 Que estende a força , e sceptro prepotente
 Na Europa , e n'Asia toda , e Libya ardente.

Do Malabar soberbo a Corte he esta ,
 E Calecut fastosa lhe mostrava ,
 Que a torreada , forte , e altiva testa
 Entre espessos palmares levantava :
 De mastros denso bosque , alta floresta
 No reconcavo porto o mar doalhava ,
 Qual vio a antiga Tyro , ou vio Fenicia ,
 Ou do Nilo na foz Canópo Egyptia.

O que bebe no Hydaspe , ou turvo Nilo ,
 Ou no Eufrates , ou Tigris caudaloso ,
 O que da lei d' Arabia muda o estilo
 Persa em passados seculos famoso ,
 Aqui busca commercio , encontra asylo
 Combatido do vento furioso ,
 E todo o que o mar Indico navega
 Como a soberbo emporio aporta , e chega .

Lavrada seda , quente especearia ,
 Que a belicosa Europa busca , e préza ,
 Loiro metal , luzente pedraria ,
 Em que se nutre sordida avareza ;
 E tudo quanto precioso cria
 No vasto seio a vasta Natureza
 Do Chim longiquo á torrida Ethyopia ,
 Aqui se encontra com sobeja copia.

Nella terá principio o Luso Imperio ,
 Grande progresso , glorioso augmento ,
 Em quanto do Senhor do Reino etherie
 Guardar fiel o santo mandamento :
 Dictando leis ao Indico Hemisferio ,
 Fará na terra , e liquido elemento
 Que o Sol aclare a Lusa Monarchia
 Quando dér.o principio , e termo ao dia.

Aqui d'altos Heroes serie ditosa
 Virá , que exceda dos Heroes a gloria ,
 Que altiva Roma , ou Grecia mentirosa
 Sobidos julga ao Templo da Memoria :
 Nas mãos sustendo a palma gloriosa ,
 Prêza tendo a seus pés sempre a victoria ,
 Darão a seu arbitrio ao mar , e á terra
 A doçura da paz , o horror da guerra.

O renome a memoria dos Trajanos ,
Dos Cesares , Pompeos , e outros famosos ,
A quem padróes escravos os Romanos
De jaspe , e bronze erguêrão preciosos ,
Vencidos hão de ser dos Lusitanos
Com mór valor , com feitos mais gloriosos.
O Ceo te quer mostrar grandeza tanta ,
E o véo , que esconde os seculos , levanta.

Ergue de novo o vôo ao dilatado
Espaço , e vem comigo , ó forte Gama ,
Cá muito além do circulo apartado ,
Onde o Sol a luz vivida derrama :
Vem ver de perto Alcaçar consagrado ,
Pelas mãos da Virtude , á eterna Fama ;
Bustos alli verás cingindo o louro
D' Heroes , que guarda o seculo vindouro.

Disse , e fendendo os ares pressuroso ,
Mais que indocil Cometa o espaço trilha ,
Tão alto se remonta , que o formoso
Sol como estrella ao longe apenas brilha :
Chega onde se levanta o sumptuoso
Eterno Templo , eterna maravilha ,
Cujos muros de solidos diamantes
Dão maior luz que os astros fulgurantes.

Patente o Templo está , nem portas soão ,
 Que livre accesso tem , patente a estrada
 Aos que da illustre rama se coroaõ ,
 Só com virtude , e com valor ganhada :
 O magestoso Alcaçar só povôão ,
 Subindo a elle por fragosa estrada ,
 Os que buscão com honra , e com verdade
 Da Patria a gloria , o bem da Humanidade.

De hum lado , e d'outro em pedestaes firmadas
 (Como adornado portico eminente)
 S'erquem estatuas colossaes , lavradas
 Parecem ser de porfido luzente :
 Estão d'altos emblemas rodeadas ,
 Em que o character seu se faz patente :
 Esta em forte columna recostada ,
 Aquella tem balança , e aguda espada.

Fortaleza , e Justiça aos pés atado
 Tem o Tempo fugaz , qual tortuosa
 Serpe c' o corpo em circulo formado ,
 Na boca aberta a cauda venenosa :
 Geme em ferreos grilhões manietado
 Monstro mais feio , furia sanguinosa ;
 O proprio seio lacerar forceja ,
 De si , de todos inimiga Inveja.

Cruzavão já do portico alteroso
 Soberbo lumiar. Vasto , eminente
 Todo se amostra o Templo magestoso ,
 Delle ressurte luz resplandecente :
 E sobre bases de rubim radioso
 Em roda está de imagens copia ingente ;
 Nas mãos a palma tem , na frente o louro ,
 No pedestal seu nome em letras d'ouro .

No ar equilibrada alta figura
 Da Fama está, e a tuba sustentava ;
 Das azas, e do rosto huma luz pura ,
 Que ignora a noite, e a sombra , derramava :
 Não se prende na terra , ou nave' escura
 Nos Ceos tocando a fronte lhe occultava ,
 Que a pregoeira de immortal virtude
 Não he monstro execrando , informe, e rude .

Em soberanos extasis levado
 O Gama está com maravilha tanta ,
 Sente seu nobre espirito inflammado ,
 Que em desejos de gloria se levanta :
 Rompe o silencio , e diz : Se immobil Fado
 (Que he do Eterno a vontade augusta , e santa)
 Permittirá , Senhor , que eu suba hum dia
 Destes Heroes á eterna companhia ?

Repousa , ousado Nauta , que a Ventura ,
Lhe diz Henrique , estatua te reserva ;
Nesta estancia da Fama excelsa , e pura
Para sempre teu nome aqui conserva :
Tu só com feitos immortaes procura
A estrada da Virtude ; e agora observa
Quem sejam os Heroes , com cujo exemplo
Inda deves subir da Fama ao Templo.

Este , que vês de roçagante manto
De fulgidas estrellas recamado ,
Deste , e d'antigos seculos espanto ,
Da sapiencia pelas mãos c'roado ,
He Salomão , que desenvolve quanto
Tem Natureza em si como encerrado ,
Que do mar roxo co' a ondeante frota
Buseou da India a incognita derrota.

Vês a seu lado Hirão , que predomina
Da maritima Tyro o Imperio undoso ,
Que rompe a amarga veia crystalina ,
Largando o panno ao vento procelloso :
A estrada mostra ao Rei da Palestina
De haver thesoiros de metal precioso ,
Cujas boiantes náos tem certa escala
Na antiga , e rica Ofir , que hoje he Sofala.

Lá vês do opposto lado o invicto, o forte
 Machabeo, que a Nação Santa defende,
 Fulmina raios, exterminios, morte
 Na raça impia, que o Senhor offende:
 Tenta do instavel mar, a instavel sorte,
 E da Patria os confins no mar estende;
 Nas sepulchraes Pyramides erguidas
 Conserva as fortes náos inda esculpidas.

Este busto sublime, que adornado
 Tu vês de estranhas palmas verdejantes,
 Que fitos tem no polo levantado
 De huma luz viva os olhos radiantes;
 Elle a agulha inventou, que encadeado
 Tem o furor das ondas espumantes,
 Dizendo aos homens, que na debil faia
 Ousem perder da vista a amiga praia.

Contempla o busto do varão prestante,
 Portentoso inventor d' alto instrumento,
 Que parece que prende o Sol brilhante
 Quando lhe observa a altara, e movimento;
 Fanal seguro ao triste navegante:
 Pelos ermos do tumido elemento
 O Téjo o vio nascer, do Téjo he brilho,
 Honre-se a Patria com tão digno filho.

Olha Affonso Monarcha affortunado,
 Que primeiro da fuz do Téjo undoso
 Rompeo pelo Oceano em lenho armado,
 Desbaratando o Mouro bellicoso;
 E de Galés armigeras coalhado
 Tem de Anfitrite o Reino proceloso;
 Feliz auspicio á gente Lusitana,
 Que he do mar té no berço a Soberana!

Este o busto do Heroe, que o Lusitano
 Salvou das garras do Leão rompente,
 O Reino deixa, e as metas do Thebano
 Fôrça, e mette a grilhões a Libya ardente.
 Eis leva Ceuta ao barbaro Africano,
 E lhe cede Neptuno o azul Tridente;
 Numidia o vio, em sanguinosa guerra,
 Hum novo Scipião no mar, na terra.

Com modesto silencio se esquecia
 O Heroe da Estatu, que apar desta estava,
 Mais clara luz nenhuma diffundia,
 De mais louros nenhuma s'ennastrava:
 A vista attenta, e clara aos Ceos erguia,
 Aos pés a Esfera a Henrique apregoava,
 Que abriu a Lusitania, á Europa, ao Mundo
Novos caminhos pelo mar profundo.

Em longa serie pedestaes formados
 Aos bustos vê de Heroes que o tempo encerra,
 Que por cima dos mares empolados
 Hão de trazer á India ou paz, ou guerra:
 Que Reis captivos, Reinos subjugados
 Tributarios farão da Lusa terra;
 Entre todos maior, mais luz derrama
 O que a Gloria immortal levanta ao Gama.

Nelle esculpido via o já domado
 Cabo até alli medonho ao navegante,
 A seus pés o Oceano avassallado
 Depondo a furia tumida, arrogante;
 E a seu aceno manso, e socegado
 Parece que se humilha Eólo errante;
 E a terra oriental, que o Hydaspe corta,
 Lhe entrega a chave da vedada porta.

Hum pouco a voz Henrique levantando,
 Dest' arte ao Gama extatico dizia:
 Da Virtude as veredas vai trilhando,
 Ella te espera neste Templo hum dia:
 Subito agora, a véla aos ventos dando,
 Foge do Inferno á negra aleivosia;
 Perto do teu Destino o termo eu vejo;
 Domada a India, tornarás ao Téjo.

Qual pela estiva noite a luminosa,
Ligeira exhalção, que os ares fende,
Que a subitanea chamma pressurosa
Fugitivo listão no espaço estende;
Que á transportada vista curiosa
A luz se apaga, quando a luz se accende:
Tal a visão celeste se obscurece,
E envolta em densos véos desaparece.

Começa de assomar nos Ceos a Aurora,
E vão-se as negras sombras enrolando,
Da luz Febéa a face precursora
Vem de rosas, de lyrios ennastrando:
Do bosque a turba aligera, e sonóra
O hymno entôa natural, e brando;
E os Ceps, deixando a noite os vitreos ares,
Se espelhão todos nos extensos mares.

FIM DO SEXTO CANTO.

G A M A.
CANTO SETIMO.

ROMPE o Sol no horizonte, e do cavado
 Bronze já sôa horrisono estampido;
 Desperta, e surge o marinheiro ousado,
 E goza a luz do dia apetecido:
 Inda em sublimes extasis levado,
 Inda na scena insólita embebido,
 Manda o Gama, que o Mestre o apító toque,
 E os nautas todos subito convoque.

Manda depois á terra os mais valentes
 Marinheiros, e intrepidos soldados,
 Que ás altas náos conduzão diligentes
 A' estranha Corte os Lusos enviados:
 Disse, e já vão nas ondas transparentes
 Prestes vogando os remos alutados,
 E, mal as praias humidas tocárão,
 Do Rei mentida os Paços demandárão.

Quanto humanos sentidos lisongêa
 Na populosa Corte se observava;
 De mil prazeres, de riquezas chêa,
 O luxo d'Asia a pompa arremedava:
 Na mais humilde condição plebêa
 Grande opulência, e fausto se mostrava,
 Parece que os thesquros, e a grandeza
 Alli plantára toda a Natureza.

De. baça turba rodeados hião
 Os Lusitanos nautas cuidadosos,
 Quando aos soberbos porticos subião,
 Que dão entrada aos Paços magestosos:
 Eis que os buscados companheiros vião
 Dos intentados damnos não cuidados;
 Tal Grega frota pôde seduzir-se
 Entre os afagos da enganosa Circe.

Mas apenas a voz do excelso Gama
 Lhes foi dos nautas destemidos dada,
 Arde de inveja, de furor se inflamma
 (Atroz Vingança!) a turba condemnada:
 Accende, assopra a crepitante chama,
 Que em cinzas torne a fluctuante armada,
 Temendo que do Olympo a fortaleza
 Inda huma vez das mãos lhe roube a presa.

Não tinha inda passado da Cidade
 O esquadrão Lusitano os altos muros ,
 Eis se condensa horrenda tempestade ,
 Eis perturba , eis enluta os ares puros :
 Rompe do Inferno céga obscuridade ,
 Que abafa os Ceos com hálitos impuros ;
 E antes que sobre furioso vento ,
 S' encrespa , e turva o tumido Elemento.

Nada póde conter os esforçados
 Lusos , que a armada soccorrer deseirão ;
 Contra os medonhos escarcéos quebrados
 Com duro remo sem cessar forceirão :
 E por entre os rochedos escarpados ,
 Que pelas vagas tumidas negrejão ,
 Vão atracar co' armada combatida ,
 No fundo abysmo quasi submergida.

Em tanta confusão , sem perder tino ,
 Com voz tranquilla o Gama lhes declara ,
 Que só das trévas o Dragão maligno
 Tempestade tão subita mandára :
 Que o Deos Eterno , o A'rbitro Divino
 (Paternal Providencia) as náos ampara ;
 Que he preciso fugir da infausta terra ,
 Que disfarçada em paz conserva a guerra.

Bem como na tranquilla, e pobre Aldêa
 De singelos Pastores habitada,
 Se a labareda subita se atêa,
 E lambe o colmo de que está forrada;
 Que o morador attonito recêa
 Perder c' o doce lar doce manada,
 C' os outros á porfia trabalhando,
 Salva o que pôde, as chammas apagando:

Taes os nautas, apenas escutarão
 O que declara o Gama valeroso,
 Correndo, pela enxarcia se atrepárão
 A dar o panno ao vento impetuoso:
 O duro cabrestante outros voltárão,
 Rangendo tira o ferro do arenoso
 Fundo, os leves baixeis ição depressa,
 Por mais que ferva o mar, e o vento cresça.

Já mareão em popa, e os abrazados
 Horrisonos canhões nos ares trôão,
 C' os bramidos das ondas misturados
 Horrendamente pelos montes sôão:
 Mas, oh portento infando! os levantados
 Muros, Palacios, como as nuvens voão,
 E apenas se mostrava á vista incerta
 A terra inculta, barbara, e deserta.

Só confusos, medonhos alaridos,
 Que as carnes de pavor arripiaão,
 Pelas agrestes fragas repetidos,
 Té nos mares mui longe se escutarão:
 Entre enroladas nuvens accendidos
 Azues horrendos lumes serpearão;
 E o Ceo, que em negras sombras se envolvia,
 A frota, a gente audaz de susto enchia.

O monstro da Soberba ao carro horrendo
 Junta os negros Dragões, e acelerado
 Pelas trévas altíssimas rompendo,
 Busca de novo o Inferno affogueado:
 Em mór odio, mór sanha, e raiva ardendo,
 Leva no peito o coração rasgado;
 No escuro abysmo subito se lança,
 E lá medita estragos, e viugança.

Bem como nos remotos horizontes,
 De turbidos vapores condensados,
 Immenso grupo de lascados montes
 Huns sob' outros se fórmão conglobados,
 Que apenas Febo aos rapidos Ethontes
 Bate o freio nos ares inflammados,
 Ao repentino ardor, fragil escudo
 Foge o negrume, e se dissipa tudo:

Assim depois que da Celeste Corte
Desceo Archanjo tutelar á terra ,
Dos ventos a infencissima cohorte
Depoz a furia , e terminou-se a guerra :
Gemeo no abysmo despiedada morte ,
A foice arrima , as ferreas portas cerra ,
Somem-se as Furias no sulfureo lago
Falido vendo o presuposto estrago.

Vinte vezes o Sol do Firmamento
Tinha amostrado o rosto luminoso ,
Vinte vezes deixando o etherio assento ,
Do Ceo tinha descido ao pego undoso :
Depois que a armada Lusitana ao vento
As vélas déra pelo mar bramoso ,
Sem que Alemquer astuto , e diligente
Desvie as náos do lúcido Oriente.

Hião varrendo os campos procellosos
Só dos Fócas undivagos cortados ,
Vendo Ceos novos , d'astros luminosos ,
Menos brilhantes , menos povoados :
Inda da terra pérvida medrosos
Julgfo ser prêza aos monstros refalsados ,
Eis que do mar ao longe no horizonte
Confuso se lhe antolha excelso monte.

Tufava as vëlas de tal arte o vento,
 Que a armada velocissima varria
 Com tanta pressa o liquido elemento,
 Qu' á prôa em branca espuma o mar s' abria:
 No ponto estava o Sol do Firmamento,
 Onde em partes iguaes divide o dia,
 No ar, de nuvens limpo, se amostrava
 Alta terra, que ao Austro o mar talhava.

Já divisão tres montes, e a alta frente
 Hum delles mais soberbo aos Ceos erguendo;
 E sobre a cima altissima eminente
 Vai dilatado campo apparecendo:
 Na penhascosa ponta o mar fervente
 Quebrar-se escutão com mugido horrendo;
 O tormentoso cabo se conhece,
 Onde a Libya ardentissima fenece.

Esta, bradava o Gama, esta a baliza,
 Que oppôz a Natureza a esforço humano;
 Africa adusta aqui se finaliza,
 E daqui tem principio outro Oceano:
 Huma só vez passada, e se divisa
 Nella esculpido o nome Lusitano,
 Se a hum navegante aqui se oppôz Fortuna,
 Não seja ao Gama a ultima columna.

Acabou de fallar , e os reforçados
 Nautas ás gavias ultimas subião ,
 E desde aquella altura alvoroçados
 A' terra estranha os olhos estendião :
 A aguda ponta , os montes levantados
 Do mar aos Ceos attonitos medião ,
 Docto Alemquer solícito vigia ,
 E , os parceiros receando , as náos desvia.

Do Luso esforço o mar , como affrontado ,
 Pelas costas inhóspitas bramando ,
 Parece que açoitava o levantado
 Pólo , as espessas ondas enrolando ;
 Ora em abysmos funebres cavado ,
 Ora as náos dos abysmos vomitando ,
 Aos assombrados nautas se affigura
 Que o Fado lhe abre eterna sepultura.

Lá no medonho Inferno inda esbravece
 Soberbo o Monstro , que a ruina via
 De seu temido Imperio , e lhe parece
 Que cahe de todo a torpe Idolatria :
 Hum novo estrago insólito já tece ,
 Chama de novo ao throno a turba impía :
 A's náos , lhe diz , eu levo estrago eterno ,
 Digno sómente do Senhor do Inferno.

Rompe o chaos , e a noite , e chega á terra ,
 E os montes busca da longiqua Java ,
 D' hum nas entranhas lóbregas s' encerra ,
 E já rompe do cume o fogo , e a lava :
 O fumo cobre o Ceo , e a luz desterra ,
 Do abalo o globo trémulo oscilava ;
 Eis sahe da boca c' hum penhasco ardente ,
 Com elle busca o mar do Austro algente .

De neve eterna montes amassados
 Da morte aquellas regiões povôão ,
 Que sobre os mares tumidos levados ,
 Huns aos outros unidos se amontôão :
 Cahe-lhe em cima o penhasco , e desatados
 Em grandes massas pelo mar escôão ;
 Vão aboiando os frigidoss colossos
 Por entre os mares fervidos , e grossos .

Cook os encontra assim ; quando a escondida
 Austral porção , que zela a Natureza ,
 Buscava pertinaz , expondo a vida
 Talvez no altar da sordida Avareza :
 Agora com mais furia embravecida
 Trazendo-os vem Tartarea fortaleza ;
 Os mares cobrem , cobrem horisontes
 De toda a parte os congelados montes .

Desconhecida, horrenda tempestade,
 Do Mundo ás leis universaes alheia!
 Quanta a vista descobre immensidade!
 Do mar, se mostra de montanhas cheia:
 E sobre ellas Tartarea Potestade
 Parece traz a noite horrenda, e feia;
 E contra as náos nas ondas espumantes
 Correm com furia as massas fluctuantes.

O ar se tolda, subito negrume
 Leva da vista o Sol, e esconde o dia;
 Por entre as nuvens o sulfureo lume
 Com mil trovões horrisonos rompia:
 De estranho frio, penetrante gume
 O corpo em todos tremulo transia;
 A noite, o gêlo, os raios, a tormenta
 Ao triste nauta o Inferno representa.

Rasgão-se hum pouco as nuvens, novo espanto
 Penetra o peito á gente atribulada,
 Triste alarido, magoado pranto
 Resôa em toda a combatida armada:
 Já desdobrava a noite o escuro manto,
 Eis rompe a Lua turbida, eclipsada;
 Julga-se, ao ver-lhe o palido semblante,
 A machina do Mundo agonizante.

Por entre a sombra ao lado do Oriente
 Se ouviu estranho choro, ou grito horrendo,
 E Fantasma horroroso, enorme, ingente
 Envolto em nevoas vai apparecendo:
 Quasi toca nos Ceos medonha a frente,
 E inda os pés vai nas ondas escondendo;
 Era o Genio da bruta Idolatria,
 Que a eminente catastrophe carpia.

Cego, ousado mortal, (brada) que intentas,
 Rompendo affeito os mares empolados?
 Não vês quantas horrisonas tormentas
 Ao temerario passo oppoem teus Fados?
 As desgraças dos teus teimoso augmentas,
 Tu lhes preparas trances desgraçados;
 Se a gloria vens buscar na estranha terra,
 Nella pranto acharás, trabalho, e guerra.

Nas mãos para a vingança o raio eu trago;
 Ou volve atrás, ou fria sepultura
 Acharás no salgado, immenso lago,
 Em premio da ousadia morte escura:
 Aos homens vens trazer funesto estrago,
 Vens insultar a Natureza pura;
 Que he desmedida injuria, horrendo insulto
 Novas leis dar ao Mundo, e novo culto.

Se de fogo, e de ferro o braço armado
 Vier fundar Imperios no Oriente,
 Que medonhas catastrofes o Fado
 Em seus decretos guarda á Lusa gente!
 Hum Reino em sangue, em lagrimas fundado
 Não pôde ser feliz, nem permanente;
 Foge, pois contra a temeraria empreza
 Armada observa toda a Natureza.

Eis desfeita em centelhas fulgurantes,
 Aos olhos foge a colossal figura,
 Em roda ao longe as ondas espumantes
 Parecem transformar-se em chamma pura:
 Fossem acaso fósforos brilhantes,
 Ou novo mal, ou nova desventura,
 Não houve hum coração de susto isento
 Ao ver o estranho, insolito portento.

Que presagios, e agoiros desgraçados,
 Oh justos Ceos! (o Gama então clamava;)
 No mar boiando montes arrancados,
 Convulso o Mundo em tempestade brava!
 Que ruinas crueis, que acerbos fados
 Do monstro a horrenda voz prognosticava!
 Mandai, ó Ceos, o auxilio soberano,
 Que sem vós nada pôde hum fraco humano.

C A N T O VII. 157

He delicto ajuntar o Mundo ao Mundo,
Levar luz da verdade a hum povo inculto?
He delicto buscar no mar profundo
Hum camiuho aos mortaes té agora occulto?
Ir converter o Paganismo immundo,
Ensinar ás Nações Celeste Culto?
Se esta acção he tão vossa, ó Deos Eterno!
As Furias debellai do escuro Inferno.

Ouvio nos Ceos, o Padre Omnipotente
O suspiro do afflicto, hum leve aceno
Fez co' a tremenda magestosa frente,
O mar ficou tranquillo, o Ceo sereno:
Cerrou as azas Boreas estridente,
Nos ares revoou Zefyro ameno;
Sahe a Lua do eclipse atro, e profundo,
E, convulso até alli, repousa o Mundo.

Eis que: ao romper da Aurora ao perto vião
Das tres montanhas a soberba frente,
As rarefeitas nuvens se escondião,
E todo brilha o fulgido horizonte:
Mansas as ondas liquidas batião
Na ruiva arêa que já tem defronte,
Os duros nautas animo recobráo,
E com fausta esperança o cabo dobrão.

Temos , bradava o Gama , ó Lusa gente ,
 Com denodados animos vencido
 Quanto espantoso tinha o mar fervente
 No Promontorio nunca transgredido :
 Nossos passos conduz o Omnipotente ,
 De tamanhos trabalhos condoído ;
 Por nós armado o Ceo , por nós peleja ,
 E a força esmaga da tartarea Inveja.

Disse , e a undivaga armada o mar talhava
 Todo planice trémula , e lustrosa ;
 Em cima a terra vêm , que se encurvava
 N' huma enceeda funda , e bonançosa ;
 E que hum tranquillo abrigo assegurava
 Contra a furia dos ventos procellosa :
 A frota aqui fundêa , e o panno ferra
 Não muito longe da aprazivel terra.

Da alta gavia os robustos marinheiros
 Os saudosos olhos alongando ,
 Vêm fundos valles , ingremes oiteiros ,
 Que estão robustas palmas coroando :
 Correm das rochas limpidos ribeiros ,
 Que o mar por entre as pedras vem buscando ;
 Revoão bandos de pintadas aves ,
 Que ao dia entoão cánticos suaves.

A Natureza toda encantadora
 Na risonha manhã s'apresentava,
 Quando de todo s'esvaia a Aurora,
 Mais brandamente Zefyro soprava:
 E do regaço a matut'na Flora
 Mais perfumes balsamicos lançava;
 E, todo o rosto erguendo, o Sol jucundo
 Mostra nas cores naturaes o Mundo.

Contentes saltão na risonha terra
 Os nautas Lusos, mas de ferro armados,
 A cuja vista insolita se aterra
 Hum baço immenso de incolas tostados:
 Era incognitô o ferro, ignota a guerra
 Aos Hotentotes, barbaros chamados;
 Mas o Gama tranquillo então lhe acena,
 Com brando riso os animos serena.

Apresenta alguns dons ao povo escuro,
 Que sem receio aos Lusos se chegava,
 Do ferro entre os reverberos seguro
 O que a terra produz lhe apresentava:
 Das arvores o fructo, o leite puro
 Por frágeis vidros fulgidos trocava,
 E co'a gente, que enganos não recta,
 O Luso vai contente á pobre Aldea.

Doce era ver pastar pela espessura
 Lanigeros rebanhos esparzidos,
 Extensos valles de eternal verdura,
 E de flores balsamicas vestidos :
 Quadros fiéis da provida Natura
 Entre as artes a nós desconhecidos,
 Scena alegre, espectáculo jucundo
 Dos aureos dias do nascente Mundo.

Em vagarosos bois vinhão sentadas
 Em negra côr formosas as Donzellas,
 Os membros nús, as frentes ennastradas
 De azues boninas, brancas, e amarellas :
 Em barbarico tom, mas concertadas,
 Entoão mil canções de amor singellas ;
 O canto Amor o ensina, Amor o inspira,
 Suspiros d' alma a Natureza tira.

Alguns doces avenas assoprando
 Apoz os gados vão nos arvoredos,
 E hum echo se repete doce, e brando
 Pelas concavidades dos penedos :
 De estranhas aves o volatil bando
 Expõe no canto seu d' Amor segredos :
 Oh feliz condição, ditosa sorte
De gente, que em tal vida espera a morte!

Venturosa Nação na Libya ardente ,
 (Extatico bradava , e absorto o Gama ,)
 A quem não queima do metal luzente
 Com sordida avareza eterna chamma :
 Com thesouros reaes vive contente ,
 Ignora amor da gloria , amor da fama ;
 Nem tenta pela mádida Anfitrite
 A' terra , em que nasceo , dar mór limite.

Maldito seja aquelle , que a ditosa
 Paz vier perturbar , que estais gozando ,
 Que a cubiça , ambição perniciosa
 Trouxer da escrava Europa , o mar talhando.
 (Oh mente dos mortaes caliginosa !
 Do sombrio Hollandez guerreiro bando
 Eu vejo , ó Gama , que avarento , e cego
 Lhe vai roubar o natural socego !)

Oh quanto vale mais rude ignorancia ,
 Que as artes que a soberba Europa adora ,
 E mais a inculca vida , que a arrogancia
 Do sabio vão , que muito , ou tudo ignora !
 Arrazar as muralhas de Numancia ,
 Tingir de sangue a espada vencedora ,
 E ganhar em Farsalia , em Accio os Louros ,
 Não vale mais que os naturaes thesouros !

He ventura maior por esses prados
 Ver correr, ver findar tranquilla vida,
 Que entregalla dos ventos indomados.
 Em mar ignoto á funia embravecida:
 A sombra desses cedros levantados,
 Ao mortal pensador doce guarida,
 Esse silencio augusto, esses retiros,
 De meus votos são termo, e meus suspiros.

O negro monstro da faminta Inveja,
 Furia a maior do palido Cocito,
 Essa ignorada terra não bafeja
 Com detestavel halito maldito:
 Aqui louca ambição nunca forceja
 Por dar a hum Reino termino infinito;
 Se Alexandre no Globo inda não cabe,
 Viver em pobre choça hum pobre sabe.

A vil Adulação, que tem cercado
 Dos aureos Paços aureos alizares,
 A hum rizo attenta, a hu' gasto, a hu' falso agrado,
 Que tão depressa se desfaz nos ares;
 E que tem tantas victimas sangrado
 Com sacrilego ferro em vis altares,
 Da innocencia, e verdade affugentada,
 Nesta tão feliz não tem morada.

Assim discorre o Gama, que á ventura
 Entre cedros altissimos vagava,
 Em quanto a Lusa gente d'agua pura,
 E dos fructos da terra se abastava:
 Com assiduo trabalho em vão procura
 Signaes achar dos climas que buscava;
 Que o tranquillo Hottentote por aceno
 Mostra só conhecer natal terreno.

Sôa o bronze á partida, e logo ordena,
 Que em terra tão feliz fossem deixados
 Dois, que cá de tão longe á extrema pena
 Por Themis justa forão condemnados:
 Já pendem soltos da breada antenna
 Leves pannos ao vento desfaldados,
 E as flamulas dos topes, ondeantes,
 Chegão, descendo, ás ondas espumantes.

Rompia a Aurora; da aprazivel terra
 (As encurvadas ancoras levando)
 Com serena bafagem se desterra
 A armada, hum mar incognito talhando:
 Eis que de novo o vento accende a guerra,
 As procellosas núvens ajuntando;
 Aos receosos nautas ameaça
 De novo outra tormenta, outra desgraça.

O mar com furia indomita rebenta
Por cima dos cachopos escondidos,
Cresce o furor, o impeto se augmenta
Dos grossos furacões embravecidos:
Já sem rumo, a sabor da atroz tormenta
Vão pelo vento os lenhos impellidos;
Foge o valor, o peito desfalece,
Ao nauta audaz a face emmarellece.

Ferrado o panno, as vagas inclementes
Em balanços cortava a forte armada,
Até que o vento as azas estridentes
Hum pouco equilibrou, e a levantada
Ponta se vio no Cabo das correntes,
Nunca de lenhos Europeos dobrada;
E o mar que recuando em flor rebenta,
Longe do cabo os Lusos affugenta.

Não desiste, não cede o Lusitano,
Inda que opposta veja a Natureza;
Como senhor do tumido Oceano,
Vence do vento a indomita braveza:
Ora colhe, ora larga o leve panno
Vigilante Alemquer, com tal destreza,
Que ao cabo por d'avante, co'a alterosa
Próa, corta de hum rio a foz andosa.

Gostosa scena aos olhos se offerece
 Pouco affeitos a scenas de alegria ;
 Multidão d'almadias apparece ,
 Que vem rasgando o seio a Thetis fria :
 Nas maneiras , no trage se conhece
 Não ser a gente alli de côr sombria ;
 Pois descobrem ao longe os navegantes
 Roupas compridas , Persicos turbantes.

Pela Arabiga lingua perguntava
 Martins já de mais perto á estranha gente ,
 Cuja era aquella terra , e o que distava
 Daquelle clima o clima do Oriente ?
 Alegre a chusma dos baixéis bradava
 Pelo mesmo idioma ; e tão contente
 C' o fausto auspicio fica o forte Gama ,
 Que Bons Signaes ao rio , e á terra chama.

Daqui largando a véla ao fresco vento
 Os novos Argonautas demandavão
 De Nereo pelo campo fraudolento
 Novas terras , que ao Norte se mostravão :
 Mas á Soberba no eternal tormento
 Nunca os odios antigos se abafavão ;
 Das soffridas derrotas não se esquece ,
 Inda infausta ruina , e enganos tece.

Deixa o cháos de novo, e os ares gyra
 De outros monstros o Monstro acompanhado;
 Vingança vem com elle, a Inveja, a Ira,
 D'olhos torvos, de rosto esbrazeado:
 Vem Perfidia, e Traição que o mal inspira
 A hum povo inculto, inerme, e socegado;
 E lhe faz crer que he barbaro inimigo
 O Luso, que só busca amparo, e abrigo.

Se á triste Moçambique a armada chega
 De sustento a abastar-se, e d'agua fria,
 Tudo a Terra mui barbara lhe nega,
 Mostra-se em tudo falsa a gente impia:
 Se o tormentoso mar corta, e navega,
 Piloto enganador á morte a guia;
 E se animosa obstaculos atrostra,
 Em tudo mór obstaculo se mostra.

Mas a celeste Guarda sempre attenta,
 E a bem dos Lusos sempre vigilante,
 Ora os livra das garras da tormenta,
 Ora encadêa o vento sibilante:
 Ora os livra da sanha fraudolenta
 Do monstro sempre indomito, arrogante;
 A frota surge além da atroz Mombaça,
 E o perigoso estreito ávante passa.

Mais chão rompia hum mar quando a serenã,
 E matutina luz doirava os montes,
 Quando a Aurora já foge, e Febo aoena
 Romper dos Ceos c'os fervidos Ethontes;
 Eis que hum gageiro da sublime antenna
 Descortinando os claros horizontes,
 Das gaviãs brada á Lusa companhia,
 Que alta, aprazível terra ao longe via.

Nunca, depois que o Têjo bonancoso
 Fôra da armada intrepida deixado,
 Mais rizonho espectacula, e formoso
 Se havia ao duro nauta apresentado:
 E nem de Armida o bosque delectoso
 Por ti, Tasso immortal, por ti cantado
 Em tom celeste, em versos sobrehumanos
 Foi mais gentil, que os campos Melindanos.

Quaes os teus, Ulysséa, os reforçados
 Ao ar se elevão muros alterosos,
 Torres, Palacios, Corucheos doirados,
 Que despedem reverberos lustrosos,
 Do Sol co'as luzes vividas tocados;
 E mal c'os fortes lenhos poderosos
 O Chefe Luso na enceeda pára,
 Todo o ignivomo bronze se dispara.

Eis sahem do porto as curvas almadias
De fina, e rica seda acobertadas;
Dividindo a compasso as ondas frias,
Buscão sem susto as náos já fundeadas:
Não são de pelles pretas, e sombrias
As gentes ledas, de que vem peçadas,
Das náos hum tanto ao mar paradas ficão,
E pela lingua Arabiga se explicão.

Com pacifica senha o forte Gama,
Do destrissimo Interprete mostrada,
A singela nação tranquillo chama,
Que paira ao longe da potente armada:
Apenas cessa a sulfurosa chamma,
Eis sobe ao portaló menos turvada;
Mas admira os canhões, o trage, a gente,
Qual nunca alli viera do Oriente.

Soube que era Melinde o Gama ousado,
Leonardo á terra envia; o valoroso,
Apenas toca a praia, rodeado
Subito foi de povo numeroso:
Já de extatica turba acompanhado
Busca os Paços do Principe famoso,
Entra em doirada, espaciosa sala,
E acatando o Monarcha, assim lhe falla:

O Capitão da Lusitana gente,
 Que á longo tempo dividindo os mares
 Os climas busca do vedado Oriente,
 E os opulentos Reinos Malabares;
 Mandado de hum Monarcha alto, e potente,
 Que na guerra, e na paz merece altares,
 Pedir-vos manda neste porto abrigo,
 E vos saúda verdadeiro amigo.

Contente o Rei seus braços estendia
 Ao forte Portuguez, que lhe fallava;
 Vertem-lhe os olhos pranto de alegria,
 E ingenua paz do rosto trasbordava:
 Prestes seu proprio filho ao Gama envia,
 E o Joven satisfeito as náos buscava;
 E o Rei, sem que lho véde ultima idade,
 Por ver de perto as náos, deixa a Cidade.

Decece logo aos bateis o invicto Gama,
 No mar espera o Principe excellente;
 De hum lado, e d'outro de prazer exclama
 A gente Lusa, a Melindana gente:
 O accezo bronze fervido rebrama,
 No ar se expande o fumo, e chamma ardente,
 E o som tornado da encurvada terra
 Os mais valentes animos aterra.

Como se á longo tempo de amizade
 Os sacrosantos laços se tramárão,
 (Tanto sem vicio póde a humanidade!)
 O Joven Regio, e o Gama se abraçárão:
 E os Ministros da Regia Potestade
 Em torno d'elle alegres se assentárão;
 Tanta, e tanta virtude o moço ostenta,
 Que ir ver a terra amiga o Gama intenta.

Manda apromptar alguns dos Mahometanos,
 Que em Moçambique perfida aprezára,
 Justo castigo dos fataes enganos,
 Que entre gente tão barbara provára:
 D'armas se vestem fortes Lusitanos,
 E o Capitão com pompa se prepara;
 Já remeiros, vistosos por extremo;
 Batem as ondas com pezado remo.

Aos aureos Paços á ligeira Fama
 Fende os ares, e chega annunciando
 A fausta vinda do esforçado Gama,
 Que as ondas vem do rio atravessando:
 Já com vivas na praia o povo o acclama,
 E apressado o Monarcha venerando,
 Deixa o throno, e demanda a ruiva arêa,
 Por ver ancioso a gente de Ulyssêa.

Entre os braços o acolhe , e ambos sentados
 O Gama ao Rei pausado cumprimenta ,
 E os Mouros , que conduz a ferro atados ,
 Ao throno excelso escravos apresenta :
 Mas de hum pavez finissimo , e terçados
 Mais affavel se alegra , e se contenta ;
 Tudo fica em silencio , e está pendente
 Da grave voz do Capitão valente.

Eis começa a fallar o illustre Gama
 Com voz grave , serena , e magestosa :
 Excelso Rei , lhe diz , cuja alta fama
 Chega onde esconde o Sol sua luz formosa ;
 Em cujo vasto Imperio os bens derrama ,
 Com mão tão liberal , sorte ditosa ;
 Não enche só teu nome a Libya ardente ,
 Tambem se escuta , e louva no Occidente.

Se tu prézas acaso a fama , e gloria ,
 Digno premio de feitos sublimados ,
 Que inda depois da vida transitoria
 Vivem na mente dos mortaes gravados ,
 E no sublime Alcaçar da memoria
 Firmes zombão dos annos apressados ;
 Se he grato para ti louvor , e nome ,
 Que nunca o tempo estragador consome .

Só fama, e gloria, só louvor me obriga
A deixar sem saudade o patrio ninho,
E contrastar a barbara inimiga
Furia de ignoto mar no ondeante pinho :
Só este nobre estímulo me instiga
A calcar da virtude o arduo caminho ;
Vassallo sou de hum Rei tão grande, e forte,
Que até pelo servir desprezo a morte.

Da mais occidental, e extrema praia,
Onde termina a Europa bellicosa,
E o vasto mar começa; onde desmaia,
Ou se esconde de Febo a luz formosa;
O grande Rei me manda em curva faia
Dobrar o cabo d' Africa arenosa,
E dando quasi a volta do Hemisferio,
Buscar da India o recatado Imperio.

Postos no arbitrio, e mãos da instavel sorte,
O mar d' Atlante para o Sul cortámos ;
Da vista se nos foi brilhante o Norte,
Quando o Equador ardente atraz deixámos :
Sem ver o rosto ao Mal, o aspecto á Morte,
Jámais as ondas tumidas sulcámos ;
E todo o Inferno conjurado em guerra
Nossa perda intentou no mar, na terra.

C A N T O VII. 173

Soprando ora de Noto a furia immensa,
Que nas azas conduz a tempestade,
Ora o feio negrume, ou nevoa densa,
Que abafa, e fecha o ar na obscuridade;
Ora climas passando, onde a doença
Entrega á morte a triste humanidade,
Ora soffrendo os mares procellosos,
Raios ardentes, e trovões ruidosos:

Dobrar viemos o fatal limire,
Que pôz a Natureza á Libya ardente;
Onde não mais as ondas de Anfitrite
Pôde sulcar ávante a Lusa gente:
E porque os passos seus, e exemplo imite,
Demandar venho os climas do Oriente;
Para achar o caminho em vão buscado,
Basta ser Luso, e de tal Rei mandado.

Até senti de bárbaro inimigo,
Astuto Moiro perfida cilada,
Que inda chora, e se dóe do golpe antigo,
Que recebeu na Patria conquistada:
Fiz-lhe sentir o asperrimo castigo,
Inda os fios provou da Lusa espada;
Cortei depois as ondas crystalinas,
E os Reinos viza buscar onde dominaa.

E se tamanha, tão sublime empreza
 Merece a protecção alta, e subida,
 Digna do estado, digna da grandeza
 Da regia potestade esclarecida;
 Para deixar de todo a Natureza,
 Que o mar nos pôz por término, vencida,
 Só nos resta, Senhor, que esse teu braço
 Corte o supremo, o ultimo embaraço.

Dá-me hum Piloto déstro, exp'rimentado,
 Que atravesse comigo os turvos mares,
 Que o caminho nos mostre em vão buscado,
 Que tenha visto os ricos Malabares;
 E ficará teu nome então gravado
 Da Fama nos turicremos altares;
 Será sabido donde o Téjo corre,
 Onde o Sol apparece, brilha, e morre.

O Gama aqui parou; e o Rei, que ouvia
 Os discursos do forte aventureiro,
 Dest' arte alçando a voz, lhe respondia.
 Com regio termo, honesto, e verdadeiro:
 A alta fama da Lusa Monarchia,
 Enche, Senhor, de assombro o Globo inteiro;
 Nem clima existe, ou término apartado,
 Onde do nome seu não chegue o brado.

Dentro em meu Reino hum tempo hei recebido
 Hum barão como vós no modo, e trage,
 Desse Paiz Occidental trazido
 Por longas terras, aspera viagem:
 Este do Luso Imperio alto, e subido
 Algumas vezes me pintava a image;
 Em meu peito excitou desejo ardente
 De ver tão grande Rei, tão nobre gente.

Hoje que o Fado, ou próspera ventura
 Vos traz ao Reino meu, firme alliança
 O Melindano Rei protesta, e jura
 Em paz eterna, eterna confiança
 De sincera amizade ingenua, e pura;
 Nunca haverá nos seculos mudança:
 Minha grandeza nada vos recuza,
 Eu Piloto vos dou, que as náos conduza.

Agora hum pouco do trabalho insano
 Cumpre aqui repousar, antes que a praia
 Vádes tocar do Indico Oceano,
 Do vosso grande esforço ultima raia:
 E pois a luz de Apollo Soberano
 O turvo Occaso busca, e já desmaia,
 Vamos em parca, mas tranquilla meza
 As forças reparar da Natureza.

Disse , e o Gama cõduz pelos doirados
 Paços sublimes aos jardins frondosos ,
 De crystalinas fontes rociados ,
 Por baixo de Sycómoros umbrosos ;
 Quaes onde Alcino ouvira os decantados
 Feitos de antigos Gregos valorosos ;
 Quaes os da antiga , da infeliz Palmyra ,
 Quaes Babylonia nas muralhas víra.

De todo o Sol nos mares do Occidente
 Hia escondendo a face luminosa ,
 Quando o Monarcha , e Lusitana gente
 Entrava alegre pela selva umbrosa :
 E debaixo de hum cedro antigo , ingente ,
 Já preparada estava a magestosa
 Meza ; em doiradas , finas porçolanas
 Já recendem viandas Africanas.

Sobre gramineos leitos , esmaltados
 De purpureas boninas , se assentárão
 Os Lusos Argonautas descansados ,
 E só na frente o Gama , e o Rei ficárão :
 Em crystalinos cálices doirados
 Das altas palmas o licor lançárão ,
 Que supre os dons de Bromio , que os virentes
 Pampanos nega ás regiões ardentes.

C A N T O VII. 177

Depois que as sombras lugubres cabirão
Das mais altas montanhas, e que á terra
Febo a face escondeo, brilhar se virão
As luzes, com que a noite se desterra:
Luminosos farões se repartirão
Pelo ameno vergel, que em torno cerra
Hum denso bosque de Ebanos copados,
Sómente aos campos Melindanos dados.

Desde o Téjo até alli tão grata scena
Jámais aos Lusos se amostrára hum dia;
Da escura noite, placida, e serena,
De safiras bordado o manto ardia:
De luzes rodeada a selva amena,
Quasi do Sol ardente a Luz supria;
Brando susurro de ligeiro vento
A's folhas dava doce movimento.

FIM DO SETIMO CANTO.

G A M A.
CANTO OITAVO.

JÁ das soberbas mezas removião
 Attentos pagens pannos preciosos ,
 Com pompa oriental em torno ardião
 As caçoilas de sândalos cheirosos :
 Pelo gramineo leito inda jazião
 Os nautas todos em cochins mimosos ,
 Quando , volvendo o rosto ao illustre **Gama** ,
 O velho Rei contente assim lhe exclama :

O' tu , feliz mortal , que tens domado
 Do vasto mar a furia embravecida ,
 A quem parece se submetta o Fado ,
 E aêde a Fortuna para sempre unida !
 O' tu , cuja Nação tão alto brado
 Tem já dado nas armas tão temida ,
 Que te posso dizer , que a inteira terra ,
A respeita na paz , e a teme em guerra :

C A N T O VIII. 179

Antes que ao surdo vento o leve panno
 Desfraldes outra vez n' azul estrada ,
 E vás' seguro achar pelo Oceano
 Essa terra até agora em vão buscada ;
 Pois na memoria a tens , do Lusitano
 Reino me conta a origem levantada ,
 As façanhas dos Reis , da illustre gente ,
 Com quem desejo hum pacto permanente.

Suspensão hum pouco o Capitão famoso ,
 Dentro em seu pensamento se immergia ,
 Mas rompendo o silencio em magestoso
 Pausado tom , dest' arte respondia :
 Da Lusa gente , e Reino glorioso ,
 Genio estranho , e não eu , fallar devia ;
 Os seus braços contar a estranhos toca ,
 Que o louvor he suspeito em propria boca.

Mas sabe , ó Rei , que em clima afortunado ,
 Que o temperado circulo atravessa ,
 Onde do coche obliquo o Sol doirado
 Obliqua luz aos povos arremessa ;
 No mais occidental , no extremo lado ,
 Onde a Europa se finda , o mar começa ;
 Jaz , e não muito extensa a Lusa terra ,
 Grande em todos os seculos na guerra.

Patria, e berço de Heroes, que a já prostrada
 Roma sempre temeo; Roma, que hum dia,
 Sobre as ruinas das Nações sentada,
 Se promettêra eterna Monarchia:
 Negra traição dos fortes detestada
 Do Luso Imperio os porticos lhe abria;
 A Lusitania com perfidia toma,
 Que serve escrava involuntaria a Roma.

Porém da altiva Roma o duro Imperio,
 Que empunha ferreo sceptro, ou sceptro d'ouro,
 Que as Aguias fez voar pelo Hemisferio
 Desde as margens do Hydáspe ao adusto Mouro;
 De seu orgulho affronta, e vituperio
 O Tempo estragador murchou seu louro;
 De seu pezo opprimido eis balancêa,
 E as mãos entrega á barbara cadêa.

Do pólo aquilonar, onde agrilhôa
 Perpetuo Inverno em gelo a escura terra,
 Tempestade de Barbaros revôa,
 Que trazem por divisa estrago, e guerra;
 Eis de Erynnis o açoite a Europa atrôa,
 A soberba Latina as azas cerra;
 E a cerviz, que não fôra ao jugo affeita,
 Do espantoso Alarico as leis accêta.

C A N T O VIII. 181

Hunos ferozes , Longobardos duros ,
E os Vandalos crueis , ás armas dados ,
Da desmembrada Europa os climas puros
Conservão longo tempo avassallados :
Eis que hum enxame de Arabes perjuros ,
De fanatismo estragador armados ,
Das montanhas nataes trazendo a guerra ,
Vem dar Imperio novo , e leis á Terra.

Do Godo , já não fero , o poderoso
Reino , por justa lei do Ceo sereno ,
Entrega o collo ao jugo vergonhoso ,
Que a mão lhe impõe do astuto Sarraceno ;
Que o sceptro estende aúdaç , victorioso ,
Do Téjo , e Betis pelo campo ameno ;
E a grei de Christo fugitiva , e triste
Ao vencedor se esconde , e não resiste.

Té que d' Asturia agreste , e montanhosa
Sahio Pelagio , o Joven denodado ,
Que a Arabiga falange bellicosa
Venceo no patrio Reino avassallado :
O Hispanico Leão a crespa , e undosa
Juba sacode em throno restaurado ;
Mas inda Lusitania o pé cativo
Nos ferros tem do Sarraceno altivo.

Dos Ceos lhe lança a vista o Omnipotente,
 E o sceptro quebra á Maura crueldade ;
 A' testa marcha de Barão potente,
 Com elle traz victoria, e liberdade :
 Tinha ensaiado a espada reluzente
 Da Palestina na maior Cidade ;
 E, vencedor no Oriente, hum novo louro
 Nas margens vem colher do argenteo Douro.

Este o famoso Heroe, que procedia,
 Como entre nós se crê, dos esforçados
 Potentes Reis da bellicosa Hungria,
 Nunca d'armas do Tibre avassallados:
 Este o tronco real, donde a mão pia
 Do eterno Deos conserva os celebrados
 Ramos, que o grande Imperio Lusitano
 Salvão das mãos de hum Arabe Tyranno.

Henrique aos golpes da fulminea espada
 Vai por victoria, e por victoria abrindo,
 Invencivel guerreiro, ao Throno a estrada,
 Além do Douro os Arabes seguindo:
 Affonso filho seu, já da ganhada
 Terra com forte exercito sahindo,
 Sobre ruinas de Agarena gente
 Levanta, exalça o Reino independente.

C A N T O VIII. 183

Cinge na frente Imperial Coroa,
 Com seu ferro a lavrou, de novo a guerra
 Traz ás muralhas da immortal Lisboa,
 Côte de Lysia, adoração da Terra:
 Dêo signal a trombeta; e o ar atrôa;
 De toda a parte os Agarenos cerra,
 As Hostes affugenta, os campos tala,
 E a grão-montanha torrenda escala.

Mas cede o grande Affonso ás leis da mortê,
 Que os sceptros despedaçã, e murcha os leuras;
 Juntou na vida ás palmas de Mavorte
 D'alta piedade perennae thesouros:
 A hum digno filho deixa o esforço, e a sorte,
 Primeiro Sancho domador dos Mouros;
 Inda joven, se a espada invicta estrêa,
 De sangue Mourô os campos purpurêa.

Mas descança no tumulo, e transmite
 Poder, esforço a Affonso ás armas dado;
 E, porque o grande Genitor imite,
 Com armas engrandece o sceptro herdado:
 E, porque o regio exemplo o povo excite,
 Co' a mão, que o ferro empunha, empunha o arado;
 Dilata o Reino em base mais segura,
 Dá leis, dá força á doce Agricultura.

Outro Sancho reinou, que cede ao prezo
 De hum sceptro; e Reino sempre bellicoso;
 Nas cadêas de Amor suspira prezo,
 Jugo suave, jugo vergonhoso:
 Eis Discordia fatal c' o facho accezo
 Desterra a paz do Reino venturoso;
 E a tempestade turbida socega,
 Quando o sceptro nas mãos d' Affonso entrega.

Terceiro Affonso, que a sanguinea espada
 Toda embebe no peito á Maura gente,
 O Algarve doma, terra dilatada,
 Que ultima vê cahindo o Sol luzente:
 Corre os limites da Potencia herdada
 Mais ligeiro, e veloz que o raio ardente;
 E desde o Minho á foz do Guadiana
 Fixa os termos á C'roa Lusitana.

O sceptro deixa ao filho afortunado;
 (He Diniz o seu nome), e a Lusa terra
 No Throno hum Sabio vê, e hum Rei sentado,
 Que a inspiencia barbara desterra:
 Porém da gloria militar lembrado,
 No regaço da paz medita a guerra;
 Cidades, Villas com muralhas fecha,
 Em tranquilla abundancia os Reinos deixa.

C A N T O VIII. 185

Leões gerão Leões, e as Aguias gerão
 Audazes Aguias, que do Sol luzente
 Os raios ardentissimos tolerão,
 Deixando em baixo a nuvem; e o raio ardente
 Taes os Monarchas, que na Lysia imperão,
 Dignos são da progenie alta, eminente;
 Pois de hum sabio Diniz forte, e ditoso
 Affonso nasce, forte, e bellicoso.

Qual nas entranhas do Vesuvio monte
 Não se prende, ou sustem sulfurea chamma,
 Traz penedos consigo, e no Horizonte
 Cinzas, e ardentés turbilhões derrama;
 Tal, ind'antes que ao Solio se remonte,
 Conter o Marcio fogo em que se inflammã
 Mal pôde o bravo Affonso; e á patria terra,
 E ao proprio Pai declara injusta guerra.

Mas apenas do Reino as redeas toma,
 Na frente de esquadrões, de ferro armado,
 Immensas forças Agarenas doma,
 E volve em sangue as ondas do Salado:
 E com virtude, que não víra Roma
 Em Curio, que de louro enrama o arado,
 Não quer despojos de inçlyta victoria,
 Só quer de vencedor o nome, e a gloria.

De eternas palmas, de laureis cingido
Jaz em soberbo tumulo, deixando
Nas leis de Themis successor temido,
Quanto nas leis de Amor suave, e brando,
Pedro, que adora Iñez, de Iñez querido,
(Que a lei sevêra do destino infando
Arranca, ai dor! dos amorosos braços;
Mas a morte não corta a amor os laços.)

He já medonho pó, cinza gelada,
Que fecha, e guarda a triste sepultura,
Levanta Amor a lapida pezada,
Inda esqueleto despertou ternura:
Fria imagem da morte he levantada
Ao Solio, em que Rainha o povo a jura;
O mausoleo se esqueça de Artemiza,
Melhor a Eposa Pedro immortaliza.

Eis Fernando se segue ao rigoroso
Pai, mas brando se acurva a Amor tyranno,
Que armado vem de gesto tão formoso,
Que delle: faz vassallo hum Soberano:
O sceptro então vacilla duvidoso,
Quasi se ajunta o Reino ao Reino Hispano;
Surge o maior dos Reis, e arranca a espada,
E ao Solio Augusto se franquea a estrada.

C A N T O VIII. 187.

O forte Heroe do campo Marathonio,
Que o Persiano exercito retalha;
Força, e valor do raio Macedonio,
Que as campinas d'Arbella em sangue coalha;
Nem o que em Accio c'o infeliz Antonio
Disputa o Mundo n' huma só batalha;
Tão dignos são de loiro, e de memoria,
Quanto he digno João n'huma victoria.

Os ganhados confins rompeo primeiro,
Segura a Patria deixa, e sulca os mares;
O habitador do Calpe derradeiro
Acossa, humilha nos paternos Lares:
Elle na Libya adusta ao verdadeiro
Deos, que as batalhas vence, exalça altares:
He Ceuta seu brazão, e he gloria sua,
E abate as forças do turbante, e Lua.

Deixa o grande Duarte, que á Sciencia
Já todo se consagra, e as Artes ama,
Que tanto esmalta os Reis a sapiencia,
Como o Marcio valor, que o peito inflamma:
De sua boca hum rio de eloquencia,
Se escreve, ou falla, ao povo se derrama,
Em quanto o filho, armando a gente Lusa,
Corre triunfante ao campo de Ampelusa.

He este o Quinto Affonso, que altos muros
 De Arzila escala em fervida batalha,
 Rompe esquadrões dos Arabes perjuros,
 E ousadas frentes Mauritanas talha:
 Em Numidicos marmores mais puros,
 Co' a mesma espada, com que vence, entalha
 Com maior gloria o nome de Africano,
 Que dêo Carthago ao vencedor Romano.

Segue o grande João, que he só segundo
 Em nome, que em façanhas se adianta
 Aos Heroes, cujo nome ao vasto Mundo
 Conserva a Historia, a Poesia canta:
 A Tingitana arêa, o mar profundo
 Gemeo c' o pezo de grandeza tanta;
 O sceptro pela escura Africa estende,
 Mais que os outros o mar navega, e fende.

Tentou dobrar o cabo tormentoso,
 No vasto mar baliza assustadora
 Venceo, foi descobrir o Ilheo fragoso,
 Que atraz já deixa navegando agora:
 Mais contrastar não pôde o pego undoso,
 Nem ver os berços da punicea Aurora;
 Que ayesso Fado, prematura morte
 Aos projectos se oppoz de Heroe tão forte.

C A N T O VIII. 189

Reina agora Manoel , que o Santo , e Justo
Deos ao sceptro chamou da Lusa terra ;
Este o do Téjo Soberano Augusto ,
Nas delicias da paz , no horror da guerra :
Este com braço intrepido , e robusto
Os humildes sustenta , os máos aterra ;
Digno de ser na terra , e mar profundo
Sómente Rei , se hum só quizera o Mundo.

Este ultimar intenta os começados
Empenhos de seus pais , e os procellosos
Mares manda cortar nos encurvados
Lenhos , que affrontão ventos furiosos :
Nós somos os Barões determinados
A abrir caminho aos Reinos poderosos ,
Que vêm no berço o Sol , no berço o dia ;
Tamanha empreza aos Lusos se confia.

He digno só por si do sceptro de ouro ,
Que empunha , o Rei da Lusitana terra ;
Tem de todo humilhado o adusto Mouro ,
E o facho extincto da sanguinea guerra :
Por esta estrada se procura o louro ,
Que mais honras em si , mais bens encerra ,
Dando-lhe fama , e perennal renome ,
Que nunca a mão dos seculos covome.

A tão grande Monarcha são devidos,
 Mais que aos Títos, que aos Cesares, e Augustos,
 Os respirantes marmores polidos,
 Os Arcos, as Pyramides, os Bustos:
 Venhão os tardos seculos seguidos
 De aluviões de Barbaros injustos;
 Inda que a Europa se sepulte em guerra,
 Seu nome intacto ficará na Terra.

De seu povo taes Reis são tão amados,
 Que, armando d'aço, e ferro o peito forte,
 Vão quaes leões ferozes, indomados
 Os Lusitanos affrontar a morte:
 Só por lhe obedecer nos empolados
 Mares tentámos caprichosa sorte,
 E sem temer o pelago profundo,
 As costas dei contente á Europa, ao Mundo.

Vê, magnanimo Principe, se amada
 Merece ser por ti tão nobre gente;
 Porque hum Monarca o manda, a morte irada
 Veio affrontar intrepida, e contente:
 Se tu, cuja alta fama dilatada
 Té penetrou nos climas do Occidente,
 Amigo queres ser da Lusa terra,
 Terás amigo hum Rei, na paz, na guerra.

C A N T O VIII. 191

Disse o forte Argonauta, e transportado
O Melindano velho lhe lançava
Ao collo os braços, de prazer banhado,
Na augusta face o pranto escortegava:
Oh tres vezes, e quatro afortunado,
(Entre ferventes lagrimas bradava)
O momento em que observo, e alegre vejo
Dentro em meu Reino o morador do Têjo!

Felizes cans, velhice venturosa,
Eu entrarei no tumulo contente,
Cobrirá minha cinza a paz ditosa,
Tenho vivido assás, vi Lusa gente:
Vós, lumes immortaes da noite umbrosa,
Vós que a gloria cantaes do Omnipotente,
Que tem seu Throno além do Firmamento,
Vinde, escutai meu santo juramento.

Quanto se estende o Reino Melindano,
Que a meu sceptro obedece, e as leis me accita,
Ao Monarcha do Povo Lusitano,
Como tributo, e feudo se sugueta:
Em primeiro penhor do soberano
Intimo laço de amizade estreita,
Piloto lhe darei sabio, e prudente,
Que a frota leve intacta ao claro Oriente.

Pois chega ao meio da carreira a escura
 Noite no carro de ébano sentada,
 E da abóboda azul, brilhante, e pura
 Já vai descendo a Lua prateada:
 Do somno no regaço, e na doçura
 A fragil natureza atormentada
 Podeis ir reparar, Barão prestante,
 Até que o Mundo aclare o Sol radiante.

Disse o Príncipe exelso, e de alegria
 O Capitão fortissimo inundado,
 Dos vergeis amenissimos sahia
 Em demanda das náos no mar salgado:
 Por leis expressas, que do Rei trazia,
 Ficar na terra estranha lhe he vedado,
 Antes que a Armada undivaga co' a prôa
 As praias não tocar da terra Eôa.

Aos baixéis se dirige, e a linfa fria
 Dos compassados remos he cortada;
 Da liquida campina reflectia
 A froxa luz da Lua desmaiada:
 O ar em torno todo se cobria
 Dos tremulos foguetes, que, da armada
 Subindo, vem cair nos turvos mares,
 E enchem de assombro os Melindanos lares.

C A N T O VIII. 193

Inda mal dos balcões do claro Oriente
A matutina Aurora despontava,
Já nos Sadós a leda, e estranha gente
A ver os Lusos hospedes vogava:
O Rei, buscando o Capitão valente,
Em doirada almadia á não chegava,
Que, em signal de respeito, e acatamento,
C'o bronze atrôa o humido Elemento.

Subia o Rei, dos seus acompanhado,
E o Gama a recebello sahe gostoso;
De tudo quanto vê como espantado
Co' as mãos tactêa o bronze bellicoso:
Robusto velho traz comsigo ao lado,
De olhar profundo, aspecto magestoso;
He Moaleria Caná sabio, e prudente,
E nauta affeito aos mares do Oriente.

Dos annos sente o pezo; e a penteada
Barba no largo peito lhe descia,
Na cabeça huma gorra foteada
De seda, ao modo Oriental, trazia:
A liquida carreira dilatada
Do mar na assidua prática sabia,
E de Melinde ao Malabar adusto
Da monção tem marcado o tempo justo.

Mas em quanto não sopra o brando vento,
 Por cima d'alta terra do Occidente
 Levantar manda o Gama hum monumento
 Sobre huma rôcha aos mares eminente:
 Padrão do Luso, nobre atrevimento,
 Que nos futuros seculos á gente
 Desperte, ayive a perennal memoria
 D'huma acção, que inspirou o amor da gloria.

Marmorea, alta columna se levanta,
 Eterno, honrado obelisco, mais glorioso
 Que esses, que o pé dos seculos supplantam
 Nos cegos areias do Nilo undoso
 Que esses, que antiga Musa exalta, e canta,
 E em si retrata o Tibre victorioso,
 Que esses, que o forte vencedor de Pella
 Pôz nas ruínas da arrazada Arbella.

Mas já sopra va por rução tendente
 O desejado vento, que encrespando
 A azul campina do Oceano ingente
 Bate nos mastros socegado, e brando
 Eis dêo signal o bronze á Lusa gente,
 Que o panno vai das vârgas desfaldando
 C'o ferreo pezo o cabrestante gomo
 E Moaleza Caná, tonta o lemo.

Ao pavoroso som da artilheria
 Do nauta affeito o grito se mistura ;
 Em turbilhões o fumo ao ar subia ,
 E tapa a luz do Sol serena , e pura :
 Da reoncava agreste penedia
 Resahe hum écho , que nō ar murmura ;
 Larga de todo a armada venturosa ,
 Foge-lhe a terra na planice undosa .

Manda o sabio Piloto ; e no Oriente
 Experto punha a prōa levantada ;
 A agua rompida da Europea gente
 Rolos de espuma ergueo como affrontada :
 A furia em fim depunha o mar fremente ,
 E ás atrevidas náos aplina a estrada ;
 Nem mais raivoso o sibilante vento
 Turvar se atreve o humido Elemento .

Erão vinte e dois Soes em fim passados
 Depois que os nautas invenciveis fendem
 Mares por elles nunca devassados ,
 Que desde a Libya ao Malabar se estendem :
 De Moalém , que os ares dilatados
 Sempre especula , os navegantes pendem ;
 Que visto só na incognita vareda ,
 Nunca de hum fixo rumo as náos arreca .

De estrellas recamada a noite umbrosa
 O negro manto estende, e a sombra fria
 Pela planice da campina undosa,
 Trazendo o doce somno, se estendia:
 A mareante chusma cuidadosa
 Se reparte na próvida vigia;
 E o forte Gama por pequeno espaço
 Entregava ao repouso o corpo lasso.

Eis que hum clarão de laminosa chamma
 Aos vigilantes olhos se offerece;
 Tantas sentelhas fulgidas derrama,
 Que mais que o dia a noite resplandece:
 Sahe da luz huma voz, que brada, e clama,
 E logo ao forte Capitão parece,
 Que o protector Infante divisava,
 Que de novo outra vez dos Ceos baixava.

Henrique sou, (lhe brada) ó Lusitano,
 Do Motor sempiterno a ti mandado;
 Hoje á baliza do poder humano,
 Atraz deixando os outros; tens chegado:
 E mais que ao Grego, e vencedor Romano
 Para ti foi propicio immobil Fado;
 Contento desço de meu throno etherio
 A ver contigo o Indico Hemisferio.

C A N T O VIII. 197

Apenas no Horizonte assome o dia ,
Verás da India a terra dilatada ,
Do Malabar a vasta Monarchia
Por trabalhos insolitos buscada :
A Providencia sobre ti vigia ,
Hoje põe termo a empreza sublimada ;
Por concelho de hum Deos sabio , e profundo
Vai ter hum noyo aspecto , e estado o Mundo.

De barbaras Nações a fortaleza
Do mar nunca antes visto , os Potentados ,
Do Evangelho seguindo a tocha acceza ,
Serão aos torpes Idolos roubados ;
E da nodoa , que avilta a Natureza ,
Nas aguas salutiferas lavados ;
E das Trevas o Principe potente
Verá quebrado o sceptro do Oriente.

Começão de brotar frondosos louros ,
Que hão de ennastrar co' a rama verdejante
A frente augusta dos Heroes vindouros ,
Da Asia o terror , co' a espada fulminante :
Os Turcos , Persas , refalsados Mouros
Verão pizado o barbaro turbante ,
E de Bizancio pávido o Tyranno
Curva o pescoço ao jugo Lusitano.

Eia , surge , pois rompe a luz serena
Da matutina Aurora desvelada ,
Verás os montes , e a marinha amena
Da estranha terra tanto desejada :
Manda as vélas tomar na liza antenna ,
Que ao termo chegas da penosa estrada ;
As graças rende ao Ceo da alta victoria ,
Ao Ceo , sómente ao Ceo se deve a gloria .

Qual nuvem , que dissipa , ou leva o vento ,
Se desfez a visão ; e o perturbado
Gama , alongando a vista ao Firmamento ,
O vio co' a luz da Aurora roxeado :
Todo se amostra o liquido Elemento
Na azul planície immensa socegado ,
E nos remotos limpos horizontes
Mais , e mais vão surgindo aerios montes .

Sobre a tolda o Piloto diligente
Descortina co' a vista os livres ares ,
E subito bradou ledó , e contente :
Terra , terra , eis defronte os Malabares .
Ao brado festival a Lusa gente
Em chusma ao bordo açode , e os vitreos mares .
Sente já , que de perto rebentavão ,
E os montes mais , e mais se aproximavão .

C A N T O VIII. 199

Quando de todo o rosto scintillante
 Do Sol se descobrio, e a Lusa armada
 A terra pôde ver pouco distante,
 De bosques, de palmares assombrada;
 Repentino clamor pela orizonte
 Transparente campina dilatada
 Subito sôa, e pranto enternecido
 Dos Ceos acceito foi, dos Ceos ouvido.

Encurvando o joelho o invicto Gama,
 Para os Ceos as mãos tremulas levanta:
 Oh Supremo Senhor! (dest' arte exclama)
 Sejais bendito em maravilha tanta!
 Mortal, que em vós confia, e que vos ama,
 Perigos vence, obstaculos supplanta;
 E de vós escudado o Barão forte,
 A fortuna escarnece, e affronta a morte.

O pranto supre á voz... eis branca arêa:
 Da longa costa proxima se via;
 De possantes baixéis coalhada, e chea
 De Calecut reconcava bahia:
 As brancas vélas subito marêa
 O nauta Guzarate, e, a lynfa fria
 Cortando, ao som do bronze pavoroso,
 Lança o ferro pezado ao pego undoso.

FIM DO OITAVO CANTO.

*G A M A.***CANTO NONO.**

MAL déra fundo a peregrina armada,
Disparando a Vulcana artilheria,
Por entre a luz sulfurea esbrazada,
Por entre o fumo, que em montões subia,
A marítima chusma alvoroçada
A nautica celeuma aos Ceos erguia;
A' praia acode apinhoado o povo,
Extatico de assombro estranho, e novo.

As alterosas náos considerando,
Quaes não vírão té alli nos patrios mares,
Vinhão dos montes para o mar baixando
Em turba immensa os pardos Malabares;
Co' as mãos o ouvide timidos tapando,
Quando o trovão sulfureo atoa os ares;
E quanto havia no encurvado porto,
Em profundo silencio existe absorto.

Não se atrevia a imbelle Indiana gente
 A demandar a frota que chegava,
 Transida de pavor co' estrondo ingente,
 Que o écho estranho dos canhões dobrava:
 O Capitão magnanimo, e valente
 A terra o nauta Moalem mandava,
 Que ás attonitas gentes assegura,
 Que a paz lhes vem trazer, não guerra dura.

Hum soberbo escaler logo he lançado
 Ao mar por fortes braços diligentes;
 Já, de airosos mancebos esquipado,
 Corta c'o remo as ondas transparentes:
 Tóca'a praia tranquilla, e rodeado
 Subito foi das assombradas gentes,
 Que atraz de espanto hum pouco se retirão,
 Quando as armas, e o gesto aos Lusos virão.

O nauta Guzarate acena, e brada
 Ao povo espavorido que fugia,
 Que aguardasse, e sem medo, a alli chegada
 Gente, que só commercio, e paz trazia:
 Que inda que em aço, e ferro envolta, e armada,
 Não vem trazer á Índia a guerra impia;
 Com taes vozes então, menos medrosa
 O rosto volta a turba á praia undosa.

Eis d'entre o povo hum só , que se arreava
 D'alto turbante , e trages Mauritanos ,
 E no encurvado alfange se mostrava
 Ter visto a lúz nos campos Tingitanos ,
 Mais que todos extatico parava ,
 Vendo de perto os nautas Lusitanos ;
 Soltando a voz retida na garganta ,
 Para os nossos correndo , a voz levanta :

Oh gente ! oh gente invicta , a quem Natura
 Vizinha fez de meu paterno ninho !
 Que estranho caso , que fatal ventura
 Do globo em torno vos abriu caminho !
 Affrontastes a morte horrenda , escura
 Por tanto , e tanto mar n'hum fragil pinho !
 Agora vejo com terror profundo ,
 Que ao valor Portuguez he pouco hum Mundo !

Do Téjo , Minho , e Douro affugentastes
 Os filhos de Ismael com braço armado ;
 Com tanto esforço pela Libya entrastes ,
 Que o monte Atlante se inclinou d' hum lado :
 Jada era pouco a Libya , o mar talhastes ,
 Ficou por vós o mar avasallado ;
 Chegareis onde o Sol sepulta a rosta ,
 Se existe terra no Hemisferio opposta .

Socega hum pouco , e conta , que trazido
 Fôra da patria Orão pelo arenoso
 Estreito de Suez ao suspendido
 D' impio Profeta mausoleo famoso :
 Que acceito era ao Monarcha , e seu valide
 Entre os da terra rico , e poderoso ;
 Que posto o ferro Portuguez provára ,
 Os Portuguezes por instincção amára.

Alvorçado pede que o levassem
 Ao grande Capitão , que as náos mandava ,
 Que lá diria quanto desejassem
 Saber da Indiana terra , onde habitava :
 Que em sua fé seguros descansassem ,
 Que sua vida por penhor lhes dava.
 Trazem os Lusos com prazer o Mouro ,
 Da grande empreza alegre , e fausto agouro.

Nos ligeiros pangayos , mas distantes ,
 Os vem seguindo os Indios perturbados ,
 Grandes de corpo , baços de semblantes ,
 Quasi de vestes todos despojados :
 E vendo as altas náos , e os fulminantes
 Canhões ao longe , parão de assustados ,
 Em quanto o bom Monçade contente
 Sóbe , e se prostra ao Capitão valente.

A todos foi patente o que dizia,
Porque claro fallava a lingua Hispana ;
Prazer sublime , vívida alegria
Ouvir tal lingua junto á Taprobana !
Prudente o Gama , e pressuroso envia
O forte Cunha á Corte Soberana ;
Para o guiar o Mouro se apercebe ,
E precioso alfange em dom recebe.

Ao porto chegão , subito cercados
Forão de vaga multidão tamanha ,
Que a passos vagarosos , retardados ,
Apenas rompem pela gente estranha :
São aos regios Alcaçares levados
Té onde o povo absorto os acompanha ;
E o Grão Monarcha em tapizada sala
Entre armados satellites lhe falla.

Mancebo era o Monarcha , e lhe cingia
Toda a frente subtil sendal precioso ;
Recamada de ardente pedraria
Longa veste lhe cobre o corpo airoso :
O regaçado braço se atavia
De braceletes de ouro luminoso ;
Ajoelhado á esquerda hum velho estava ,
E adusta folha a mastigar lhe dava.

C A N T O IX. 205

Naires de hum lado; e d'outro se observavão,
Guerreiros todos de terçado, e lança,
No esquerdo braço escudos sobraçavão,
E a frente nua, oriental usança:
Junto ao Solio do Rei ambos chegavão,
O Portuguez de pé, e ao chão se lança
O Mouro, e sobre o peito a dextra punha,
E a mensagem do Luso assim lhe expunha:

Vós, Grão Monarcha, que excedeis em gloria
Quantos imperão na Indiana terra,
Que cingís tantos louros de victoria,
Quantas vezes brandís a espada em guerra,
Digno do nome, digno da memoria
Do santo Perimal, que o Olimpo encerra;
Sabei que o Fado vos conduz hum dia
O mais feliz da vossa Monarchia.

O Rei pod'roso da mais forte gente,
Que d'armigera Europa os campos ara,
Derradeira Nação, que o Sol ardente
C' o raio extremo, quando morre, aclara,
Ouvio de vosso nome a fama ingente,
Que só nos fins do globo expira, e pára;
Com mais que humano esforço abrindo os mares,
Amigo busca o Rei dos Malabares.

Que braço para vós! Vir demandando
 Vossa aliança o nobre Lusitano!
 A escura morte, os fados affrontando,
 E pondo hum freio ao tumido Oceano;
 A formidavel meta atraz deixando,
 Que pôz a Natureza ao esforço humano;
 Trazendo ao vosso dilatado Imperio,
 Como em tributo, os dons d' outro Hemisferio.

Não vem buscar, de inimigos perseguido,
 Armas, soccorros no longiquo Oriente;
 Eu mesmo, eu mesmo o vi, nunca vencido
 Domar as furias do Leão rompente:
 Fero Leão de horrisono rugido,
 Só menor em poder, que a Lusa gente,
 Que quando a espada fulgida levanta
 Os Tingitanos Campesões quebranta.

Sem rubor e não digo, o denodado
 Braço erguer em lhe vi na dura guerra,
 Vi a seus pés o Mouro subjogado
 Abrir-lhe as portas da Ampeluzia terra:
 Nas muralhas de Ceuta o levantado
 Pendão do Luso toda a Libya aterra;
 Arzila he sua, Tetuão, Trudante,
 E o Imperio estende além do immenso Atlantico.

Busca tão grande Rei vossa amizade ;
 E o forte Capitão , que o mar vencêra ,
 Busca acatar-vos , regia Magestade ;
 Ledo , e gostoso está , sómente espera
 Escutar vossa lei , vossa vontade ,
 E os dons trazer-vos , que o seu Rei lhe dêra ;
 E firmar com verdade , e segurança
 D' hum Reino , e d' outro a solida alliança .

Disse o Mouro fiel , e o Soberano
 Ao mensageiro Luso os braços dava ,
 Espantado de esforço mais que humano ,
 Que dos mares vencêra a furia bravac
 Comsigo deixa o forte Lusitana ,
 E logo o Jaaelita as náos mandava
 Dizer ao Capitão , que alegre o espanta
 Quando o seguinte Sol dêr luz á esfera .

Alvençada á armada se tornava
 Co' a fausta nova o Mouro , e já dei fria
 Noite a sombra pezáda s'entornava ,
 Já dos Astros o exercito sabia :
 Cançada o nauta ao sompo se entregava ,
 E o Gama para a acção se apercebia
 Com fasto , pompa , garbo , e gentileza
 Qual era digno de tamanha empreza .

Já começava de surgir a Aurora
 Nunca tão bella , tão serena , e pura ;
 Zefyro amante da Indiana Flora
 O ar em torno d' halitos apura :
 O Gama então convoca sem demora
 A maritima chusma forte , e dura ,
 Manda que em terço bellico se apreste ,
 Elle das armas fulgidas se veste.

Põe sobre o ferreo arnez a invicta espada ,
 Que ha de assustar o fulgido Oriente ;
 D' aureos galões , de plumas assombrada ,
 Soberba gorra lhe guarnece a frente :
 A adarga ao dextro lado pendurada ,
 E nas mãos o bastão forte , e potente ,
 E dos hombros , que o ferro lhe guarnece ,
 De fina seda a chlámyde lhe desce.

Entra assim no batel , que hia adornado
 D' altos toldos de sedas , e de pannos ;
 Do grande Capitão sentão-se ao lado
 Os mais gentís , e nobres Lusitanos :
 Já vão cortando o mar , que está coalhado
 Dos ligeiros Parás dos Indianos ;
 E , as ondas dividindo , o porto afferra
 O Gama em fim da suspirada terra.

Apenas pôz os pés na ardente arêa ,
(Fosse acaso , ou Decreto Soberano)
Sobre os eixos a terra balancêa ,
Foge della assustado o vasto Oceano ;
De negras nuvens todo o ar se arrêa .
Oh mysterio profundo , eterno arcano !
A Natureza o diz : e a India eu vejo
Tremendo á vista dos Heroes do Téjo .

Vejo Reinos , e Thronos abalados ,
Nações que arrastrão rigidas correntes ,
Vejo soberbos muros arrazados ,
De sangue humano tepidas enchentes ;
Fumantes cinzas , campos alastrados
De medonhos cadaveres algentes ;
Talvez que d'antemão no horror profundo
De ver tal quadro se resinta o Mundo !

Ricamente vestido espera o Gama
O Naire principal , que o Rei lhe envia ;
De toda a parte a voadora Fama
Os assombrados Indios conduzia :
Em torno a praia concava rebrama ,
Com festival estranha vozzeria ;
O Gama em aureo palanquim se assenta ,
E nos hombros de escravos se sustenta .

A Pandarane he subito trazido,
 Corte onde o grande Principe habitava;
 Tinha hum Palacio immenso, e guarnecido
 De hum cerrado vergel, que ao Sol vedava
 Da intensa luz o raio refervido,
 Que os campos, vales, montes abrazava;
 Vergel, que em torno os ares embalsama,
 E perfume aromatico derrama.

Ergue-se ás nuvens barbara estructura,
 E em columnas de porfido firmada,
 De estranha colossal architectura,
 Se eleva soberbissima fachada.
 Entrava o Gama, a vista na esculptura
 Das portas lhe ficou como enlevada,
 Notando que o cinzel ao vivo abriu
 Imagens, que na Europa ou lera, ou vira.

O Macedonio Herce se lhe apresenta,
 Que o Reino usurpa do infeliz Dario,
 Que de Poro as falanges afugenta
 Além do Hydaspe caudaloso rio,
 Que em toda a Asia dilatar intenta,
 E em todo o Globo injusto saheo;
 Ao raio horrendo da sanguinea guerra
 Muda ficou de susto, e espanto e terra.

Em fogaoso ginete ajaezado
 Hum Barão de outro lado apparezia,
 Co' as negras Aguias n' hum pendão dourado:
 Invenciveis Exercitos trazia :
 O verde Nilo, o Araxes indignado
 C' os aguerridos esquadrões rompia,
 As barbaras Nações do Hydaspe doma,
 O Hidaspe he termo do poder de Roma.

Qual n' outras eras o oppressor injusto
 Da liberdade, e raio de Mavorte,
 Que do Joven de Pela observa o Busto,
 E lhe inveja com lagrimas a sorte;
 Dest' arte ao Gama intrepido, e sem susto:
 Palpita o coração no peito forte;
 (Inveja honesta) lagrimas derrama,
 Volve aos Lusos a frente, e assim lhe exclama:

Ilustres Socios de tão nobre empresa,,
 Vede até onde as armas penetrará:
 Dos famosos Heroes, que a Natureza
 Com tamanhas conquistas assombrará :
 De seu valor immenso, e furtaleza
 Taes padrões entre barbaros ficarão ;
 Cumpre excedellos, já que a hum Lusitano,
 Do Grego he pouco a glória, e do Romano.

Mais não pôde dizer, que copia ingente
 De recatados Bramenes chegava;
 Cercão de roda o Capitão valente,
 E assim com elles no Palacio entrava:
 Chega onde o Samorim rico, e potente,
 N' huma camilha magestosa estava;
 Subito vendo os Lusos se alevanta,
 E a receber o Gama se adianta.

Ao lado do Monarcha então se assenta
 (Usança Oriental) n' huma almofada
 De riquissima tela, e a turba attenta
 Espera ouvir a insolita embaixada:
 O Mouro junto ao Gama se apresenta
 Por quem devêra ser interpretada;
 Turvado hum pouco o gesto, repetia
 O que na lingua Hispana ao Gama ouvia.

A virtude, Senhor, mais que a coroa
 Que vos adorna a magestosa frente,
 Que acclamado vos tem na terra Eôa
 Monarcha sem igual, sabio, e prudente;
 Que sobre as azas incançaveis vôa
 Da Fama desde o Indo ao Téjo algente,
 Obriga hum grande Rei, que pelos mares
 Busque o Reino feliz dos Malabares.

Por isto a vida confiando ao vento ,
 De Thetis vim cortando a vitrea estrada ,
 E vezes mil no tumido elemento
 Tive a vida de hum fio pendurada :
 De tanto mal eu tive vencimento ,
 E a terra vejo tanto desejada ;
 Que a voz do invicto Rei que me mandava ,
 No mór perigo mais valor me dava .

Em tudo he grande a terra Lusitana ,
 Nossas armas tu vês , nossos vestidos ;
 De quanto he dado á Natureza humana
 Somos no patrio Imperio abastecidos :
 Levados só da gloria soberana
 Nella buscamos premios merecidos ;
 Maior julgamos que o laurel da guerra
 Abrir no mar caminho á Indiana terra .

De hum Rei somos vassallos , que aprecia
 O que o Mundo de ti pública , e brada ;
 Elle a teu vasto Imperio nos envia ,
 He sua aquella poderosa armada :
 Verdades tão ingenuas te annuncia
 Esta carta do Rei co' a mão firmada .
 Erguido a beija o Capitão valente ,
 Depois a entrega ao Samorim contente .

Então nos aureos tectos levantados
 Se fez ouvir festivo murmurio,
 Qual entre os bastos cedros empinaes
 Produz, batendo as azas, Noto frio:
 Ao nauta invicto com sonoros brados
 Applauda o Mouro, o Idólatra Gentio;
 Sahe da sala o congresso numeroso,
 C' o Samorim só fica o Heroe famoso.

Mas nas Tartareas chammas não socega
 O Monstro opposto aos Fados soberanos;
 Volve na mente turbulenta, e óega
 Os não vingados recebidos damnos:
 Os ultimos ardís astuto emprega
 Contra os invictos fortes Lusitanos;
 Junto ao solio infernal duas furias chama,
 E nellas novos toxicos derrama.

Sahe do mais fundo Inferno a macilenta
 Inveja atroz, que a si se dilacera;
 De alheio mal se apraz, e se alimenta,
 E só na morte os impetos modera:
 Com ella sahe do Bárathro a cruenta,
 Embugada Calumnia horrenda, e féra;
 Os monstros mais crueis do pranto eterno,
 Té detestados no medonho Inferno.

Socios, (lhes brada, ardendo em ódio insano)
 Sempre unidos a mim, sempre a meu lado,
 Té quando alcei meu braço soberano
 Naquelle empresa a que se oppóz o Fado;
 Vêde como atrevido hum Lusitano
 A todo o Imperio meu se opponha armado;
 Já pôz os pés sacrilegos na terra,
 Onde aos altares meus declare a guerra.

Serão cinza os Pagodes, e as fulgentes
 Imagens a meu numen levantadas,
 A's mãos dos monstros impios, insolentes
 Na dura terra ficarão prostradas:
 Correi, livrai as infelizes gentes
 Das vís cadeias, que lhes são forjadas;
 Vós sois minha potencia, em vós espero
 Triunfar do inimigo activo, e fero.

Disse, e as Furias crueis se aparelhavo
 Para sahir do Bárathro profundo;
 De venenosos aspides toucavão
 Co' as mãos cruentas o cabello immundo:
 Das negras azas mortes derramavão,
 Sente-as, e treme vacillando o Mundo;
 Quasi que o Sol parou no espaço puro,
 E se envolveu n'hum véo medonho, e escuro.

Tapão co' as azas os purpureos ares ,
Por onde vão batendo o vôo ousado ,
E demandando os Indianos Lares ,
Chegão além do Gate alevantado :
Sentem dos Monstros a presença os mares ,
Todo o Globo a sentio como abalado ;
Sobre os eixos oscilla , e de tristeza
Pezada sombra enluta a Natureza.

Do Malabar a Corte ao longe vírão ,
Equilibrando as azas estridentes ;
No projectado mal prazer sentírão ,
Que apraz só mal aos monstros pestilentes :
Da espessa grenha da cabeça tirão
As venenosas lividas serpentes ,
Que derramando os halitos na terra ,
O facho accendem da sanguinea guerra.

De perto os Lusos a Calumnia espia ,
E envenenadas settas arremessa ;
De odios , enganos , a caterva impía
Na instavel plebe a referver começa :
Sagaz se occulta do clarão do dia ,
Da mentira se cobre escura , e espessa ;
Lança rumores turbidos confusos ,
Torna suspeitos os sinceros Lusos.

De ambigvas côres mascarada a frente,
 Muda de aspecto, muda de figura ;
 Com mais affinco da Agarena gente
 Envenenar o coração procurá :
 Odio antigo desperta , e cautamente
 Ao rancor já passado , outro mistura ;
 Molha os pinceis em tinta peçonhenta ,
 Em quadro iniquo os Lusos representa.

Não conheceis (lhes brada) os inimigos,
 Que vossos Pais, e estirpe despojarão
 Dos lares seus pacificos, e antigos,
 E além do mar na Libya os acossarão ?
 Não vos lembrais dos males, e perigos
 Que a Ceuta, Arzila, e Tangere levárão ?
 Eis os Leões indomitos, e bravos,
 Nunca fartos de victimas, e escravos.

Tem da Numidia os Reinos conquistado,
 Alardeando estragos, e ruinas,
 Julgão pequena a terra, e o mar salgado
 Cede, e se humilha ás triunfantes Quinas :
 Aos tyrannos opponde o braço armado,
 No começo arrojai prizões indignas ;
 Cobiça vil, e sordida avareza
 Motivo, e objecto he só dest' ardua empreza.

Taes a Calumnia tóxicos vomita
 No coração do Mouro cauteloso;
 Assim dissimulada o move, e excita,
 E assim lhe atêa o fogo revoltoso:
 A negra Inveja de outro lado irrita
 O Naire nobre, o Bramene ardiloso;
 Infensos todos, todos se conjurão,
 E dos Lusos Heroes o estrago jurão.

Clamão ao Samorim: Como consentes
 Do antigo Perimal na herdada terra
 Estas ferozes, refalsadas gentes,
 Que em disfarçada paz nos trazem guerra?
 Não de alliança vistas innocentes
 Seu duro coração, seu peito encerra;
 Pois não se affronta a morte, o vento, os mares,
 Por ver sómente o Rei dos Malabares.

Assim de Ceuta os muros levantados;
 Assim de Arzila as torres escalárão;
 Assim, transpondo os mares empoçados,
 Os innocentes negros cativárão:
 Da horrenda fome d'ouro atormentados
 Nos ermos areaes de Zara entrárão;
 E, não farto de gloria o vão desejo,
 Querem que o Mundo se sujeite ao Têo.

Dest' arte a horrenda Furia derramando
 O veneno subtil, no peito inspira
 Do voluvel Monarcha inerte, e brando
 Sustos, receios, sobresaltos, ira :
 Elle em sua mente o feito memorando
 De altos Heroes magnanimos admira ;
 Sua alma incerta, e timida vaguêa,
 Os Lusos préza, os Arabes recêta.

Sem tregoa os Mouros perfidos, traidores
 A sedições os barbaros excitão ;
 Já sem rebuço publicos clamores
 Mais, e mais os Idólatras irritão :
 Mortes, vinganças, extermínio, e horrores
 Contra os incautos Lusos premeditão ;
 Resolvendo em concelho atroz, profundo,
 Metter com feio engano as mãos no fundo.

Não determina o Principe aterrado
 Seguir do Mouro astuto a voz impia ;
 De virtude conserva o peito armado,
 Justo detesta a torpe aleivosia :
 De hum Bramene sagaz aconselhado,
 Consultar seus oraculos envia,
 Quem seja esta nação, e armada gente,
 Que fados traga ao lucido Oriente ?

Junto a Panane havia hum denso, obscuro,
 Antigo bosque de arvores copadas ;
 Nunca de braço humano, ou ferro duro
 Feridas forão , forão profanadas :
 Com sacrilego rito, e culto impuro
 Erão aos patrios Idolos sagradas ;
 Co' a triste sombra tanto horror inspirão ,
 Que as tristes aves dellas se retirão.

Melancolicos cedros corpulentos
 Estendem pelo ar troncos annosos ,
 Desprezadores dos tufões, e ventos ,
 Dilatão mais os ramos orgulhosos :
 Companheiros dos tristes monumentos ,
 Troféos da surda morte , os horrorosos
 Cyprestes augmentando a selva escura ,
 A luz espancão refulgente, e pura.

No centro de horror tanto hum levantado
 Antigo Templo está, que aos tutelares
 Genios do escuro Abysmo he consagrado ,
 Que julgão numes cégos Malabares :
 De bazaltico marmore lavrado
 Se eleva negra cupula nos ares ;
 Aqui Satán, que aos olhos se lhe esconde ,
 Em ambiguos oraculos responde.

Arder unica alampada se via
 Na pavorosa estancia , a cuja entrada
 O peito bate incerto , o rosto enfia ,
 E fica na garganta a voz pegada :
 Lugar vedado para sempre ao dia ,
 Só tem noite perpetua alli morada ;
 Na mais espessa sombra , e horror se occulta
 Triste Jogue que os Idolos consulta.

Quando do escuro Inferno os monstros chama
 O seio a humana victima trespassa ;
 Sangue no altar sacrilego derrama ,
 Que antes , impio , recolhe em ferrea taça :
 E accendendo depois sulfurea chamma ,
 Os palpitantes membros despedaça ;
 Sobre ella os lança , funebre offerenda ,
 Antes que a voz do Abysmo escute , e entenda . ;

Aqui mandava o Samorim se ouvisse
 O recondito oraculo do Fado ,
 E que o maior dos Bramenes abrisse
 O sanctuario ha seculos fechado ;
 Que ante os altares lugubres cahisse
 Misero escravo em victima votado ;
 E que dest' arte o nume Soberano
 Marque o destino ao nauta Lusitano.

Pelos atrios fatidicos entrava
 Trémulo velho, que a rugosa testa
 De preciosas infulas ornava,
 Co' a vista perturbada, a côr funesta:
 Na victima infeliz descarregava
 Duro golpe final co' a espada infesta;
 Na pyra o sangue fervido derrama,
 E com medonha voz o Inferno chama.

Qual em cavada, bruta penedia
 Retumba o écho do trovão ruidoso
 Quando o raio partindo a nuvem fria
 Fere o cume do Caucasos espantoso;
 Tal do fundo do Templo rebramia
 De cem trovões rebombo pavoroso,
 He precursor dos monstros que apparecem,
 O rosto esfria, as carnes estremezem.

Co' as secas mãos o Brament tapava
 Os olhos turvos, trémulo, aterrado,
 Quando Satán visivel se amostrava
 Dos conjuros, e victima obrigado:
 Oh Malabar! (bradava) oh Gente esorava!
 Oh Rei mesquinho! oh Reino desgraçado!
 Que me quereis, se a sorte, iniqua, e cega
 Em vós da morte os golpes descarrega!

Alliança firmais co' a altiva gente,
 Que jura aos golpes de fulminea espada
 Ver a humilde cerviz do vasto Oriente
 A ferreo jugo vergonhoso atada :
 Conserva, arrastra em barbara corrente
 O Mouro adusto, a Libya avassallada ;
 Tanto pôde a ambição, tanto o desejo
 De ver o Mundo ajoelhado ao Téjo !

Guerras, horridas guerras sanguinosas,
 Impias náos profanando os virgens mares
 Em sulfureas bombardas pavorosas
 Virão trazer a escravos Malabares :
 Vós, fugindo das gentes bellicosas,
 Vereis ficar em cinza os patrios Lares,
 Vereis cabir desfeito o antigo Imperio,
 E vossos campos vasto cemiterio.

Quanto o pujante mar correndo abrange
 No potente Indostão co' a lynfa fria,
 Quanto ha do Arabio seio á foz do Gange,
 E desde o Gange aos thálamos do dia,
 Desta gente cruel, e impia falange,
 Temendo a força, e impavida quadria,
 As leis acceitará, depondo a C'roa,
 Que lhe hão de dar os déspotas em Goa.

Quantos, rasgando o turbido Oceano,
 Apoz este hão de vir de ferro armados!
 De Ormuz primeiro, oh mágoa! o Soberano
 Terá de ferro os pulsos roxeados!
 Leão sanhudo, barbaro Tyranno
 Lhe ha de deixar os muros arrazados,
 E, mais veloz nos impetos que hum raio,
 Reduz a cinza o misero Sabaio.

Da Persia vòa de Malaca aos muros,
 Onde estandarte vencedor levanta,
 E obriga altivos Jáos, que em ferros duros
 Cheguem humildes a beijar-lhe a planta:
 Nem no berço da Aurora estão seguros
 Japões extremos de potencia tanta;
 Que a huma pancada do bastão sómente
 Tremem no quicio as portas do Oriente.

De balde a força de Bizancio armada,
 Coalhando os mares de Galés possantes,
 Quebrar procura na Asia agrilhoada
 Do Luso atroz as armas triunfantes:
 Piza da gloria a luminosa estrada,
 Calcando aos pés os inclytos turbantes,
 Até protesta com profano insulto
 Tirar o leito ao Nilo, a Méca o culto.

De estraços engrossando a fortaleza,
 Dictarão leis de injusto senhorio,
 Eis se prostra á bandeira Portugueza,
 Abrindo as portas torreadas, Dio:
 Nem serão méta á soberba empreza
 As turvas aguas do sagrado rio,
 Que onde pararão Gregos, e Romanos,
 Parar não sabem fortes Lusitanos.

Infeliz Reino, desgraçadas gentes,
 Se amais de Perimal a patria antiga,
 Opponde o braço aos males eminentes,
 Que esta nação vos traz, dura inimiga:
 Antes que forge barbaras correntes,
 Se o filho, o pai, a esposa vos obriga,
 As orgulhosas náos mettei no fundo,
 Livrai de feras tão crueis o Mundo.

Subito a luz se apaga, e os levantados
 Tectos do horrendo Templo retumbando
 Ficarão c' o trovão dos tristes brados,
 Que dava, emmudecendo, o Monstro infando:
 Logo de negros corvos infamados
 Voou da esquerda parte immundo bando;
 Seus grasnidos na selva escura, e fria
 Derão mais força á horrenda profecia.

Fica de susto o Samorim transido
 C' o pavoroso oraculo do Nume;
 Cre já no peito tímido embebido
 Da Lusitana espada o frio gume:
 Cuida escutar horrisono estampido
 Da ferrea pella, do sulfureo lume;
 Já lhe rebomba em torno a Marcia tuba,
 Sente o ferro, que os muros lhe derruba.

Escuta o Jogue, e quer que demorada
 Fosse com vãos pretextos, e apparentes
 Razões d'alta alliança a forte armada,
 E em terra illusos os Heroes valentes:
 Té que da Arabia na monção chegada
 Venhão cortando as ondas transparentes,
 Quaes costumavão vir, de ferro armados
 Lenhos, que infestão mares dilatados.

Mas a celeste Guarda, que vigia,
 Defende, escuda os fortes Lusitanos,
 Dos Ceos baixando, prompta lhe annuncia
 O mal que instava, os eminentes damnos:
 Monçaide fiel, sagaz espia
 Dos Brameões, e Rey perfidia, e enganos;
 Quanto o odio, a vingança, a inveja trama
 Prompto destobre, e vigilante ao Gama:

Não se perturba o General valente,
 Que prudencia, e valer conserva ao lado;
 Os aureos Paços busca diligente
 Do proprio esforço, e de cónstancia armado:
 Severo ao Rei declara, que a tendente
 Monção chamando-o está do mar salgado;
 Que se lhe diga em fim, se á Lusa terra
 Deve tornar da India em paz, ou guerra?

Resposta ambigua o Rei tornava ao Gama,
 Com que indignado, e fero ás náos voltará;
 E subito a concelho os nautas chama,
 A quem do Mouro as tramas declarava:
 Subitaneo furor se expande, e inflamma
 A Lusa gente, que armas só bradava;
 Junta os pelouros, os canhões assesta
 Contra a Cidade, e Maura turba infesta.

Mas o prudente Capitão modéra,
 O furor dos intrepidos soldados,
 E só mais doce o tempo, e o ventô espera
 Para tentar os mares subjugados.
 Dos Bramenes a turba horrenda, e féra
 Já teme os Lusos, que descobre armados;
 Do torpe Moura a inveja, em odio accesa
 Recêta que das náos lhe escape a preza.

Quanto suor, que sobresaltos custa
 Hum nome illustre, hum feito sublimado!
 Na balança de Astréa eterna, e justa
 He mil vezes com lagrimas pezado:
 Nem cinge dos Heroes a frente Augusta
 Louro; que o sangue não tiver banhado:
 Nem se franquea o Templo da Memoria
 Sem crua guerra, ou inclyta victoria.

Das antenas pendia o solto panno,
 Que batido dos Zefyros ondêa;
 Co' as ancoras a pique o Lusitano
 Já se lhe antolha, e vê do Téjo a arêa;
 Nem as furias do indomito Oceano,
 Nem tempestades, nem tufões recêa,
 Pois vem mostrar da Europa á absorta gente
 Signaes do visto, e descoberto Oriente.

Eis que enfunadas vélas apontavão
 No horizonte da vitrea incerta estrada,
 E pelos ares tremulos voavão
 Pendões, bandeiras de potente armada:
 Já os nadantes torreões entravão
 Na foz da extensa, placida enceada,
 Quando da terra em curvas almadias
 Os Mouros vem cortando as ondas frias.

Era o feroz Timoja, que assustava,
 Destemido Pirata, o mar undoso;
 Que a si Leão das ondas se chamava,
 Com cem victorias tumido, orgulhoso;
 Que desde o seio Persico infestava
 Quantos Reinos circunda o mar bramoso;
 Nelle esperava o Rei, nelle confia
 Dar complemento á horrenda aleivosia.

Oito possantes vélas commandava
 O espantoso Timoja, e guarnecidas
 As traz de Turca soldadesca brava,
 Terror dos mares, e nações vencidas:
 Quatro boiantes náos juntas armava
 Com torcidos arpéos de ferro unidas;
 Deste nadante torreão da morte
 Vibrava oúsado os raios de Mavorte.

Batidos bramem horridos tambores,
 Produz-se o som nos mares empolados,
 Do Sol reflectem vivas refulgences
 No ferreo arnez, nos elmos emplumados:
 Cercão em torno os fortes contendores
 De hum lado, e d'outro os lenhos torreados;
 O mar com tanto pezo oppresso geme,
 Das armas go rebombo a terra treme.

Prestes estava a alvoroçada gente
 A desfaldar o panno ao leve vento,
 Voltando a prôa ao rumo do Occidente,
 Cançada já de longo apartamento:
 Novo trance fatal, perigo ligente
 Lhe traz o Rei do Reino do tormento;
 Ultimo raio fulminar medita,
 Que, do Ceo defendido, o Luso evita.

O coração tranquillo aos Céos erguia
 Cheio de esforço o Gama, e assim bradava:
 Soccorro, ó Providência eterna, e pla!
 E o soccorro do Ceo prompto baixava:
 Para o combate atroz se apercebia;
 E já Victoria os louros lhe ennastrava;
 Portentoso troféo, primeira c'roa,
 Que á Lusa frente tecê a terra Eoa:

Prompto manda investir co' a fluctuante
 Torre, que do mar azúl correndo talha,
 E a Lusitana Juventude ovante
 Leda se apresta á fervida batalha;
 E com seguro intrepido semblante
 Pelos postos belligeros se espalha,
 Fortes carretas e os canhões gemião,
 E ao som da tuba horrenda as fúas cretao:

Como em Flegra, se diz, que impios Gigantes
 Ignipotente Júpiter prostrára,
 E nas bases dos montes fumegantes
 Raios, raios lançando os sepultára,
 E dos blasfemos monstros arrogantes,
 Quasi escalado, o Olympo libertára;
 Tal, disparando horrisonos pelouros,
 Lança o Gama no abysmo as náos, e os Mouros.

Sobre os montes de longe os Malabares
 Vêm, passados de susto, o enovelado
 Salitroso vapor toldando os ares
 De labaredas subitas rasgado.
 Cuidão que infesto Nume abraze os mares,
 Que estale, ou caia o Ceo precipitado,
 Que soltas dos grilhões do fogo eterno
 Sáião as Furiás do medonho Inferno.

Timoja entre cadaveres prostrados
 Anima os seus, que timidos paravão;
 Do nunca ouvido estrepito assustados
 As lanças já sem força arremeçavão;
 Já, não homens, mas Tigres denodados,
 Co' a fortaleza aquatica atracavão
 Os Lusos, já calado o fogo ardente,
 Tirão da cinta a lamina fulgente.

Entrou primeiro o Gama; e apoz Veloso
 Entra o bravo Pacheco, e Cunha ousado,
 Menezes corre forte, e valoroso,
 E extremos obra de gentil soldado;
 Em rios corre o sangue, atro, espumoso,
 Já cede o campo o Mouro desarmado;
 Ou curva se golpe a tímida cabeça,
 Ou de pavor nas ondas se arremeça.

Não vio Leucate na passada idade
 Tanto ferver a guerra sanguinosa,
 Quando abatida a régia magestade,
 Fugio da morte a Egyptia desditosa;
 Quando do globo a inteira potestade
 Disputa Augusto na planice úndosa;
 Nem tantos pôde ver Farsalia estragos,
 Nem vio de sangue borbulhar mais lagos.

Nelles de hum lado, e d' outro fumegantes
 Aboláo quasi os corpos destroncados;
 Cahem decepadas frentes arrogantes,
 Que inda deixáo no meio os ais truncados:
 Tinem as duras lãminas brilhantes,
 De corpo a corpo, os esquadrões cerrados;
 E por onde rompia o invicto Gama,
 Caminha a Morte, que o tórreo derrama.

Nunca a vulgares victimas attende,
 Timoja só procura, outros despreza;
 Qual Aguia Imperial, que as nuvens fende,
 Se peja de empolgar mesquinha preza:
 A vista em torno bellicoso estende,
 Onde a peleja he crua, a guerra acceza;
 Vê Timoja, que impavido, arrogante
 Mata c' o ferro, assusta c' o semblante.

Persico alfange esgrime, e denôdado
 Hum golpe só sem morte não vibrava;
 De nobre sangue Portuguez banhado
 Co' a voz, c' o exemplo os Mouros animava:
 De fino arnez Arabico forrado
 No esquerdo braço o escudo sustentava;
 A contemplallo o peito desfalece,
 Na voz blasfema Capaneo parece.

Qual o Leão Numidico ferido
 Do Mouro caçador co' a lança dura,
 Que a cauda bate, e a grenha, e enfurecido,
 Deixando os outros, o agressor procura:
 Tal corre o Gama forte, e destemido
 Por entre immensa turba imbelles, e escura;
 Vertido sangue a furia lhe augmentava
 Quando se soberbo Campião chegava.

Aprende, ó monstro! a conhecer a espada;
 (Lhe diz, parando, o Capitão valente)
 Que, da justiça, aos gritos provocada,
 Sabe punir a audacia do insolente:
 Está dos Fados immortaes guardada
 A impor o jugo aos Reinos do Oriente;
 Eu vim trazer a paz á Indiana terra,
 Pois guerra queres, aqui tens a guerra.

Disse, e qual raijo que de hum Ceo nublado
 Cabe, despedaçado, escacha hum cedro annoso;
 Tal em Timoja de pavor cortado
 A morte cabe do braço vigoroso:
 Quer levantar o alfange, e perturbado
 Da morte envolto em ruído payoroso,
 Entre espumante sangue que derrama,
 Vacilla, treme, expira nos pés do Gama.

Morreo Timoja a turba espavorida
 Cortada fuge ao ferro Lusitano,
 Cuidando os restos conservar da vida
 Salta sem tino ás ondas do Oceano:
 Foi a nadante má quina comida
 Da chamma ardente do feroz Yulcano;
 A's náos se recolhe a gente vencedora,
 E os pendões da victoria alegre arvera.

Vinha estendendo a noite em manto escuro
 De safiras eteras faldado,
 Chamando ao somno placido, e seguro
 Da illustre lide o vencedor lançado:
 Eis se avista no espaço immenso, e puro
 Triste hum signal do Imperio necado;
 Rubro accezo Cometa, e ensanguentada
 Luz se mostra em effluvio de ogada espada.

Pelos ermos indians remonta
 Ao mais alto da aboboda inzente,
 Voltando sempre a ensanguentada ponta
 Aos vastos Reinos da fadada Oriente:
 Do flammigero Sol ao occaso aponta
 Com matri-verena, e aintilante frente
 A cujo aspecto o Naine, e o Moura atamando
 Julga ver a catástrofe do Mundo.

Em quanto nos Cios ocultas alongando
 Vai o Gentio extatico da terra,
 Inda volve os prantos, e inda chorando
 O duro ensaio da primeira guerra;
 Rompe o silencio humo Bramar, agitando
 Com triste voz, que nos indians a terra:
 Attende, attende ao desgraçado gente,
 Ao pradio de hum mal prompto, e eminente.

Eis o momento funebre prescripto
 Pela inflexivel lei do immobil Fado,
 Com negro sangue, e lagrimas escripto
 No livro aos olhos dos mortaes vedado:
 Em que aos Decretos de hum Monarcha invicto
 Deve prostrar-se o Malabar domado;
 Infeliz Samorim, teu sceptro entrega,
 Que o teu final periodo se chega.

Olha nos Ceos a espada coruscante,
 Ah! de quantas catastrofes presaga!
 Vejo hum rio de sangue fumegante,
 Que o Malabar cativo innunda, e alaga!
 Já corta o mar em lenho fluctuante:
 Quem com soberbo pé tua fronte esnaga.
 Ah! suspende a ruina, as leis acceita,
 Ao Luso Imperio humilde te sujeita.

Disse, e quasi expirou, cahio tremente,
 Subito sôa estranha vozzeria;
 Envolta em susto, em luto a inculta gente
 A recusada paz ao Rei pedia:
 Apenas foge a noite, e no Oriente
 Começou de assomar brilhante o dia;
 O Monarca assustado ás náos despede
 Hum Bramane, que a paz supplica, e pede.

Em ligeiro Parão leva arvorado
 O estandarte de paz , e a azul corrente
 Subito corta o remo compassado,
 Pára , e de longe brada á Lusa gente :
 Ao conto de alta lança recostado ,
 Ao bordo chega o Capitão valente ,
 Tranquillo scena ao mensageiro adusto ,
 Que prestes sobe com respeito , e susto.

A frente ao peito inclina , e logo alçando
 A voz hum pouco tremula , dizia :
 Escuta' , excelso Heroe , com gesto brando
 O que a dizer-te o Samorim me envia :
 Sei que perfidia , que attentado infante
 Já da paz , da alliança te desvia ;
 Pois sabes castigar sendo offendido ,
 Usa tambem piedade c' o vencido.

O Rei do Malabar teu jugo acceita ,
 E ao grande Rei da Lusitana terra
 O Império , o sceptro , o throno hoje sujeita
 Com laço sempiterno em paz , e em guerra ;
 E já de todo a tímida suspeita
 De seu ingenuo coração desterra ;
 Da singela verdade , que protesta ,
 Não davides , Senhor , que a prova he esta.

C' o joelho encurvado, e o offerece
 Aureo cofre requintado eravado
 De opálos, e rubins, que resplandescem
 Qual brilha o Ceo d'estrellas zacamado
 Aos Lusitanos olhos apparece
 O primeiro tributo, que humilhado
 Do antigo Perse e Ippotes, hoje ruinas,
 Deve offerir as Lusitanas Quintas.

O patete Diploma ao Gama entrega
 Em caracteres Arabes lavrado;
 A' boca humilmente applica, e chega,
 C' o rosto hum pouco para o chão voltado
 Na fatal escriptura alegre péga,
 Que punha a c'ra ao feito sublimado;
 E ouvindo em torno a Luta companhia
 Ao Bramane deat'te respondia.

Vai, diz ao Samorim, que esses thesouros,
 Que me manda offerir como assustado,
 Não valm tanto como os nobres louros,
 Que em francez tão fatado tenho ganhado.
 E saibão torpes, caviloses Mouros,
 Que eu não cortei por oite o mar salgado;
 Pois na difficil gloriosa empreza
 Busco a gloria da Patria, e não riqueza.

CANTO IX. 239

~~Ao poderoso Rei dos Malabares~~

Hoje concedo a paz firme, e segura,

E da verdade eterna nos ares

As mãos eu ponho, minha boca o jura:

Ficai tranquilos nos páternos lares

Que eu vou de novo pela lynfa pura

Levar do Têjo ~~o tributo do Oriente~~

O tributo, o signal do achado Oriente.

FIM DO NONO CANTO.

G A M A.

CANTO DECIMO.

ESTENDEO finalmente a noite umbrosa
 Ultima o véo de estrellas reçamado,
 E, já tranquilla, a gente bellicosa
 Ao somno entrega o corpo trabalhado;
 Sabendo já, que a estrada perigosa
 Deve outra vez cortar do mar salgado,
 Apenas roxa Aurora humida, e fria
 Abrir co' as niveas mãos a porta ao dia.

Tambem da lida trabalhosa, e dura
 Hum pouco o Gama invicto repousava,
 Ao meio da carreira a noite escura
 No triste carro de Ebano chegava:
 Eis que em novo clarão nova figura
 A seus despertos olhos se amostrava;
 Turva-se hum pouco o coração no peito
 C' o desusado, nunca visto aspeito.

Os pés descalços traz , e a vestidura
 Como de sangue vinha borrifada ,
 Cerca-lhe o rosto luz serena, e pura ,
 E tinha a barba intonsa , e dilatada :
 Traz hum livro nas mãos , traz a cintura
 De aspera corda , ou cingulo apertada ;
 Calva a frente rugosa , austero , e grave
 O portamento tinha , a voz suave.

A profética voz , que hum doce accento
 Fez escutar ao Capitão turvado,
 Echos celestes , que o ligeiro vento
 Nos ares deixão prezo , equilibrado :
 Oh Lusitano illustre ! Eis o momento
 (Lhe diz) nos livros eternas marcado ,
 Em que te ordena hum Deos tres vezes Santo ,
 Que o Têjo vás , e a Europa encher d' espanto.

Quem és tu , que me bradas ? (lhe dizia
 Extasiado o Gama) E's por ventura
 Vaga illusão da vaga fantasia ,
 Ou sonho vão , que trouxe a noite escura ?
 Sonho aerie não sou , que a ti me envia
 O que impera dos Ceos na estancia pura :
 Eu me chamo Thomé , no Emyrees moro ,
 Apostolô de hum Deos , que sirvo , e adoro.

A Santa Lei, que salva a creatura
 Do tormentoso imperio do peccado,
 E a victima innocente, eterna, e pura,
 Que a justiça aplacou de hum Deos irado,
 Aqui préguei; tranquilla sepultura
 Aqui teve o meu corpo, em pó tornado;
 C' o ferro de huma lança extincto, exangue
 O Evangelho de hum Deos firmei c' o sangue.

Amo a barbara terra, e pois franquêa
 Nova estrada o Immortal ao extenso Oriente,
 Da antiga Idolatria horrenda, e fêa,
 Quer abalar o Imperio prepotente:
 Messe de Justos sazoadada, e chêa
 Colhêr aqui destina o Omnipotente;
 Para acabar, cumprir o eterno arcano
 Em toda a terra escolhe o Lusitano.

Outra vez despregando-se o estandarte
 Da Sacrosanta Cruz nos livres ares,
 Onde primeiro o Sol sua luz reparte,
 Ver-se-hão do Novo Testamento altares:
 E desde lá correndo á extrema parte,
 Que inda escondem no seio ignotos mares,
 O Luso, executor do alto conselho,
 Irá plantar a tocha do Evangelho.

Mais que o de Roma Imperio dilatado
 Eterna Providencia vos destina
 Nos climas onde for por vós levado
 O brilhante clarão da luz divina:
 Vê, Capitão magnanimo esforçado,
 Que extensissimos terminos assigna
 O Supremo Senhor do assento etherio
 Nesta porção do Mundo ao Luso Imperio.

Disse, e comsigo extatico levava
 Pelos espaços fluidos o Gama,
 E as socegadas regiões trilhava
 Acima donde o raio arde, e se inflamma;
 Aqui se supendia, aqui parava
 O conductor celeste, e assim lhe exclama:
 A prumo estamos sobre o rubro seio,
 Por onde o Povo de Israel já veio.

Vê no golfo da Persia o muro erguido
 Da populosa Ormuz, que senhora
 Quanto de hum lado, e d'outro enfurecido
 O mar da Arabia, e o Percieo tornêa:
 C'os passados trofeos desvanecido,
 Inda de antigos titulos se arrêa;
 Do annel do Mundo he pedra, e, já desfeita
 De hum golpe só, do Luso o jugo acceita.

Se os pés ao ferreo cepo a Persia entrega,
 Eis sobre a força Arabica indomada,
 Qual o raio veloz, chammeja, e chega
 Golpes mortaes vibrando a Lusa espada:
 Se a forte Baçorá resiste, e nega
 Ao formidavel vencedor a entrada,
 Elle a leva de hum golpe, arraza, e abate
 C' o mesmo golpe a mercantil Mascate.

Olha agora a arenosa, extensa praia,
 Que á foz do Indo corre, e se adianta,
 Onde opulento o Imperio de Cambaia
 A fronte soberbissima levanta:
 Ao ver o Luso intrepido desmaia,
 E, tremendo, aos grilhões entrega a planta;
 Abre-lhe as portas Dio, e alcivosia
 Badur c' o sangue derramado expia.

Olha do Hydaspes a aurifera ribeira,
 Onde de Péla o Joven bellicoso
 A haste cravou da triumphal bandeira,
 E fez parar o exercito medroso:
 Termo aqui foi, baliza derradeira
 Do triste Póro ao vencedor famoso;
 Do Imperio Luso a força triunfante
 Daqui começa, e se dilata ovante.

Surrate , Baçaim , e a torreada
 Chaul invicta lhe franquea as portas ,
 Ao lampejar da fulminante espada ,
 Deixa o Luso as nações d'espanto absortas :
 Da orgulhosa Bizancio á força armada ,
 Quando , ó Guerrueiro illustre , os passos cortas ,
 A Damão , Cananor levas o estrago ,
 E cinzas ficão , qual ficou Carthago.

Onór , Batalalá vê já rendidas ,
 Bripur d'altas muralhas circundada ,
 Vê Coulão , Cranganor já destruidas ,
 E vê Dabul em chammas abrazada :
 Já de Coulete as torres abatidas
 Abrem ao vencedor de Goa a estrada ;
 Meále beija do Guerreiro a planta ,
 E em Goa o Throno Oriental levanta.

Cochim dos Lusitanos sempre amiga ,
 De Goa imperial ao Sul divisa ,
 Onde a soberba barbara , inimiga ,
 O Luso de hum só tiro arraza , e piza ;
 Em seu tranquillo porto as náos abriga ,
 Aqui se eleva , aqui se immortaliza ,
 Aqui primeiro tem seguro assento ,
 E o pendão nacional desprega ao vento.

Olha a ponta do cabo, que correndo
Vai para o Austro frígido indomado,
Onde o Oceano tumido batendo,
A's fortes náos retarda o passo ousado :
Do lado opposto o Reino vai correndo,
Onde o meu sangue fôra derramado ;
Vê Meliapor , que a minha sepultura
Dará patente á geração futura.

Olha a aprazível Ilha além defronte ,
De balsamicas arvores plantada ,
Como entorna o vapor pelo Horizonte
Da canella odorifera , e buscada :
No meio ás nuvens sobe alpestre montre ,
Onde dizem , que a planta assignalada
Foi do mortal primeiro ; incerta fama
Tal memoria entre os incolas derrama.

Vê do Pegú riquíssima , opulenta ,
Como se estende a grande Monarchia ;
No seio de seus montes se alimenta ,
E cresce , e brilha ardente pedraria :
Olha Orixá , que a fervida pimenta
Como feudo , e tributo ao Téjo envia ;
Olha Sião , que em campos abundantes
Nutre , apascenta enormes Elefantes.

Lá ferve o Ganges tumido cortando
 As dilatadas floridas campinas ,
 Na larga foz se espraia então mais brando ,
 Lá se mistura ás ondas crystalinas :
 Nestas ribeiras olha tremulando
 Entre excelsos trofeos as Lusas Quinas ;
 Aqui brotão robustas , e verdescem
 Palmas , que Estatuas dos Heroes guarnecem.

Olha o soberbo Imperio , alto , eminente ,
 Em throno de ouro , e perolas sentado ,
 A armigera Malaca , do Oriente
 Emporio rico , Emporio dilatado :
 Nunca de estranha força , estranha génte
 Em seu collo sentio jugo pezado ;
 Mas vende o fio á Lusitana espada ,
 Tremendo inclina a fronte avassallada.

Aqui nem Persas , Gregos , nem Romanos
 Co' as triunfantes armas penetrarão ;
 E nem dos Alexandres , ou Trajanos
 As falanges indomitas chegarão :
 O Eterno o determina , os Lusitanos
 Nem aqui mesmo intrepidos pararão ,
 Que termo he sé da Lusa Monarquia
 O Sol no occaso , e no seu berço o dia.

Na extrema ponta o Cabo Singapura
 Virão dobrar do Téjo os navegantes,
 Levados d'hum Tufão na sombra escura
 Novos mares verão, não vistos d'antes;
 Onde d'Aurora a luz brilhante, e pura
 Se mostra, hão de aportar baixéis triunfantes,
 Ajoelhando ás Portuguezas Quinas
 Os extremos Japões, e astutos Chinas.

Volve os olhos de lá para a enseada
 De Aynão, que o mar te mostra do Oriente;
 Aqui Liampó soberba, e torreada
 Aceita o jugo, e as Leis da Lusa gente
 Olha de terra a ponta dilatada,
 Onde Macáo levanta a illustre frente;
 Esta o termo do Imperio, o Imperio cerra,
 Não tem os Lusos que vencer mais terra.

Correndo o Norte, e o Sul do acceso Oriente,
 Quaes raios, ou relampagos fogosos,
 Inda estreito limite o Continente
 D'Asia ha de ser aos feitos valorosos:
 Nas Ilhas, que circunda o mar fremente,
 Inda irão levantar trofeos preciosos,
 Sunda, Borneo, Timor, Tidore, Java,
 E outras que o mar pacifico occultava.

Olha agora do Globo a parte ingente
 Nunca da Europa armigera sabida,
 Onde inda Joven Natureza a gente
 Tem nas barbaras sombras envolvida:
 Nesta grande porção, (cortando a algente
 Liquida estrada sempre entumecida)
 Para que abranja o duplice Hemisferio,
 Virá fundar o Luso immenso Imperio.

Vê rompendo de altissimas montanhas
 Hum rio feito hum mar, que busca os mares;
 D' hum lado, e d' outro barbaras, e estranhas
 Nações conservão domicilio, e lares:
 E se tanta extenção co' a vista apanhas,
 Debaixo do Equador corre milhares
 De estadios, e só perde a fama, e o nome
 Quando no mar immenso as aguas some.

Este se chama o turbido Orelhana.
 Vê outro além do Tropico correndo
 Quasi igual na riqueza; immensa, e plana
 Campina vem cortando, e em si trazendo
 O feudo d' outros mil: da Lusitana
 Gente primeiro visto, ao pego horrendo
 Chegando já, na foz se abre, e dilata,
 E nome eterno lhe darão da Prata.

Não vês enormes montes levantados
 Além das nuvens pelo espaço extenso?
 Espantosos volcões afogeados
 Arroirão fogo, e fumo escuro, e denso:
 Daquelles picos turbidos, nublados
 Hum, e outro Oceano observa immenso;
 Desde aqui ás Atlanticas campinas
 Inda hão de ter Imperio as Lusas Quinas;

Talvez maior que a Europa! Em throno de oiro
 Como sentada a mesma Natureza
 Extrahindo do seio almo thesoiro,
 No antigo Mundo entornará riqueza:
 Pasmado, absorto o seculo vindouro
 Da Lusitana insolita grandeza;
 Verá levado em extasi profundo,
 Que he quasi todo Portuguez o Mundo.

Qual em seu centro existe o Sol luzente,
 De luz enchendo o vasto Firmamento,
 Que a immensos Globos em distancia ingente
 Atrahe, regula, outorga o movimento:
 Assim Lysia na Europa armipotente
 Do grande Imperio seu tem firme o assento;
 De lá na Asia, na Libya, e opposta parte
 Armas, forças, e leis dicta, e reparte.

Tão illustres brazões serão ganhos
 A' força d'armas por Heroes prestantes,
 Quaes não vio Roma em seculos passados,
 Nem se hão de ver em seculos distantes:
 Seus nomes d'ante mão, vivem gravados
 Em bronze eterno, em marmores brilhantes;
 Entre os astros já vive a imagem sua,
 Onde a Gloria, a Virtude os perpetúa.

Eis lhe mostra gravada em refulgente
 Jaspe a imagem do Heroe, que o mar abríra.
 Apoz o Gama, a conquistar o Oriente,
 As treze náos possantes conduzíra:
 Que do vento impellido, e mar fervente,
 A recatada terra descobríra,
 Onde se salva, em seculos de crime,
 Hum Rei do Monstro atroz, que o Mundo opprime.

De hum novo Josué se lhe mostrava
 Tambem a effigie, que ennobrece o Mundo;
 Que em successivas lides destroçava
 O Malabar adusto, o Mouro immundo;
 Que o Samorim do Solio derrubava,
 E assusta a dura terra, e o mar profundo;
 Pacheco, que he do Imperio alta columna,
 Qual Belisario opprobrio da Fortuna.

Tambem de Nova invicto , e destemido
Observa o Busto , que apregoa a Fama ,
Grande no berço humilde , obscurecido ,
C' o louro dos Heroes a frente enrama :
Nova , engolfado em mar desconhecido ,
Leva a Cidades mil Vulcanea chamma ;
Raio da guerra , raio do Oriente
De coroa rostral circunda a frente.

Junto ao Busto em Pyramides erguidas
Estão gravados pelas mãos da Gloria
Os estandartes das nações vencidas ,
Trofeos de illustre , e perennial memoria ;
Nãos abrazadas , outras submergidas :
Equilibrada a imagem da Victoria ,
Parece que dos Ceos se lança , e desce ,
E de hum louro immortal o Heroe guarnece.

Dos dois famosos Scipiões na guerra
Os retratos observa , que inundados
Os campos deixão da Indiana terra ,
De montões de cadaveres juncados :
Em clima estranho o tumulo os encerra ,
Enchendo o Mundo de sonoros brados ,
Nas azas vão da Fama voadora ,
E por elles de balde o Téjo chora.

Mais acceso furor, mais nobre canto
 Traze-me, ó Musa, do celeste assento;
 Em extasis sublimes me levanto,
 Vou-me salvar de eterno esquecimento:
 Em maravilha nova, em novo espanto
 Entra do Gama o absorto entendimento,
 Quando o Busto observou do excelso, e forte
 Barão, que aos pés calcára o Fado, e a Morte.

Respira a Effigie gloria, e fortaleza;
 Numidico Leão só c' hum rugido
 Enche d' espanto toda a redondeza,
 E esmaga a frente ao Malabar rendido:
 A intonsa barba traz no cinto preza,
 De ferreas armas fulgidas vestido;
 Tem por braços no pedestal de jaspe
 Em cadeias o Indo, o Gange, o Hydaspes.

Com sangue das Cohortes bellicosas,
 Que o fero Turco indomito aparelha,
 Do vasto mar ás ondas procellosas
 Muda a côr azulada em côr vermelha:
 Do Cabo Guardafú co' as alterosas
 Náos vai correndo, rapida centelha;
 Sobre os muros d' Ormuz cahindo, arraza
 O Arabe, o Turco esmaga, o Persa abraza.

Sólta os vôos, qual Aguia, e sobre os muros
 Lá vai cahir da aurifera Maláca;
 Os Jáos valentes, os Achens perjuros
 Em subita peleja affronta, e ataca:
 Nem Malaios da furia estão seguros
 Namorada Nação timida, e fraca;
 Erma deixa a Cidade, e nella arvora
 Albuquerque o Pendão, que o Gange adora.

Qual o Eridano turvo, que abatendo
 Troncos, rochedos, tudo, o campo alaga,
 A carreira veloz jámais sustendo,
 Tudo co' as ondas tumidas estraga:
 Tal o Heroe de Malaca vem correndo,
 E a fronte altiva do Sabaio esmaga:
 De hum louro duplicado ennastra o c'róa,
 E firma o Throno Lusitano em Gôa.

Não mais, não mais do Joven bellicoso,
 Indomito Leão, que errica a coma,
 Com furia insana, e impeto espantoso,
 Arbella, Tyro, e Babylonia doma,
 Se lembre o nome; e o nome glorioso
 Do féro, injusto usurpador de Roma;
 Que d' Albuquerque impavido a memoria
 De tamanhos Heroes offusca a gloria.

Em pedestal de fulgido alabastro ,
 Ao lado seu , de palmas se corôa
 O forte , o grande , o temeroso Castro ,
 A quem Fama immortal hymnos entôa :
 Qual scintilla nos Ceos , qual brilha hum astro ,
 Entra em carroça triumphal em Goa ;
 Vai o Valor d'hum lado , e d'outro Astréa ,
 Que nas mãos d'he sustenta a Palma Eléa .

Apoz elle huma luz fulgente raia
 Como estrella n'hum Ceo nocturno , e frio ,
 Que , ao Rei soberbo da feroz Cambaia
 A cerviz humilhando , escala Dio ;
 Só de escutar-lhe a voz treme , e desmaia
 O Turco , o Persa , o Arabe , o Gentio ;
 Dêo-lhe jazigo o Fado em mar profundo ,
 Mas cheio fica de seu nome o Mundo .

Se do premio , e do louro a Sorte priva
 O Heroe , brazão de Lysia , honra da Terra ;
 Se a Inveja atroz , faminta , e vingativa
 Em quanto existe lhe declara a guerra ;
 A Fama imparcial seu nome aviva ,
 E da calumnia a sombra em fim desterra ;
 Entre os tardios pósteros resôa ,
 Lysia o nome de Nuno hoje abençoâ .

Dourado vulto logo se mostrava,
 Que aos pés prostrados tinha o Indo, e o Ganges,
 C' hum golpe só da espada afugentava
 Do Mogor fero indomitas falanges.
 O já convulso Império sustentava;
 Intimidando Arabicos alfanges;
 Era Atafide, que Cambaia abraza,
 E os altos muros de Parnel arraza.

Sobre humi throno do grande Constantino
 Eis apparece a imagem portentosa;
 Tem sobraçada escudo diamantino,
 Que oppôz do Achem á armada poderosa:
 Eis leva a guerra ao plano crystalino,
 E nem suspende a espada victoriosa,
 Sem que as Galés dos Turcos afugente,
 E a paz conceda aos mares do Oriente.

Aureo Busto do intrepido Sampaio
 Se lhe mostra de louros coroadó,
 A cujos pés o perfido Sabaio,
 Off'rece os pulsos ao grilhão pezado:
 Co' a mesma força, e impetos d' hum raio
 De extinctos corpos deixa o mar coalhado,
 Em Bacanor a Armada desbarçta
 Do Samorim soberbo, os Turcos mata.

Ao lado seu do intrepido Siqueira
 A excelsa effigie então se manifesta,
 Vai penetrando a Arabica ribeira,
 Do Turco mette a pique a armada infesta:
 A Lusitana, triumphal bandeira
 Leva de immensos esquadões á testa;
 E, rechaçando o Ethyope inimigo,
 De Candace descobre o Reino antigo.

Eis logo o vulto do immortal Soares,
 De Gangeticas palmas guarnecido,
 D'altas náos vai coalhando os turvos mares,
 E he, mais que todos, das nações temido:
 Este o soberbo Rei dos Malabares
 Deixou de todo ao jugo submettido;
 Este o primeiro á força Lusitana
 Fez que cedesse a fertil Taprobana.

Vê do grave Noronha o excelso Busto,
 Que até chegou co' as armas triunfantes
 Ao monte, onde o Senhor Supremo, e justo
 A Lei déra entre as chammas coruscantes:
 Ergueo seu braço intrepido, e robusto,
 Em Dio humilha os perfidos Turbantes;
 De seus baixéis c' o pezo os mares gemem,
 E as altas portas de Bizancio tremem.

Descobre os dois magnanimos Menezes,
 Hum, que em Ceuta mil louros tem ganhado,
 Lá vai, lá corre a levantar tres vezes
 De Ormuz nas torres o pendão sagrado:
 Outro, rompendo os rigidos pavezes,
 Com que entra em campo o Malabar armado,
 Mais victorias já conta em poucos annos,
 Que em muitos contão campioes Romanos.

Do grande Mascarenhas o semblante
 Vê respirando sanguinosa guerra,
 Que, apenas despe a espada lampejante,
 Os muros lança de Maláca em terra:
 Avassallando o pelagó espumante,
 Bintão com duro assedio opprime, e cerra,
 Té que nos pulsos os grilhões lhe lança;
 Hum nome eterno na victoria alcança.

Vê a effigie de Sousa, que hum traslado
 Na Asia se mostra do valente Marte,
 Infatigavel vai de ferro armado
 Erguer em Dio o bellico Estandarte:
 Esmorecido trema, ao vello irado,
 Da forte Onór o immenso baluarte;
 Emboca o Indo, o Indo retrocede,
 E Cambaia vencida o Imperio ceda.

Do sublime **Mendoça** a refulgente
 Estatua d'ouro fino descobria,
 Que ao Lusitano sceptro do Oriente
 Novas Ilhas, e mares submettia:
 Malucas, que produzem cravo ardente,
 Borneo, que o metal loiro, e a prata cria,
 Ignoto mar, cortando além da China,
 A seus pés o Japão se rende, e inclina.

Mas ah, que novo assombro, e novo espanto
 Entre tantos Heroes descobre o Gama!
 Sublime estatua, e roçagante manto
 Dos homens desce, em ondas se derrama:
 Entre todos maior se eleva tanto
 O Heroe nas azas immortaes da Fama,
 Que atraz os outros deixa, e vence, e doma,
 Quanto ao Mundo de grande ostenta Roma.

Da especie humana timbre verdadeiro,
 A quem a Honra, a Gloria immortaliza,
 Este o grande, magnanimo Ribeiro,
 Que a hum throno foi chamado, e hum throno piza:
 No pedestal da estatua aureo letreiro
 Entre fulgentes luzes se divisa:
 „Será Monarcha quem Fortuna escude,
 Não querer ser Monarcha he só virtude.

Mais illustres Barões o Soberano
Senhor (lhe diz o Apostolo) destina
Para exaltar o Imperio Lusitano
Da boca do mar roxo ao mar da China:
Nesta empreza sublime o esforço humano
Secundado será da mão divina,
Qual outr' ora Israel, que em dura guerra
Posse tomou da promettida terra.

Atraz se hão de volver as estridentes
Settas, que rompem d'arcos encurvados,
Os corpos de inimigos combatentes
Co' as proprias setas se acharão varados:
As duras costas voltarão trementes
Do Luso á vista os Arabes armados,
E o Ceo; para animar o Heroe triunfante,
Gravada em si lhe mostra a cruz radiante.

Segunda vez rompendo o turvo Oceano,
O sentirás tremer como assustado,
Quando á potente voz do Soberano,
Já não descobridor, fores mandado:
Será desfeito o exercito Ottomano,
Qual de Amalec outr' ora o Reino armado,
Quando entre nuvens rarefeitas veja,
Que por vós, junto a Dio, hum Deos peleja.

Esta a gloria futura , este o destino ,
Que Deos reserva á Lusitana gente ;
Escrito está no livro diamantino
Pelas mãos do Senhor Omnipotente :
Irás glorioso ao Téjo crystalino
Descobridor do recatado Oriente ,
Té que venhas trazer á Indiana terra
Paz aos humildes , aos soberbos guerra.

Debelarás os Turcos arrogantes ,
Infestas producções da Scitia fria ,
Que de Suez nos lenhos ondeantes
Virão cortando o mar por larga via :
De ferro duro as pélas sibilantes
Dispara contra a turba horrenda , impia ;
Nas guerras do Senhor sê justo , e forte ,
Irá diante de teu rosto a morte.

Mas ao Deos dos Exercitos sómente
De teus triunfos se atribua a gloria ;
Só elle he Grande , he elle Omnipotente ,
Elle a palma concede , elle a victoria :
E premio eterno , premio permanente
Terás depois da vida transitoria ,
Se , fugindo do luxo , e da cobiça ,
Fores pisando a estrada da justiça.

Derruba e vicia as grandes Monarchias,
 Elle converte os Reinos poderosos
 Em luto sempiterno, em cinzas frias,
 São nada os quatro Imperios orgulhosos;
 Virão (que espanto!) desgraçados dias,
 Em que as conquistas dos Herões famosos
 Pizem soberbos, temidos. Sembores
 As cruzes de Albion, de Hollanda, as côres.

Tempo, tempo ha de vir... não estantes
 Incultos areas da Libya ardente
 Com força immensa as Luas arrogantes
 Ah, que estragos fazem na Lusa gente!
 Lá vão, lá vão cadáveres boiannes;
 No rio, e quem o sangue engrossa e enchente;
 Expira, huz, Rei, e o Reino se sepulta,
 E na Asia immensa nunca mais avulta.

Qual de Roma no Imperio restabado
 Vem duros povos do gelado Norte
 Levantar sobre o throno avassallado
 Sangue, ruinas, extermínio, e morte;
 O rompente esquadrão de ferro armado
 Correndo vem da Europa astuto, ou forte;
 Seca-se a Lusa palma, expira a crôa,
 Novo, estranho, pandão tremula em Gôa.

Deixa confuso o Gama, e aos Ceos sobria
 Vaticinante Apostolo Sagrado;
 Então do sombo extatico sabia
 Co' a fatal scena o Capitão turbado:
 Foge a noite de todo, e rompe o dia
 Ha tanto tempo pelos Ceos marcado;
 Foi-lhe o vento bonança, o mar sereno,
 E volta (achada a India) ao Téjo areno.

Musa, suspende o vôo; assás corrido
 Temos huma mar extenso, e procelloso;
 Volve as velas ao porto appetecido,
 Sómente anhela huma naufrago o repouso:
 Talvez seja teu impeto applaudido
 Sobre a pedra do tumulto horroroso,
 Em que, pagando o feudo á morte irada,
 Minha alma volta a Deos, meu corpo ao nada.

Não recompensa vil, baixa, e terrena
 Me fez galgar do Pindo íngreme estrada,
 Na minha dextra não susteve a penna
 Do antigo canto a inveja envenenada:
 Privado d'alma luz doce, e serena
 Entre ferros a vida atormentada
 Foi meu alento divinal: Poesia,
 Como a Boecio o foi Filosofia.

Vós, Lusitana Estirpe, que da terra do Oriente
 Oriental já fostes a Senhora,
 Que já dictastes Leis em paz, e em guerra;
 Desde a margem do Téjo á roxa Aurora;
 Ponde os olhos no clima, onde se encerra
 A cinza dos Heroes, que a Fama adora;
 De lá ressurte luminosa flamma
 Que o ocio vil accusa, e ás armas chama.

Não deixeis, Lusitanos, esquecida
 Da vossa antiga gloria a antiga estrada;
 Eia, a Patria vos chama accommettida,
 De estranha força, e de sangrenta espada:
 Ah! não deixeis que murche a esclarecida
 Palma com sangue, e com suor ganhada!
 Vencedores no Indo, Hydaspe, e Ganges,
 Vencei no Tejo as barbaras falanges.

A Rainha das aves, se do etherio
 Assento volve á rócha alcantilada,
 Comsigo leva ao lucido Hemisferio
 A prole implume, timida, assustada:
 Se alli lhe vê voltar com vituperio
 Do solar raio a vista deslumbrada
 Entre as torcidas garras a espedaça,
 Não julga sua adulterina raça, e vultoso

Se filhos sois de Heroes, que a altiva frente
 Na Asia ennastrárão de sublimes louros,
 E ao lampejar da lamina fulgente
 Na Libya adusta avassallárão Mouros:
 Se deixárão seu nome permanente
 Depois da morte aos seculos vindouros;
 Salvai a gloria, o nome Lusitano
 De injustos ferros do maior Tyranno.

Não são as pedras da soberba Dio,
 (Muralhas n' outro tempo, hoje rúinas)
 Nem o Mahométa, o Arabe, ou Gentio
 Insulta agora as Portuguezas Quinas:
 Hum Monstro mais feroz, perfido, impío,
 Com duras armas de traições malignas;
 Vosso valor desperte, e esforço antigo,
 Opponde a força ao barbaro inimigo.

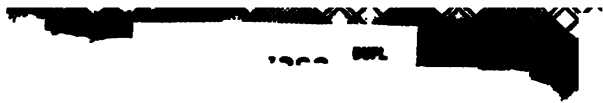
Vede os ossos nos campos espargidos,
 Onde vencestes os soberbos Mouros;
 Vede a pó, vede a cinzas reduzidos
 Com sangue illustre rociados louros:
 Entre as escravas hostes divididos
 Vossos nobres brazões, vossos thesouros;
 Correi, vencei, triunfai, que o Patrio Téjo
 Já de cobardes accusar-vos vejo.

Pizai doutrina inerte, que agrilhôa
 Em vís cadêas peitos bellicosos :
 Ah ! não forão assim na terra Eóa
 Os, de quem sangue herdais, Heroes famosos :
 Dio, Malaca, e duas vezes Gôa
 Libertárão de ferros vergonhosos ;
 Vós o Reino salvai quasi cativo ,
 Antes que ao jugo o prenda o Moastro altivo.

Não fecheis os ouvidos aos clamores
 Da lisongeira gloria, que vos chama,
 Já que de vossos inclytos maiores
 Em vossas veias sangue se derrama :
 Ide, a pezar dos annos voadores,
 Conseguir nome eterno, eterna fama ;
 Seguí-lhe os passos, imitai-lhe o exemplo,
 Subí com elles da Memoria ao Templo.

Hoje finda meu canto; hoje, que a gloria
 Quiz estampar nas paginas divinas
 Do volume immortal da Lusa Historia
 O mór brazão das triunfantes Quinas :
 Tremendo foge o *Genio da Victoria* ;
 Deixa de sangue tintas as campinas,
 Nem no profundo Inferno encobre o pejo
 D'alta derrota, que soffreo no Téjo.

FIM DO POEMA.



1999 001

1999 001

1999 001

1999 001

1999 001

1999 001

1999 001

1999 001

1999 001

1999 001

1999 001

1999 001

1999 001

1999 001

1999 001

1999 001

1999 001

1999 001

1999 001

1999 001

1999 001

1999 001

1999 001

1999 001

1999 001

1999 001

1999 001

1999 001

1999 001

1999 001